

PROGRAMAÇÃO		
DIA	HORA	ATIVIDADE/LOCAL
26/10 Segunda-feira	09:00	CRENCIAMENTO – Bloco H
	10:00	II FÓRUM DOS COORDENADORES DE MESTRADOS PROFISSIONAIS EM HISTÓRIA Profa. Dra. Natalia Pietra Méndez – UFRGS; Prof. Dr. José Iran Ribeiro – UFSM, Prof. Dr. Daniel Prado – FURG Coordenador: Prof. Dr. Roberto Radünz – UCS Local: Auditório do Bloco H
	13:00	MOSTRA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID Coordenadora: Profa. Dra. Daysi Lange - UCS Local: Auditório do Bloco H
	14:00	Mesa: MIGRAÇÕES DO SÉCULO XXI Abdoulahat Ndiaye - Representante da Associação Senegalesa em Caxias do Sul; Hamilton Xavier - Estudante Africano de Intercâmbio - Direito/UCS e Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia – UCS Coordenadora: Profa. Dra. Cristine Fortes Lia - UCS Local: Auditório do Bloco H
	16:30	Mesa: EDUCAÇÃO INDÍGENA Orilde Ribeiro - Escola Estadual de Ensino Fundamental Nivo - Farroupilha - RS e Bruno Ferreira - Instituto Estadual de Educação Indígena Angelo Mnhaká Miguel Coordenadora: Prof. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi - UFRGS Local: Auditório do Bloco H
	18:30	ATIVIDADE CULTURAL - Grupo TamTam África - Local: Saguão do Bloco H
	19:30	Conferência de abertura: INTERCULTURALIDADE, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: O QUE PODE O PROFESSOR DE HISTÓRIA? Profa. Dra. Júnia Sales Pereira – UFMG Coordenadora: Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz – UFRGS Local: Auditório do Bloco H
27/10 Terça-feira	09:00	OFICINAS Local: Bloco H
	14:00	APRESENTAÇÕES DE COMUNICAÇÕES Local: Bloco F
	17:30	Bate-papo: MOVIMENTO NEGRO E AS AÇÕES AFIRMATIVAS Juçara Quadros - Movimento Negro de Caxias do Sul e Davi dos Santos – Coletivo NEGRAÇÃO (Porto Alegre) Coordenador: Prof. Me. Lucas Caregnato – UCS Local: Auditório do Bloco E Bate-papo: POLÍTICAS E SOCIEDADES INDÍGENAS NO SÉCULO XXI Dra. Aline Ramos Francisco (PUCRS) Coordenadora: Profª. Me. Eliane Machado Correa Cardoso- UCS Local: Auditório do Bloco H
	18:30	LANÇAMENTO DE LIVROS E DO CONCURSO DE PARADIDÁTICOS Auditório do Bloco H
	20:00	SARAU DA HISTÓRIA – “A poesia na HISTÓRIA, a história na POESIA” Local: Zarabatana Café – Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho – Caxias do Sul/RS

PROGRAMAÇÃO		
DIA	HORA	ATIVIDADE/LOCAL
28/10 Quarta-feira	09:00	OFICINAS
	14:00	APRESENTAÇÕES DE COMUNICAÇÕES Local: Bloco F
	17:30	Mesa: A ÁFRICA NA SALA DE AULA Prof. Me. Jônatas Caratti - Unipampa Prof. Me. Jovani de Souza Scherer - Escola Municipal de Ensino Municipal Gabriel Obino - Porto Alegre Profª. Gilca Santana Pires – Escola Municipal de Ensino Fundamental Tancredo de Almeida Neves – Caxias do Sul Coordenadora: Alessandra Gasparotto - UFPel Local: Auditório do Bloco H
	19:30	Mesa de Encerramento: INTELECTUAIS NEGROS E INDÍGENAS: PROTAGONISTAS DA INTERCULTURALIDADE Gersen Baniwa – UFAM e Marisa Laureano – Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Sul Coordenadora: Profa. Dra. Katani Maria Nascimento Monteiro -UCS Local: Auditório do Bloco H
29/10 Quinta-feira	08:00	VISITA AO INSTITUTO MEMÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL – IMHC/UCS Local: Bloco 46
	13:00	MOSTRA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID Coordenadora: Profa. Dra. Daysi Lange - UCS Local: Auditório do Bloco H

OFICINAS

27/10/2015 – Terça-Feira – 9h às 12h – Bloco H

- Ditadura Civil-Militar e ensino de História**
Enrique Serra Padrós - UFRGS, Alessandra Gasparotto - UFPel, Caroline Silveira Bauer - UFPel, Marla Barbosa Assumpção - IFSul
Local: Sala 203 – Bloco H
- Ensino de Histórias e Culturas Africanas**
Sherol dos Santos - UFRGS, Jônatas Caratti - UNIPAMPA
Local: Sala 104 – Bloco H
- Histórias em Quadrinhos nas Aulas de História**
Daniel Clós Cesar - IFRS
Local: Sala 105 – Bloco H

4. **Direitos Humanos e Ensino de História**

Mariluce Vargas - UFRGS

Local: Sala 109 – Bloco H

28/10/2015 – Quarta-Feira – 9h às 12h – Bloco H

1. **Ditadura Civil-Militar e ensino de História**

Enrique Serra Padrós - UFRGS, Alessandra Gasparotto - UFPel,

Caroline Silveira Bauer - UFPel, Marla Barbosa Assumpção - IFSul

Local: Sala 203 – Bloco H

2. **Fontes Visuais no Ensino da História: Fotografias e Revistas Ilustradas**

Anthony Beux Tessari – UCS

Local: Sala 208 – Bloco H

3. **Ensino de História Indígena**

Danilo Braga - Escola Estadual Indígena de Ensino Médio,

Fág Kavá - Terra Indígena da Serrinha - Linha Alto Recreio - Ronda Alta

Local: Sala 305 – Bloco H

4. **Gênero e Ensino de História**

Natália Pietra Mendez - UFRGS,

Rejane Barreto Jardim - UFPel e Paula Azevedo - UFRGS

Local: Sala 105 - Bloco H

5. **A África no Cinema: Possibilidades para o Ensino de História**

Nilo André Piana de Castro - UFRGS

Local: Sala 109 – Bloco H

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES ACADÊMICAS**27 de Outubro**

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	102	I Formação de Professores	1. Caminhos entrecruzados: ensino de História, gênero e formação de professores/as – Paula Tatiane de Azevedo (UFRGS)
				2. PIBID de História/UFSM: algumas considerações – André Luis Ramos Soares (UFSM), Júlio Ricardo Quevedo dos Santos (UFSM) e Roselene Gomes Pommer (UFMS)
				3. História, sexualidade e gênero: grupo de pesquisa do projeto PIBID de História da UFPEL – Adriele Paula Frana (UFPEL) e Caroline Atencio Medeiros Nunes (UFPEL)
				4. Oficina de gênero e sexualidade: uma abordagem na escola – Bárbara Dalfovo Buffon (UFRGS), Maritsa Gonçalves Rieth (UFRGS) e Raul Kich Abreu (UFRGS).
				5. O professor pode ser considerado um intelectual orgânico? Teoria e prática indissociáveis reconhecidas através da análise da criação de materiais e estratégias didáticas na aula de História – Amanda Gabriela Rocha Oliveira (UFRGS)
				6. Educação em Direitos Humanos: outras reflexões, outras possibilidades de atuação no PIBID de História/ Feevale – Márcia Blanco Cardoso (FEEVALE) e Rodrigo Perla Martins (FEEVALE)
				7. O PIBID como espaço gerador da ação de planejar coletivamente – Bruna Letícia de Oliveira dos Santos (UCS)
				8. Por um ensino de várias cores: formação de professores à luz da História e Cultura Afro-brasileira e africana – Sandra Aparecida Marchi (UFSM)
				9. O ensino de História sob a perspectiva de professores iniciantes da cidade de Rio Grande (RS) – Caroline de Mattos de Moraes (FURG) e Jussemar Weis Gonçalves (FURG)
				10. Formação inicial de professores de História: aspectos didático-pedagógicos e consciência temporal – Susana Schwartz Zaslavsky (FAPA)
Coordenação: JULIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	113	I Fontes e ensino de História	<p>1. O Jornal <i>Chico Rei</i> de Poços de Caldas (1987 – 1989) como uma estratégia de ensino e implementação da Lei 10.639/03 – Gabriela Costa da Silva (FURG) e Daniel Porciuncula Prado (FURG)</p> <p>2. O uso de memórias em sala de aula – Bárbara Graciola (UCS), Bruna Grizza (UCS) e Fernanda Cristine Cardoso (UCS).</p> <p>3. O conceito de cotidiano como objeto de ensino de História por meio de narrativas literárias – Raul Costa de Carvalho (UFRGS)</p> <p>4. Línguas Africanas, língua de Negro: Um estudo social do africano escravizado através de vocábulos afro-brasileiros – Marília Conforto (UCS)</p> <p>5. Utilização de relatos de viagem no ensino de História: discutindo temas ambientais – João Davi Oliveira Minuzzi (UFSM)</p> <p>6. Os deuses devem estar loucos: Linguagem cinematográfica na formação do conhecimento nas aulas de História – Caroline Dall' Agnol (UCS)</p> <p>7. Ensino de História na formação do povo brasileiro a partir da ideologia de Gilberto Freyre em <i>Casa Grande e Senzala</i> em quadrinhos - Ana Paula Ody Batista (UCS)</p> <p>8. "Às vezes ficam chamando o bairro São João Bosco de 'vila', estas pessoas devem parar de falar estas coisas, nosso bairro é um bairro como qualquer outro" – Tobias Spagnolo (UCS) Eliana Gasperini Xerri.</p> <p>9. Literatura e História: uma análise das leis e costumes em torno do universo feminino em <i>Orgulho e Preconceito</i> – Nathalia Oliveira Ferreira (UNIFRA)</p> <p>10. Representação dos povos indígenas e ensino de História: a história em quadrinho como estratégia de aprendizagem. - Vanessa Carraro Armiliato (UCS)</p> <p>11. Estudo das ações e representações dos movimentos sociais Latino-Americanos no Ensino Fundamental: experimentações no PIBID/História UFRGS – Edson Antoni (UFRGS), Leonardo Egges (UFRGS) e Roberta Melo (UFRGS).</p>
Coordenação: ELIANA G. XERRI				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	112	II – Fontes e o ensino de História	<p>1. Com todo o meu amor: Análise de cartas enviadas por soldados da 1ª Guerra Mundial – Bárbara Juliana Lauxen (UFRGS), Lucas Porto de Azevedo (UFRGS) e Samantha Parisotto (UFRGS).</p> <p>2. "Como é bárbaro o nosso lar": As representações dos árabes e do Oriente Médio no filme <i>Alladin</i> da Disney – Jéssica Pereira da Costa (UCS)</p> <p>3. Gênero e ensino de História: análise da <i>Graphic Novel Persépolis</i> – Caroline Atencio Medeiros (UFPEL) e Adriele Paula Frana (UFPEL)</p> <p>4. On ou Off? A troca das relações interpessoais pelas relações midiáticas – José Gustavo Lisik (UFSM) e Ronei Rogerit Karsburg (UFSM)</p> <p>5. Nem tudo que reluz é Oscar: o cinema como instrumento para aprendizagem significativa em História - Denise Quitzau Kleine (UFRGS)</p> <p>6. Metodologia do ensino de História: O cinema como recurso didático – Alana Schuck (UNISINOS) e Wellington Augusto Blume (UNISINOS)</p> <p>7. O uso da internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades – Bruno Stelmach Pessi</p> <p>8. O jogo como suporte pedagógico no uso de documentos no ensino de História – Laura Bossle Carissimi (UCS)</p> <p>9. A guerra do Vietnã no cinema norte-americano: possibilidades de ensino de História a partir do <i>Fomos Heróis</i> de Randall Wallace – Diego Oliveira de Souza (UFSM)</p> <p>10. O ensino de História e a memória: a utilização do testemunho como fonte para o ensino da História do Holocausto judaico (Shoah) na 2ª Guerra Mundial – Kelen Katlen Staehler Indicatti (UCS)</p> <p>11. Pilares da tradição: o conceito de tradição no estudo da História da instituição escolar e na formação docente – Artur Diego da Silva Alexandrino (UNISINOS)</p>
Coordenação: NILTON MULLET PEREIRA				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	104	I História da Educação	<p>1. O ensino de História nas sociedades escolares polono-brasileiras na primeira metade do século XX: narrativas mestras, interculturalidade e identidade étnico-cultural – Fabiana Regina da Silva (UFSM) Jorge Luiz da Cunha (UFSM)</p> <p>2. Mulheres no Rio Grande do Sul do século XIX: seus silêncios, lutas e conquistas – Flávia Eloisa Caimi (UPF)</p> <p>3. História no Brasil: em busca de paradigmas – Éderson Gaike da Rosa (UFSM/UFRJ)</p> <p>4. Cultura política educacional autoritária: reformas educacionais e a influência da doutrina de Segurança Nacional (1964 -1985, em Santa Catarina) – Juliana Iranda da Silva (UDESC) e Yomara Feitosa de Oliveira Fejonato (UDESC)</p> <p>5. Educação profissional e tecnológica em um Brasil em transformação: compreensões históricas – Julio Cesar Ausani (UFSM)</p> <p>6. A produção de identidades através dos uniformes escolares: significação e conceituação – Letícia Oliveira Borges (FURG)</p> <p>7. As raízes históricas da desigualdade socioambiental no extremo sul do Brasil: um olhar sobre o surgimento da cidade de Rio Grande (1737) – Carlos R.S. Machado (FURG), Eron da Silva Rodrigues (FURG) e Kathleen Kate Dominguez Aguirre (FURG)</p> <p>8. Rompendo velhos preconceitos para construir novos conceitos: rupturas e permanências do conteúdo da História dentro do âmbito escolar – Adriana Pacheco Rolim (CIEP)</p> <p>9. Processos de resignificação cultural na Ëmã (aldeia) Põr Fi Ga em São Leopoldo – Maira Damasceno (UNISINOS)</p> <p>10. História das instituições escolares: Escola Normal Menna Barreto, em São Gabriel – Carlos Alberto Xavier Garcia, Marta Jaqueline Ramos Mendes e Maria Aparecida Possati dos Santos.</p> <p>11. O Ensino no Colégio Militar de Santa Maria – Aiman Jorge Franco (CMSM), Guilherme Dias (CMSM/UFSM) e Pedro Canabarro Cunha (CMSM).</p>
Coordenação: FLÁVIA E. CAIMI				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	110	I Políticas Educaçãois	<p>1. O Programa Nacional Biblioteca na Escola e o cotidiano escolar: tecendo caminhos para a implementação da lei nº 10.639/03 – Lueci da Silva Silveira (UFRGS)</p> <p>2. Culminância da lei 11.645/08: possibilidades de trabalhar a multiculturalidade em uma perspectiva interdisciplinar Eliana Relá (UCS) e Laura Bossle Carissimi (UCS)</p> <p>3. Relações étnico-raciais e ações afirmativas: discussões sobre currículo – Luciane dos Santos Avila (FURG)</p> <p>4. O referencial curricular de ensino da Rede Municipal de Farroupilha – Alice Ramona Barili (UFRGS)</p> <p>5. A barbárie da escravidão no século XIX – Bruno de Moura Pinto (UNIFRA), Isis Moraes Zanardi (UNIFRA) e Matheus Lauer (UNIFRA).</p> <p>6. Ensino de História e recepção das leis 10.639/03 e 11.645/08 em municípios do Rio Grande do Sul – Carla Beatriz Meinerz (UFRGS), Helen Stéfany dos Santos Pinheiro (UFRGS) e Vanessa Rosa da Costa (UFRGS)</p> <p>7. Diálogo entre professores: compreendendo as relações étnico-raciais – Vera L. Trennepohl (Unijuí)</p> <p>8. Relações interculturais: vivências em uma aldeia guarani – Elisete Larruscain da Silva (UFRGS), Juliana Duarte Flores (UFRGS) e Moghana Iantra Garavello Vasconcelos (UFRGS).</p> <p>9. Escrituras epistolares: desenvolvendo o conceito de interculturalidade entre crianças guaranis e crianças das escolas do PIBID – Ana Paula Rodrigues de Oliveira (UFRGS)</p> <p>10. O ensino de História e Cultura Afro-brasileira no Cursinho pré-vestibular Esperança Popular Restinga: o que e como ensinar – Kelvin Emmanuel Pereira da Silva (UFRGS)</p> <p>11. Vivência intercultural: uma forma de dar ouvidos aos povos indígenas – João Paulo Buchholz (UFRGS).</p>
Coordenação: CARLA B. MEINERZ				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	203	I – Patrimônio e educação patrimonial	1. Trabalhando o patrimônio: prédios, objetos e fotografias – Moisés Abraão Stein (FACCAAT)
				2. A história que representa: a educação patrimonial e o uso de elementos locais como forma de aproximação do aluno com que lhe é ensinado – André Luis R. Soares (UFSM) e João Vítor Sausen (UFSM)
				3. Memórias e esquecimentos no espaço urbano de Teutônia - Cristiano Nicolini
				4. Ensino de História e patrimônio escolar: os usos do passado no processo de patrimonialização do espaço físico da Escola E.E.F. Professor Olintho de Oliveira – Leandro Balejos Pereira (UFRGS)
				5. “Entre silêncios e memórias: as marcas da ditadura civil-militar em Pelotas”: aspectos da pesquisa para elaboração do roteiro de visitaçào – Nadine Mello Pereira (UFPEL), Suelena Cerbaro (UFPEL) e Tairere Ribeiro da Silva (UFPEL)
				6. Territórios negros: patrimônio afro-brasileiros em Porto Alegre – Cristine Moreira (UFRGS), Dionysius Mattos (UFRGS) e Maiara Cagliari (UFRGS)
				7. A minha escola também tem história: uma proposta de educação com o patrimônio histórico escolar para o ensino de História com turmas de 6º ano do Ensino Fundamental final da Escola Estadual Fernando Gomes (Porto Alegre/RS) – Adriana de Souza Quadros (UFRGS)
				8. Arqueologia e práticas educativas – Grasiela Tebaldi Toledo (UCS)
				9. A apropriação de referência históricos para a educação patrimonial em São João do Polênise – Ricardo Kemmerich (UFSM), Roselene Pommer (UFSM) e Zípora Rosauo (UFSM)
				10. Educação patrimonial: a cidade como recurso para o ensino de História – Carmem G. Burgert Schiavon (FURG) e Tatiane Carrilho Pastorini Torres (FURG)
Coordenação: GRASIELA TEBALDI TOLETO				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	114	I Práticas de Ensino	1. Múltiplas linguagens e variados espaços: a expectativa dos educandos de História no Ensino Médio – Janaína S. Teixeira (UNIFRA) e Jamile P. Bonini (UNIFRA)
				2. História e possibilidade de conhecimento para superação das diferenças sociais no contexto escolar – Rafaella de Aguiar Coradini (UFSM) e Vitor Otavio Fernandes Biasoli (UFSM)
				3. O ensino de História de jovens e adultos de nível Médio e o diálogo com as concepções governamentais da Educação histórica e da pedagogia crítica –Maurício José Adam (UFSM)
				4. O ENEM e o ensino de História Fabrício Romani Gomes (UNISINOS) e Suelen Marchetto
				5. Odiseu, professor de História: ensaio sobre algumas contribuições de Maurice Tardif e de Jorge Larrosa para uma interpretação do PIBID de História – Filipe Lérias Dorneles (UFRGS)
				6. Ensino de História e teoria e metodologia da História: miradas a partir do PIBID – Caroline Pacievitch (UFRGS) e Mara Cristina de Matos Rodrigues (UFRGS)
				7. Educação indigna: um relato de experiência na aldeia Ketyjug – etnia Kaingang (Santa Maria, RS) – Andressa Flores (UNIFRA)
				8. O potencial pedagógico da Idade Média imaginada – Bruno Chepp (UFRGS), Guilherme Mais (UFRGS) e Nilton Mullet Pereira (UFRGS)
				9. A lei da Cartola Laranja – Gilnei Daniel Jr. (UFSM), Theo Rosito Machado (UFSM) e Arioli Helfer (UFSM)
				10. Maniba, mandioca e aipim: origem, histórias e gastronomia da raiz brasileira – Gabriel Chaves Amorim (FEEVALE)
Coordenação: CAROLINE PACIEVITCH				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	14h	201	II Práticas de ensino	<p>1. Migrações: uma proposta de História temática no estágio supervisionado – Pedro Alcides Trindade de Melo (UPF)</p> <p>2. O que é o trabalho? Um retrato da classe trabalhadora do bairro Jardim dos Lagos –Alexandre Quadrado e Prof. Mateus Ranzan</p> <p>3. Hominídeos, vênus e Bruna: ensino de História e aprendizagem significativa em uma turma de educação de jovens e adultos – Welligton Rafael Balem (UFRGS)</p> <p>4. A competência narrativa através de jogos no ensino de História – Rafael Vicente Kunst (UFRGS)</p> <p>5. História da educação e a teoria queer: diálogos possíveis no processo de ensino-aprendizagem – Antoniel dos Santos Gomes Filho (UFC) e Cícero Edinaldo dos Santos (UFC)</p> <p>6. Subprojeto PIBID de História/UFSM: relato de experiência sobre oficina mesopotâmia antiga – Alan Patrick Buzzatti (UFSM), Emiliana Soares Ziani (UFSM) e Mauricio Hiroshi Filippin Oba (UFSM)</p> <p>7. O que acontece na escola? O Estágio supervisionado e a formação do professor de História – Daniela Maria Weber (UNIVATES) e Márcia Solange Volkmer (UNIVATES)</p> <p>8. O negro em seu processo histórico e cultural no Brasil: mediações e metodologias no campo docente – Cleusa Evanise dos Santos (FACCAT), Jessé Teixeira da Silva (FACCAT) e Lana Martiéli Schröer (FACCAT)</p> <p>9. Das margens ao centro: a história da África em uma experiência de estágio – Leticia Mistura (UPF)</p> <p>10. A História das Mulheres e a consciência histórica: uma investigação no 9º ano do Ensino Fundamental – Amanda Nunes Moreira (FURG)</p>
Coordenação: WELLIGTON R. BALEM				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
27/10	13H30	202	I - Produção e análise de material didático	<p>1. Amanara: "Dia com chuva". O ensino de História através de um jogo multitrilhas – André Luis Ramos Soares (UFSM), Calison Eduardo Santos Pacheco (UFSM) e Jéssica Fernanda Arend (UFSM)</p> <p>2. Ensino de história local: necessidades e perspectivas – Denise Belitz Quaiatto (UFSM)</p> <p>3. O ensino de identidade de gênero e orientação sexual – Eduardo Alberto de Almeida (UFSM) e Jordana Guidetti Pozzebon (UFSM)</p> <p>4. Jornal de Guerra: a construção do olhar do educando sobre o conflito mundial de 1914. Bruno de Moura Pinto e Matheus Lauer (UNIFRA)</p> <p>5. A trajetória política de João Ruaro Filho – Denise Ruaro Radaelli (UCS)</p> <p>6. O ensino de História para o Exército: um estudo de caso – Rodrigo Henrique Gonçalves (UFRGS)</p> <p>7. A República nos livros didáticos de História da Era Vargas (1938 – 1945) – Wanessa Tag Wendt (PUCRS)</p> <p>8. Um front de batalha nas guerras de História escolar: apontamentos e contribuições para o ensino de História da África – Anderson Vargas Torres (UFRGS)</p> <p>9. Projeto Conectividade: o ensino de História na web, telecurso 2000 e o sistema de resposta social – Elisiane da Silva Soares (UCS), Jaqueline Benvenuti (UCS) e Lucas Toglio (UCS)</p> <p>10. Mídias cinematográficas no ensino de História: a perspectiva discente sobre este recurso pedagógico – Luiz Paulo da Silva Silveira (FURG)</p>
Coordenação: SIRLEI GEDOZ				

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES ACADÊMICAS

28 de Outubro

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	110	III Fontes e ensino de História	<p>1. Imagens no ensino de História: Uma análise de pinturas que retratam a imigração alemã no ensino médio – Cyanna Missaglia de Fochesatto - UNISINOS</p> <p>2. Greves – 1917 e contexto atual: reflexões em sala de aula – Bianca Lopes Brites (UFSM) e Leticia Schio (UFSM)</p> <p>3. Fontes documentais em sala de aula: uma análise da escravidão a partir do sujeito escravizado – Bruna Letícia de Oliveira Santos (UCS), Roberto Radünz (UCS)</p> <p>4. Cinema e sala de aula: a indústria bélica na “Era Vargas” e hoje – Leandro da Silva Scariot (UCS)</p> <p>5. O uso do jogo eletrônico “Valiant Hearts: the great war” no ensino da primeira guerra mundial – Rogério Victor Maas Brasil (FURG)</p> <p>6. A repercussão do AI-5 na cidade de Caxias do Sul: Um estudo sobre os reflexos do decreto na terra da fé e do trabalho – Anay Camargo Rodrigues (UCS)</p> <p>7. A fotografia como uma nova estratégia para o ensino de história – Tatiane Gasperin de Chaves Guerra (UCS) e Jaqueline Benvenuti (UCS)</p> <p>8. Musica negra como resistência: África, Brasil e Estados Unidos – Bruno Ribeiro Oliveira (UFRGS), Davi dos Santos (UFRGS) e Gabriel Truccolo de Lima (UFRGS).</p> <p>9. Ensino de História: Juventude e contracultura norte americana na década de 60 utilizando o musical <i>Across the Universe</i>. Juliana Fick (UNIFRA), Julio César Pires Júnior (UNIFRA) e Nathalia Oliveira Ferreira (UNIFRA)</p> <p>10. A fotografia como fonte para uma aprendizagem significativa sobre o tempo histórico. Lara Moncay Regianto (UCS) e Katani Maria Nascimento Monteiro (UCS)</p> <p>11. Iniciação à docência e aprendizagem histórica com documentos: caminhos, desafios e experiências. Bruno Soares Batista (UFRGS), Eric Nelsis de Oliveira (UFRGS) e João Pedro Pinto Fernandes (UFRGS)</p>
Coordenação: ROBERTO RADÜNZ				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	114	II Formação de professores	<p>1. O envelhecimento humano como temática abordada na escola: experiências de iniciação à docência. Paula Évile Cardoso (UNESPAR), Luciana Vargas Jardim (UNESPAR) e Fábio André Hahn (UNESPAR)</p> <p>2. Pesquisa como método de ensino: a produção de um documentário com alunos da escola Santa Cruz. Adriano Panatieri dos Santos (UNISC) , Angélica Beatriz Klafke (UNISC) e Tiago Mello (UNISC)</p> <p>3. Etnografia e o ensino de história: algumas possibilidades. Caroline de Mattos de Moraes (UFRGS)</p> <p>4. Os sujeitos do ensino de história entre professores e alunos: a formação de professores e a dinâmica da sala de aula como processo de subjetivação. Gabriel de Souza Fagundes (UFRGS)</p> <p>5. O ensino de história e as noções de temporalidade: uma proposta de formação continuada para professores de história do ensino fundamental. Mara Betina Forneck (UFRGS)</p> <p>6. O ensino de história no PROEJA: reflexões sobre a prática docente com alunos trabalhadores. Paula Rochele Silveira Becher (UFSM), Denise Verbes Schmitt (UFSM) e Roselene Moreira Gomes Pommer (UFSM)</p> <p>7. Os laboratórios de ensino e o aprendizado em História. Bruna Franciele Buchebum da Silva (UCS) e Profa. Dra. Cristine Fortes (UCS)</p> <p>8. O ensino de história e a educação para a diversidade cultural. Márcia Solange Volkmer (UNIVATES)</p> <p>9. O Pibid e sua contribuição para os estágios curriculares em docência. Joceara de Carvalho (UCS)</p> <p>10. Pibid interdisciplinar educação do campo: discutindo interdisciplinaridade, educação do campo e ensino de história. Sandi Maumbach (UFSM) e Ane Carine Meurer (UFSM)</p>
Coordenação: NILTON MULLET PEREIRA				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	102	II Produção e análise de material didático	<p>1. Os conceitos e a mediação no processo ensino e aprendizagem em história. Aristeu da Rocha (PUCRS)</p> <p>2. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. Eliane Goulart Mac Ginity (UFRGS)</p> <p>3. O ensino de história no Brasil suas funções e implicações políticas e sociais – século XIX até a atualidade. Marilen Fagundes Peres e Tatiane Ritter (UFSM)</p> <p>4. A Ludicidade como recurso didático pedagógico na aula de história: possibilidades. Andressa Flores (UNIFRA), Deise Potter (UNIFRA)</p> <p>5. A produção de recursos didáticos e a utilização de recursos paradidáticos no ensino de história: o caso do Pibid História 2014/UFSM. Luciano Nunes Viçosa de Souza (UFSM), Taís Giacomini Tomazi (UFSM), André Haiske (UFSM).</p> <p>6. O uso historiográfico no ensino de história moderna: saberes e percepções em sala de aula. Letícia Chilanti (FURG)</p> <p>7. Produção de vídeos nas aulas de história. Laura Ferrari Montemezzo (UFRGS)</p> <p>8. A história das religiões e religiosidades e suas abordagens no livro didático. Cristine Fortes Lia (UCS) e Felipe de Almeida Hasse (UCS)</p> <p>9. Materiais didáticos interativos para o ensino de história: identificação, limites e potencialidades. Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad (UFSM), Gabriela Dambros (UFSM)</p> <p>10. Meu dicionário de História: construindo conceitos – Alexon Messias (UFSM), Augusto Pozzebon (UFSM) e Ricardo Kemmerich (UFSM)</p>
Coordenação: CRISTINE F. LIA				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	112	II Políticas Educacionais	<p>1. História indígena para alunos/as de ensino fundamental: uma experiência do projeto "temática indígena na escola – diversidade de saberes". Felipe Nunes Nobre (UFPEL)</p> <p>2. Maquete e ensino de História: Cotidiano no Egito e a Lei 10.639/2008. Calison Eduardo Santos Pacheco (UFRGS), Jéssica Fernanda Arend (UFRGS), André Luis Ramos Soares (UFRGS)</p> <p>3. A cultura Afra e Afro-Brasileira. Igor Tieres Glaeser (FACCAT), Moisés Abraão Stein (FACCAT), Vitória Nicolini Nunes (FACCAT)</p> <p>4. História da África e cultura afro-brasileira no currículo de história: possibilidades para o ensino fundamental. Sherol dos Santos (UFRGS)</p> <p>5. "O que pode o professor de história?" Oficinas de ensino de cultura afro-brasileira e indígena voltadas para as ciências exatas e naturais – uma experiência no IF Farroupilha Campus Alegrete. Mario Augusto Correia San Segundo – (IFFarroupilha)</p> <p>6. A Lei 11.645/08 e a produção de materiais (para) didáticos: um relato empírico. Gustavo Domingues Rodrigues (UFPEL) e Jéferson Barbosa Costa (UFPEL).</p> <p>7. O impacto da Lei de Cotas na Universidade Federal de Santa Maria. Julio César Ausani (UFSM)</p> <p>8. Alguns apontamentos a partir do projeto "Cotas: um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola". Alessandra Gasparotto (UFPEL), Lori Altmann (UFPEL), Gustavo Domingues (UFPEL).</p> <p>9. Representações sociais e ensino de história: contribuições para uma educação etnicorracial. Kathleen Aguirre (PPGH/FURG), Cassiane Paixão e Eron Rodrigues (PPGH/FURG)</p> <p>10. A Lei 10.639/03 na UFRGS: Sua implementação no ensino da história brasileira no século XXI. Eliane Almeida de Souza (UFRGS), Roseli da Rosa Pereira (UFRGS)</p>
Coordenação: ALESSANDRA GASPAROTTO				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	113	II Patrimônio e educação patrimonial	<p>1. Mulheres na história de Porto Alegre: uma reflexão sobre educação patrimonial e ensino de história a partir de experiência com caixa pedagógica no museu Joaquim Felizardo. Laura Spritzer Galli (UFRGS)</p> <p>2. Mandinga de Capoeira ou embranquecimento estratégico. Viviane Malheiro Barbosa. (UFRGS)</p> <p>3. Novos materiais didáticos para valorização de patrimônio cultural e história local. Marilen Fagundes Peres. (UFSM)</p> <p>4. Ensino de História, Memória e Patrimônio na Vila Belga: relatos de experiências. Adriéli Eduarda Castro Gomes Gabardo (UNIFRA), Diniz Mello Junior (UNIFRA), Maria Helena N. Romero (UNIFRA)</p> <p>5. Taji Poty: A educação Patrimonial e a valorização da cultura missioneira. Alexandra Begueristain da Silva (UFSM), Flávia de Araújo Pedron (UFSM)</p> <p>6. Os mitos do museu: a importância do pesquisador de história nas instituições de educação não formal. Mariana Duarte (UCS)</p> <p>7. Aproximando a universidade da comunidade escolar: relato de experiência do PIBID interdisciplinar da UCS e sua interação com o instituto memória histórica e cultural. Anthony Beux Tessari (UCS) e Luiza Horn Iotti (UCS)</p> <p>8. O olhar do aluno: em busca de novas metodologias e abordagens no ensino de história. Gláucia da Rosa do Amaral Alves (UNIFRA), Jocélia Scherer (UNIFRA), Jamile Padoin Bonini (UNIFRA)</p> <p>9. Por uma aprendizagem histórica: estudando a diversidade cultural local através de projeto. Dalva Neraci Reinheimer – (FACCAT)</p> <p>10. O inventário do comendador Domingos Faustino Correa: processos judiciais como fonte de pesquisa e ensino. Carmem G. Burgert Schiavon (FURG), Virgilina Edi Gularte dos Santos Fidelis de Palma (FURG)</p>
Coordenação: LUIZA HORN IOTTI				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	104	III Práticas de Ensino	<p>1. O RPG como técnica de investigação histórica: uma aventura possível? Letícia Mistura (UPF), Pedro Alcides Trindade de Mello (UPF)</p> <p>2. A produção de vídeos como ferramenta no ensino de história: um relato de experiência. Lucimar Alberti (UFRGS)</p> <p>3. Narrativa, jogo e ensino de história a partir do RPG. André Luís da Costa Corrêa (UFRGS)</p> <p>4. Ensino de História: saberes necessários ao currículo (1931 – 1971). Gisele Belusso (UCS)</p> <p>5. Rodas de conversa nas aulas de história: Ancestralidade africana nas religiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul. Juliano de Leon Viero Marques (UFSul)</p> <p>6. Alfabetização audiovisual: o ensino de história na era das narrativas audiovisuais rápidas e fluídas. Maria Marcelo Neto (UFPEL)</p> <p>7. Ensino de história da América latina: a experiência interdisciplinar do colégio de aplicação/UFRGS através da disciplina Estudos Latino-Americanos. Cassiano Floriano Fraga (UFRGS), Carla Martinez Falcão Pereira (UFRGS), Edson Antoni (UFRGS)</p> <p>8. Técnicas argumentativas e ensino de história: a construção da narrativa histórica em sala de aula. Marcello Paniz Giacomoni (UFRGS)</p> <p>9. "Atravessando os muros da escola, adentrando os muros da universidade": a interação da escola pública com a universidade pública na experiência do estágio. Janaina A. Conreiras (UFRGS), Michelle Sost (UFRGS)</p>
Coordenação: MARCELLO PANIZ GIACOMONI				

DIA	HORA	SALA	SESSÃO	TÍTULO/AUTOR(ES)
28/10	14h	107	IV Práticas de ensino	1. Diálogos com a sexualidade: a oficina dança dos corpos do PIBID história. Caroline Duarte Matoso(UFPEL) Larissa dos Santos Garcia (UFPEL)
				2. Confeção de máscara africana: uma metodologia para conhecer a diversidade da cultura africana. Élen Waschburger (FACCAT), Salete Rodrigues (FACCAT)
				3. As potencialidades do ensino da história das mulheres na formação da criticidade dentro da escola pública. Amanda Dal Cero (UCS) e Silvia Lazzaretti (UCS)
				4. A importância da pesquisa científica na educação básica e a contribuição do PIBID – UCS – Subprojeto de História. Fernando Menegat (UCS)
				5. A escravidão não acabou: especismo, exploração animal e outras teses inconvenientes. Eduardo Alberto de Almeida (UFSM), Jordana Guidetti Pozzebon (UFSM), Vinicius de Oliveira Motta (UFSM)
				6. Narrativas da antiguidade oriental- Mesopotâmia. Gabriela Schmitt (UFSM), Julio Ricardo Quevedo dos Santos (UFSM)
				7. Uma História infame: Maria Balteira e suas possibilidades na sala de aula. Carlos Eduardo Ströher (FEEVALE), Cláudia Gisele Masiero (FEEVALE), Cláudia Santos Duarte (FEEVALE)
				8. Avós em experiências: a memória cotidiana, o espaço da sala de aula e o fazer pedagógico no ensino de história. Izabel Cristina Durlin Menin (UCS), Eliana Relá (UCS).
				9. Literatura fantástica no ensino de história: Harry Potter e teorias raciais na sala de aula. Helen da Silva Silveira (UFSM), Mauricio Hiroshi Filippin Oba (UFSM)
				10. Práticas e dinâmicas históricas em sala de aula. Marisa Lina da Silva (FACCAT), Matheus Mathias (FACCAT), Renan Monteiro Dreyer (FACCAT)

Coordenação: ELIANA RELA

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ACADÊMICA

27 de outubro – Terça-feira – 14h às 18h

Sessão de Comunicação Acadêmica – I – Formação de Professores – Bloco H**1 - CAMINHOS ENTRECruzADOS: ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS**

Paula Tatiane de Azevedo/UFRGS - paulaaze@gmail.com

Pretende-se desenvolver, no âmbito escolar, uma análise sobre as representações de gênero dos professores/as de história. Tentar perceber de que forma esses educadores/as - a partir das suas concepções de gênero - estão ou não abordando as temáticas de gênero concomitante com a História das Mulheres. A partir dos resultados dessa análise propor uma oficina de Formação de Professores/as em Estudos de Gênero, a fim de observar as possíveis mudanças obtidas após a aproximação desses educadores/as com os estudos de gênero no ensino de história. O produto deste trabalho está ligado à formação de professores/as, essa formação consistirá no entrecruzamento entre o ensino de história e os estudos de gênero. A proposta é desenvolver uma formação de professores/as através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que subsidie a prática dos docentes de história para que os/as mesmos/as trabalhem os conteúdos, ou até mesmo, preparem currículos que contemplem as temáticas de gênero. Essa proposta tem como lócus de pesquisa professores/as de História de nonos anos dos anos finais do Ensino Fundamental, lotados na SME (Secretaria Municipal de Educação) de (Canoas/RS).

Palavras-Chave: Ensino de história, Gênero, Formação de Professores/as.

2 - PIBID DE HISTÓRIA/UFSM: ALGUNS REFLEXÕES

Roselene Gomes Pommer/ CTISM/UFSM - roselenepommer@ctism.ufsm.br

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos/ UFSM - j-quevedo@uol.com.br

André Luis Ramos Soares/ UFSM - alrsoaressan@gmail.com

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto História, na Universidade Federal de Santa Maria instituído em 2009, ampliado em 2011 e reorganizado em 2014. Objetivando o estímulo e a promoção na formação de educadores em História para a Educação Básica e tendo como aporte metodológico a Interdisciplinaridade, esse subprojeto já ofereceu oportunidades de vivências e experiências no ensino da História há mais de setenta acadêmicos. As intervenções em sala de aula, as oficinas desenvolvidas nos contra turnos, as produções de materiais didáticos como maquetes e jogos pedagógicos, permeados pelo planejamento e pelas discussões e avaliações coletivas, tem aproximado os bolsistas da dinâmica complexa que a realidade escolar apresenta, permitindo-lhes superar os desafios por ela apresentados. Dessa forma, o subprojeto PIBID/História perpassa os interesses da Universidade Federal de Santa Maria em interligar seus três eixos formadores: ensino, pesquisa e extensão e ainda, as propostas contidas no Plano Político Pedagógico do Curso de História, qual seja, proporcionar aos acadêmicos do Curso de História, maiores oportunidades

para o desenvolvimento de experiências e vivências em espaços escolares. Esse trabalho pretende refletir sobre a importância assumida pelo PIBID na valorização da docência entre os acadêmicos do Curso de História – Licenciatura e Bacharelado da UFSM.

Palavras-chave: PIBID, Ensino de História, Interdisciplinaridade, Realidade Escolar.

3 - HISTÓRIA, SEXUALIDADE E GÊNERO: GRUPO DE PESQUISA DO PROJETO PIBID HISTÓRIA DA UFPEL

Andrieli Paula Frana/ UFPEL - andrieli_pfrana@hotmail.com

Caroline Atencio Medeiros Nune/ UFPEL - carol.atencio1@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo apresentar a proposta do Grupo de Sexualidade e Gênero, pertencente ao projeto do PIBID História da Universidade Federal de Pelotas. O PIBID História está dividido em quatro grupos de pesquisa - PCN's, Educação Patrimonial, Cinema e Mídias, Sexualidade e Gênero – com a finalidade de pesquisar formas de tratar esses assuntos na sala de aula. Com a entrada de bolsistas em abril de 2014, o Grupo Sexualidade e Gênero foi criado a partir da percepção da importância e da dificuldade de se tratar as temáticas, sexualidade e gênero no ambiente escolar. Para isso iniciou-se uma pesquisa sobre os conceitos, de como eram tratados esses assuntos na escola, nos livros didáticos e nas leis que abrangem o currículo escolar. A pesquisa sempre buscou relacionar os temas sexualidade e gênero com os outros eixos temáticos propostos pelos grupos de pesquisa e com o Ensino de História. Como resultado, foram criadas oficinas para aplicar nas escolas do PIBID, não só para os alunos, mas também os professores. Foram criadas três oficinas até o momento, a primeira foi aplicada aos bolsistas do PIBID História, a segunda apresentada no evento III SEMINÁRIO PIBID UFPEL: AVALIANDO E SUPERANDO DESAFIOS DA DOCÊNCIA e aplicada a bolsistas de outras áreas do PIBID UFPEL, e a última foi desenvolvida apenas teoricamente, porém tem previsão de aplicação em outubro de 2015.

Palavras-chave: sexualidade, gênero, PIBID, História, Ensino.

4 - OFICINA DE GÊNERO E SEXUALIDADE- UMA ABORDAGEM NA ESCOLA

Bárbara Dalfovo Buffon/UFRGS - barbara.buffon@gmail.com

Maritsa Gonçalves Rieth/UFRGS - mari_rieth@hotmail.com

Raul Kich Abreu/UFRGS - rkichabreu@gmail.com

Tendo em vista a importância da discussão em torno das temáticas de gênero e sexualidade e levando em conta as demandas e necessidades dos jovens dentro das escolas, nós, coletivo do PIBID – UFRGS subprojeto em história, atuantes na E. E. Cel. Afonso Emílio Massot, planejamos e executamos uma oficina de gênero e sexualidade com quatro coletivos de terceiros anos. O presente trabalho visa o relato e reflexão acerca das abordagens em sala, ainda, de quais as possibilidades que se abrem para ensino de história ao se trabalhar a perspectiva de gênero. O grupo de pibideanos elaborou um planejamento inicial no intuito de buscar maior proximidade dos alunos de terceiros anos do ensino médio e de sondar como essa temática era percebida pelos estudantes. Com a ajuda da professora Natália Pietra Mendez do departamento de História da UFRGS, que trabalha com História das mulheres, buscamos um embasamento teórico para pensar e organizar nossa oficina. Após a realização da oficina decidimos teorizar sobre o que havíamos feito. A partir dessa prática analisaremos os impactos do nosso trabalho nos coletivos participantes da oficina realizada, e assim trabalharemos em cima da importância de se abordar gênero dentro da sala de aula do ensino básico.

Palavras-chave: PIBID, gênero, ensino, mulheres, História

5 - O PROFESSOR PODE SER CONSIDERADO UM INTELLECTUAL ORGÂNICO? TEORIA E PRÁTICA INDISSOCIÁVEIS RECONHECIDAS ATRAVÉS DA ANÁLISE DA CRIAÇÃO DE MATERIAIS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NA AULA DE HISTÓRIA

Amanda Gabriela Rocha Oliveira/ UFRGS - amandag.rocha@hotmail.com

A pesquisa aqui apresentada tem a intenção de reconhecer se poderíamos utilizar o conceito de "intelectual orgânico" para refletir sobre a formação do professor de história da escola básica. Tal problema surgiu a partir do questionamento acerca das discussões sobre teoria e prática docente, da hierarquia de importância das mesmas, se são ou não dissociáveis, se a profissão de docente da escola básica produz também conhecimento ou apenas reproduz aquele produzido por intelectuais na academia. Pensando nos contatos com os professores da escola básica e a partir da existência do Subprojeto História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid/UFRGS), propomos analisar se podemos considerar o profissional docente um intelectual orgânico, através de revisão bibliográfica da temática e da observação de aulas dos professores supervisores do Pibid. Partindo da hipótese de que teoria e prática docente são indissociáveis e de que o professor da escola básica produz conhecimento tanto quanto o professor/pesquisador acadêmico, com o diferencial de que o docente da escola básica é diretamente atuante na sociedade através da escola, queremos compreender se esse conceito gramsciano auxilia a compreender a profissão docente ou se será necessário a criação de novos conceitos a partir da observação das aulas e da produção, do que

chamamos por enquanto, de "materiais e estratégias didáticas", ou seja, tudo aquilo que o professor faz e cria constantemente no processo dialético de ensinar e aprender em sala de aula.

Palavras-chave: Educação, Ensino de História, Pibid, Intelectual Orgânico, Materiais e estratégias didáticas.

6 - EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: OUTRAS REFLEXÕES, OUTRAS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO PIBID HISTÓRIA FEEVALE

Márcia Blanco Cardoso / Feevale – mcardoso@feevale.br
Rodrigo Perla Martins / Feevale – rodrigomartins@feevale.br

A presente comunicação tem por objetivo apresentar o subprojeto Pibid História, da Universidade Feevale, e as reflexões sobre Direitos Humanos que o mesmo possibilitou, através da prática dos bolsistas, entre Universidade, Escolas e comunidade. O projeto PIBID Feevale está organizado em cinco subprojetos, sendo eles: Pedagogia, Letras (Português e Inglês), Artes Visuais, Educação Física e História. O subprojeto História foi iniciado em agosto de 2012 e atua em duas escolas da rede municipal de Novo Hamburgo (EMEF Prudente de Moraes e EMEF Francisco Xavier Kunst). Desde o princípio, definimos como temática norteadora de nossa prática, a questão da Educação em Direitos Humanos, tendo como referência, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) e as definições apresentadas pelo documento, sobre objetivos e temas são indicados para serem trabalhados na Educação Básica. As oficinas semanais, momentos de estudo, eventos e demais atividades planejadas e executadas versam sobre as mais diversas temáticas que dialogam com o PNEDH, além da utilização e reflexão constante sobre referências sobre o ensino de História, nesse contexto. Nestes mais de três anos de existência, o subprojeto conseguiu consolidar um espaço importante nas duas escolas, bem como dentro da própria Universidade, possibilitando a reflexão sobre o tempo presente, a diversidade e o cotidiano escolar, aproximando Escola e Universidade através da ação-reflexão constante de alunos, professores e acadêmicos.

Palavras-chave: Educação; Direitos Humanos; PIBID; Ensino; História.

7 - O PIBID COMO ESPAÇO GERADOR DA AÇÃO DE PLANEJAR COLETIVAMENTE

Bruna Letícia de Oliveira dos Santos/ UCS - blosantos@ucs.br

O presente trabalho consiste num relato sobre uma das práticas do PIBID/UCS - Subprojeto de História, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, que pretende abordar a experiência do trabalho de planejamento das atividades de forma coletiva envolvendo professor supervisor, bolsistas e coordenadora do subprojeto, bem como analisar a operacionalidade no espaço escolar, dentro desse formato, com aulas sendo desenvolvidas por mais de um professor. Parte-se do princípio que o PIBID possibilita nesse ato conjunto de planejar uma atitude reflexiva sobre questões caras ao ensino de história como o diálogo entre o saber acadêmico e a história ensinada. Essa análise será feita a partir dos planejamentos elaborados pelo grupo de trabalho e através das falas dos estudantes do sétimo ano do ensino fundamental, no sentido de perceber os significados que eles estão atribuindo a essa ação docente coletiva.

Palavras-chaves: PIBID, planejamento, ensino de história.

8 - POR UM ENSINO DE VÁRIAS CORES: FORMAÇÃO DE PROFESSORES À LUZ DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Sandra Aparecida Marchi/UFSM - ghetti12@hotmail.com

O presente trabalho busca provocar discussões no sentido de analisar, refletir, problematizar e implementar na formação continuada dos professores de séries finais (especificamente do componente curricular História) do município de Giruá, a educação das relações étnico-raciais. A Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais, buscaram traçar orientações curriculares nacionais para os diversos níveis da educação brasileira. A formação prevista em lei deve instrumentalizar os professores para que estes venham a desenvolver em sala de aula conteúdos, metodologias e práticas que contemplem a história e cultura do negro, difundindo conhecimentos base do que vem a contemplar a cultura africana e afro-brasileira. A referência metodológica baseia-se em estudos bibliográficos e análise documental. O investimento na formação continuada dos professores dos níveis de educação atendidos pelo sistema municipal de ensino é de suma importância, visando dessa forma oportunizar experiências, atualização, mudança de paradigmas e o efetivo cumprimento da Lei nº 10.639/2003.

Palavras-chave: relações étnico-raciais, Lei nº 10.639/2003, formação continuada de professores, currículo escolar.

9 - O ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DE PROFESSORES INICIANTE DA CIDADE DO RIO GRANDE (RS)

Caroline de Mattos de Moraes/ FURG - caroliinee_moraes@hotmail.com
 Jussemar Weiss Gonçalves/FURG - jussweiss@hotmail.com

Este trabalho busca trazer a perspectiva do professor de História jovem, na concepção de novo na profissão e possuir vitalidade ímpar, não devemos relacionar com idade cronológica. Oito professores com graduação concluída a partir de 2010, pela Universidade do Rio Grande, se propuseram a nos auxiliar nesta pesquisa que visa mostrar sua posição em relação ao início da carreira, a percepção de seu trabalho, do ensino de História, deste começo de jornada. A estrutura do trabalho, no entanto, vai um pouco além, tentaremos fazer uma interlocução das escolhas durante a vida de cada indivíduo até a chegada na graduação, este enquanto aluno de licenciatura e agora, então, professor. Para a realização deste iremos nos valer de duas metodologias, a história oral e a etnografia, pensando em um aprofundamento maior no ambiente escolar e articular a vida pessoal e profissional deste professor. Desta maneira iremos encontrar na narrativa de nossos protagonistas representações de seu cotidiano na construção de uma identidade docente, para isso a história oral será parte fundamental para a realização da pesquisa. A investigação através da etnografia se dará pela observação participante, o quanto mais natural, melhor. Pois a grande característica dessa metodologia é tentar captar o máximo de determinado grupo, suas expressões, seus significados. Esta pesquisa se encontra em fase de coleta de dados e construção teórica, portanto não observamos considerações finalizadas deste trabalho.

Palavras Chave: Professor Iniciante, Ensino de História, Perspectivas, História Oral, Etnografia.

10 - FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE HISTÓRIA: ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS E CONSCIÊNCIA TEMPORAL

Susana Schwartz Zaslavsky /FAPA – susanazasla@yahoo.com.br

O presente artigo faz parte da pesquisa de doutorado da autora. Investiga como os sujeitos, estagiários de último ano de graduação em História, constroem os conhecimentos necessários para se tornarem professores de História. Procura-se uma forma de qualificar o ensino de História, com vistas à melhoria das aprendizagens dos alunos da educação básica. Nesse sentido, a autora busca nas pesquisas do seu mestrado, o fio condutor para a formação de professores, levando em conta um ensino voltado para a compreensão e não para a memorização, em que os alunos possam, através da problematização dos conteúdos, estabelecer comparações espaço temporais, com um olhar crítico sobre os acontecimentos do passado e do presente. Entende-se que, para que esse tipo de ensino possa ocorrer, é necessário que o acadêmico, estudante graduando em História, aqui denominado professor de História em formação inicial, tenha a oportunidade de vivenciar, no planejamento das suas aulas, reflexões sobre as relações espaço temporais, problematizando as relações entre presente e passado, trazendo a realidade para dentro da sala de aula, reconstruindo o conceito de tempo histórico, mudando ao mesmo tempo, a si mesmo e ao objeto, através da metodologia de ensino.

Palavras-chave: formação de professores, ensino de história, aprendizagem de história, problematização, relações espaço temporais.

Sessão de Comunicação Acadêmica - I Fontes e Ensino de História– Bloco H**1 - O JORNAL *CHICO REI* DE POÇOS DE CALDAS (1987-1989) COMO UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO E IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03**

Gabriela Costa da Silva / FURG - gabibi9@hotmail.com
 Carmem G. Burgert Schiavon / FURG - cgbschiavon@yahoo.com.br
 Daniel Porciuncula Prado / FURG - danielhistprado@yahoo.com.br

A presente proposta de comunicação tem por objeto de análise o jornal *Chico Rei*, auto denominado informativo alternativo independente do Centro de Cultura Afro-Brasileira Chico Rei, que teve circulação no período de 1987 a 1989, na cidade de Poços de Caldas/MG. Para tanto, visamos a análise de algumas possibilidades de uso do periódico destacado como um recurso ao ensino de História e à implementação da Lei 10.369/03. Nesta direção, buscamos o desenvolvimento de um trabalho direcionado à valorização e ao respeito à diversidade. Para tanto, afirmamos que o jornal *Chico Rei* pode ser utilizado como uma ferramenta para o ensino de História e trabalho de modo curricular com a referida Lei, tendo em vista que além de estimular o debate acerca da situação da comunidade negra na sociedade brasileira, o jornal retrata e valoriza a influência da cultura afro-brasileira na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Jornal *Chico Rei*, Ensino, História, Lei 10.639/03.

2- O USO DE MEMÓRIAS EM SALA DE AULA

Bárbara Graciola / UCS - bgraciola@ucs.br
 Bruna Grizza / UCS - bgrizza@ucs.br
 Fernanda Cristine Cardoso / UCS - fets.fer@gmail.com

O presente trabalho versa sobre a experiência realizada em turmas de terceiro ano do ensino médio, na Escola Estadual Técnica de Caxias do Sul, pelo subprojeto de História do PIBID – Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. A atividade consistiu em abordar a temática da Segunda Guerra Mundial a partir da análise de trechos da obra *O diário de Anne Frank*. A proposta do trabalho está ancorada na perspectiva do uso de documento no ensino de História como fonte de informação possibilitando aos estudantes um contato mais “realista” com uma determinada situação histórica vista e vivenciada por uma pequena menina judia no século XX. Através desta perspectiva foi possível desenvolver debates com os alunos relacionando a vivência de Anne Frank na Segunda Guerra com certas representações dos alemães, salientando para os alunos que este documento é uma narrativa das memórias de uma judia e que não menciona as outras pessoas que sofreram com a grande guerra.

Palavras-chaves: Diário, Anne Frank, Segunda Guerra Mundial, Memória.

3 - O CONCEITO DE COTIDIANO COMO OBJETO DE ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DE NARRATIVAS LITERÁRIAS

Raul Costa de Carvalho / UFRGS - raul.costa@hotmail.com

Pelo menos nos últimos cinquenta anos, a vida cotidiana tem sido objeto de reflexão de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que, partindo de perspectivas teóricas distintas, contribuíram para o desenvolvimento desta categoria. Partindo das discussões teóricas sobre o cotidiano, pretende-se refletir sobre as possibilidades de utilização deste conhecimento acadêmico nas aulas de história da educação básica. Assim, o trabalho propõe uma metodologia que tenha o conceito de cotidiano como objeto de ensino, utilizando como recurso a Literatura, tomada como uma ferramenta de acesso ao passado eficaz para o processo de aprendizagem nas aulas de história.

Palavras – chave: ensino de história, cotidiano, literatura.

4 - LÍNGUAS AFRICANAS, LÍNGUA DE NEGRO: UM ESTUDO SOCIAL DO AFRICANO ESVRAVIZADO ATRAVÉS DE VOCÁBULOS AFROBRASILEIROS.

Prof. Dra. Marília Conforto / UCS - mc.14@terra.com.br

A comunicação terá dois objetivos: Primeiro apresentará resultados da pesquisa em desenvolvimento: **LÍNGUAS AFRICANAS, LÍNGUA DE NEGRO: UM ESTUDO SOCIAL DO AFRICANO ESVRAVIZADO ATRAVÉS DE VOCÁBULOS AFROBRASILEIROS**, que propõe a reflexão sobre os vocábulos de origem africana que no processo de escravização e da diáspora evidenciam o *lócus social* e identitário do africano-negro. A língua africana no processo da diáspora deixa de ser representativa de uma multiculturalidade étnica para se transformar em língua de negro. Os vocábulos escolhidos para o estudo também representam a forma de compreensão da realidade espaço-social vivida pelos africanos no processo da organização do tráfico negreiro. Partimos do pressuposto que as questões econômicas e sociais que resultaram na escravização das populações africanas construíram uma nova identidade pautada na cor de pele. Esse processo influenciou as línguas africanas, que no momento da travessia do Atlântico, passaram a ser, pejorativamente, língua de negro. Outro aspecto importante é que os registros sobre os cativos africanos são em sua maioria redigidos pelas estruturas de poder político-econômico português e os vocábulos de origem africana constituem assim em uma possibilidade de resgatar o patrimônio cultural do falante africano que no espaço escravista brasileiro a passa a ser definido como negro-cativo e falante de uma língua de negro. O segundo objetivo será apresentação dos vocábulos como possibilidade de prática pedagógica para o ensino da história social da escravidão brasileira.

Palavras-chave: Escravidão, Vocábulos afrobrasileiros, Sócio-linguística.

5 - UTILIZAÇÃO DE RELATOS DE VIAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA: DISCUTINDO TEMAS AMBIENTAIS

João Davi Oliveira Minuzzi / UFSM - jdminuzzi@gmail.com

Neste presente trabalho proponho discutir questões sobre a utilização dos relatos de viagem nas aulas de História através do olhar da História Ambiental. Acredito que este tipo de fonte pode trazer relevantes discussões sobre as relações da sociedade com a natureza ao longo da História, além de poder instigar os alunos e proporcionar atividades mais interdisciplinares. Os relatos podem ser explorados a partir de diversos eixos, sendo a relação das pessoas com o seu

meio um importante eixo que pode aproximar as questões pesquisadas na História Ambiental das aulas de História. Além disso, os alunos poderão ter contato com debates sobre meio ambiente ao longo da História, que são tendências e demandas atuais na área.

Palavras-Chave: História Ambiental, Educação Ambiental, Relatos de viagem, Ensino de História.

6 - OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NA FORMAÇÃO DE CONHECIMENTO NAS AULAS DE HISTÓRIA

Caroline Dall’Agnol / UCS - carolineagnol@gmail.com

O artigo tem por objetivo traçar apontamentos pedagógicos sobre a utilização do cinema como ferramenta de apoio na ampliação do conhecimento nas aulas de História e demonstrar o quanto a linguagem cinematográfica é capaz de despertar o interesse dos estudantes pelo conteúdo trabalhado na disciplina. Para alcançar o propósito, escolhemos como objeto de

estudo o filme *Os Deus devem estar loucos*, de 1980, escrito e dirigido por Jamie Uys. A opção tem por finalidade ilustrar o período histórico da Guerra Fria. Utilizamos a técnica de Marc Ferro (2010) que divide o filme em roteiro e conteúdo. Isso nos permite criar um paralelo entre a época que o filme foi produzido e a forma como o enredo aborda questões ligadas ao Capitalismo, por meio do simbolismo da garrafa da Coca-Cola – objeto representativo do mundo ocidental. Através dessa linguagem, imagem e som, os estudantes desenvolvem a criticidade necessária para compreender o mundo que o cerca. Potencializam sua capacidade de comparação das relações sociais permeadas pelo capital e aprimoram o entendimento sobre ideologia de dominação presente até os dias de hoje. Esse artigo faz um panorama do Cinema-História, apropriando-se dos conceitos de Ferro (2010) e Nóvoa (2012) com o intuito de assimilar como o cinema é utilizado em sala de aula, e como tem superado os resquícios de resistência dos historiadores do início do século XX.

Palavras-chave: Cinema-História; Ensino de História; Ideologia e Linguagem cinematográfica.

7 - ENSINO DA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO A PARTIR DA IDEOLOGIA DE GILBERTO FREYRE EM *CASA GRANDE & SENZALA EM QUADRINHOS*.

Ana Paula Ody Batista / UCS - apobatista@hotmail.com

É muito importante que os clássicos do pensamento social brasileiro (sejam da História, da Sociológica ou da Antropológica) cheguem até os alunos das escolas de ensino Fundamental e Médio. Entretanto, a adaptação dessas obras nem sempre existem, e quando existem, são adaptações que necessitam de cuidados especiais na sua utilização, por serem pensamentos e reflexões historicamente datados, ficando, assim, a cargo do professor ou professora a tarefa de adequá-los. Tendo em vista que a obra máster de Gilberto Freyre *Casa Grande & Senzala (1933)* contribuiu para a formação de uma ideologia da cultura brasileira, figurando ainda nos dias atuais como um ícone teórico que inclusive sustenta o mito da democracia racial, o presente estudo pretende analisar as possibilidades e os problemas que podem surgir na utilização da versão em quadrinhos como fonte “didática” nas aulas de História, através das representações culturais de raça e gênero que a obra apresenta. Para tal pesquisa, serão utilizadas como objetos de estudo as edições de Casa Grande & Senzala original e a versão em quadrinhos. Teoricamente merecem destaque neste trabalho os aportes teóricos de Renato Ortiz (1998) para tratar sobre a problemática da identidade cultural brasileira, Peter Burke (1991) sobre história e literatura e Carlos Guilherme Mota (1985) e Boris Fausto (2003) para apoiar-se sobre a história do Brasil Colonial.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; escravos negros; povo brasileiro; ensino de história.

8 - “AS VEZES FICAM CHAMANDO O BAIRRO SÃO JOÃO BOSCO DE “VILA”, ESTAS PESSOAS DEVEM PARAR DE FALAR ESTAS COISAS NOSSO BAIRRO É UM BAIRRO COMO QUALQUER OUTRO”

Tobias Spagnolo / UCS - tobiasspagnolo09@gmail.com

Eliana Gasparini Xerri / UCS – egxerri@ucs.br

O papel da escola é relevante na construção da identidade dos sujeitos. O ensino de história tem papel fundamental na formação da cidadania, ao estimular no estudante a criticidade partindo de uma reflexão de natureza histórica. Percebendo a significativa função social exercida pela escola em estudo, esse trabalho tem por objetivo examinar a construção da identidade dos moradores do Bairro de periferia São João Bosco – PROMORAR, localizado no município de Nova Prata, Rio Grande do Sul - Brasil. O bairro surge na década de mil novecentos e oitenta com a necessidade de amenizar os problemas de habitação da parcela da população carente da cidade. Concomitante com o nascimento do Bairro tem início às atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Josué Bardin, no ano de mil novecentos e oitenta e três, para atender as crianças desta localidade. Assim, ao pensarmos a função da escola e sua interação com

a sociedade, a mesma, possui uma significação própria pelo contexto existente no bairro, mesmo sendo uma instituição pública, com legislação e estrutura advinda do poder externo. O estudo faz parte da pesquisa intitulada "A escola e o bairro: o papel da Escola Padre Josué Bardin na construção da identidade dos moradores do bairro São João Bosco", que foi desenvolvido no Programa de Pós- Graduação Lato Sensu, Mestrado Profissional em História, da Universidade de Caxias do Sul. Para análise foram utilizadas fontes produzidas por estudantes da escola e entrevistas realizadas com moradores do Bairro São João Bosco, compreendendo a relação entre narrativas, memória e construção identitária entendidas como construções histórico sociais.

Palavras chave: Escola, Identidade, Bairro, Ensino, História.

9 - LITERATURA E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS LEIS E COSTUMES EM TORNO DO UNIVERSO FEMININO EM ORGULHO E PRECONCEITO

Nathalia Oliveira Ferreira / UNIFRA - nathalia_rs@hotmail.com

Este artigo pretende analisar a sociedade inglesa do final do século XVIII e início do século XIX em suas transformações com relação à moral e aos costumes, e a influência destas no universo feminino. O ponto de partida será o romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, publicado pela primeira vez em 1815. Pretende-se, também, demonstrar que a utilização como recurso didático de obras literárias produzidas dentro dos períodos históricos estudados pode ser útil e frutuosa na percepção dos elementos sociais e do imaginário das pessoas da época. A literatura possui uma relação direta entre seu objeto – a obra – e o contexto histórico em que está inserida, pois é uma manifestação cultural que ocorre através de um processo ativo. Além disso, o estudo de textos literários proporciona uma análise mais profunda, aproximando conteúdo e forma. Para usar a literatura como um recurso didático para o ensino da História se analisa tanto quem escreve, quanto as condições políticas, sociais, econômicas e culturais em que a obra é produzida, pois ela não está isolada, mas inserida em seu tempo histórico, sofrendo sua influência e o influenciando. Da literatura pode-se extrair uma plena significação, desde que compreendida no contexto histórico, pois dela pode se extrair aquilo que as pessoas refutavam ou desejavam que ocorresse na sociedade. Desta maneira, a utilização da literatura para o ensino de História é um meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem de modo que a compreensão de um determinado período histórico torna-se mais acessível e agradável ao tomar a forma de histórias contadas pelos próprios agentes históricos dos períodos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Literatura, Leis e Costumes, Universo Feminino.

10 - REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS E ENSINO DE HISTÓRIA: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

Vanessa Carraro Armiliato / UCS - vcarmili@gmail.com

História em Quadrinhos como linguagem é também uma estratégia de leitura e escrita que podemos utilizar de forma interdisciplinar, estimulando o processo criativo para abordar conceitos importantes e servir de ponto de partida para discussões. O objetivo deste artigo é discutir o emprego e a construção da História em Quadrinhos (HQs) no ensino da História, apontando os pontos fortes e frágeis desta estratégia desenvolvida em sala de aula. A estratégia partiu do tema Colonização e a Ocupação nas Américas, com a possibilidade de trabalhar a representação dos povos indígenas. Este texto apresenta como pano de fundo a Legislação de 2008, lei 11.645, a qual torna obrigatório o ensino sobre a história e culturas indígenas nos currículos escolares brasileiros. No processo da construção deste texto, o conceito de interdisciplinaridade será amparado em Ivani Fazenda. A pesquisadora Léa das Graças Camargos Anastasiou, fundamenta o conceito de estratégia e, como pontos fortes e frágeis serão apresentadas evidências sobre questões de leitura do texto histórico e o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a representação do indígena.

Palavras-chave: História, Estratégia, Legislação, Interdisciplinaridade, História em Quadrinhos.

11 - ESTUDO DAS AÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS LATINO-AMERICANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIMENTAÇÕES NO PIBID-HISTÓRIA-UFRGS

Edson Antoni / UFRGS - professor.antoni@gmail.com

Leonardo Eggres / UFRGS -eggresleo@gmail.com

Roberta Melo /UFRGS -roberta.melo@ufrgs.br

O presente trabalho tem como objetivo relatar algumas reflexões e experiências obtidas no desenvolver das atividades realizadas na disciplina de Estudos Latino-Americanos. Implementada a partir do primeiro trimestre de 2015, tanto a disciplina, quanto as temáticas inseridas na sua composição foram escolhidas em virtude da necessidade de trabalharmos com temas que não são abordados habitualmente em sala de aula, ou que usualmente são abordados sob uma ótica eurocêntrica, que não condiz com a pluralidade da realidade latino-americana. Nesse sentido, escolhemos apresentar

experimentações advindas do período correspondente ao segundo trimestre letivo, realizadas junto às turmas de nono ano, cuja temática diz respeito ao estudo dos movimentos sociais na América Latina. Ensinar e dialogar com educandos sobre movimentos sociais de “Nuestra América” é fazer uma retomada de passados ocultos (Pollak, 1989)¹ na medida em que a noção de centralidade e superioridade da cultura europeia consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas “diferentes” (Carvalho, 1996)². De tal forma, nossa experiência embasou-se em enfatizar identidades e culturas de movimentos sociais que habitualmente são reduzidos a insignificância. Ao longo de um trimestre, portanto, refletimos junto a educadores e educandos sobre músicas, poemas, outras formas de cultura e de história produzidos por aqueles e aquelas que foram deixados à margem pelo discurso hegemônico. Construímos textos e trouxemos outros de autores e autoras latino-americanos que trabalharam com os temas abordados, reforçando as lutas, conquistas e produções culturais das camadas subalternizadas da América Latina.

Palavras Chaves: Ensino de História; América Latina; Pibid; Movimentos Sociais.

Sessão de Comunicação Acadêmica - II Fontes e Ensino de História– Bloco H

1 - COM TODO MEU AMOR: ANÁLISE DE CARTAS ENVIADAS POR SOLDADOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.

Bárbara Juliana Lauxen / UFRGS - lauxen11@gmail.com

Lucas Porto Azevedo / UFRGS- lucas.porto-azevedo@hotmail.com

Samantha Parisotto / UFRGS - samanthaparisotto@hotmail.com

O ensino de História da Contemporânea possibilita a utilização de fontes históricas, disponíveis ao grande público, com certa facilidade. Acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial geram reflexões constantes e aguçam a curiosidade do alunado. Nesse sentido, os subprojetos de História e de Português da UFRGS, ambos atuantes no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, elaboraram a oficina interdisciplinar para estudo da Primeira Guerra através da análise de cartas elaboradas por soldados. A atividade foi desenvolvida em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio da escola, que concluía seus estudos sobre o assunto. Dentre os objetivos deste trabalho estão o desenvolvimento da percepção das cartas como um meio de propagação de informações, a importância das cartas para as famílias e para os soldados, bem como fonte histórica. A atividade iniciou com a exposição sobre o gênero carta, sua tipologia e estrutura, e questionamento sobre a presença dessa prática de escrita no cotidiano do alunado. Após, foi realizada uma relação entre a Primeira Guerra e as cartas produzidas pelos soldados. Posteriormente, a turma foi dividida em grupos, que receberam imagens de caráter ilustrativo sobre a guerra para, a partir delas, escrever uma breve carta, podendo ocupar o papel de qualquer sujeito histórico. A oficina possibilitou uma profunda interação dos alunos com o objeto de estudo, trazendo sentido e importância a este tipo de correspondência, também gerou curiosidade e compreensão sobre os discursos presentes nas cartas estudadas.

Palavras-Chave: Primeira Guerra Mundial, cartas, soldados, ensino de história, interdisciplinaridade.

2 - “COMO É BÁRBARO O NOSSO LAR”: AS REPRESENTAÇÕES DOS ÁRABES E DO ORIENTE MÉDIO NO FILME ALLADIN DA DISNEY

Jéssica Pereira da Costa / UCS - jpcosta1@ucs.br

Este trabalho tem o objetivo de analisar as representações acerca dos povos árabes e o Oriente Médio que o filme Aladdin, produzido pela Disney em 1992, apresenta. Este filme faz parte do período denominado “renascimento” do estúdio onde voltaram a ser produzidas obras de animação de sucesso sendo em sua maior parte histórias baseadas em clássicos. Este filme foi baseado no conto árabe “Aladdin e a lâmpada maravilhosa” contido em “As mil e uma noites”. Tornou-se o filme mais bem sucedido do ano de 1992 faturando mais de 217 milhões de dólares nos EUA e mais de 504 milhões de dólares no mundo todo e embora tenha recebido críticas positivas sofreu processos das comunidades árabes que o consideraram racista e ofensivo. O seu sucesso gerou uma série animada para a televisão que é popular entre crianças e jovens até hoje. Pretende-se observar o cinema como um produto cultural e como tal pressupõe-se que ele sofra e exerça influência sobre a cultura dominante, as produções artísticas que os indivíduos criam expressão o conjunto de valores sobre os quais eles foram condicionados. O filme cria e recria representações de mundo e no caso de Aladdin, cria imagens acerca dos árabes que contribuem para a construção de um estereótipo. Para realizar esta análise e reflexão serão selecionadas algumas cenas e uma música que faz parte do enredo da produção. Além de discutir essas imagens acerca do Oriente Médio pretende-se propor estratégias de trabalho com o filme em sala de aula, no ensino de História.

Palavras-chave: Filme Aladdin, Oriente Médio, Árabes, Ensino de História

3 - GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA: ANÁLISE DA GRAPHIC NOVEL PERSÉPOLIS

Caroline Atencio Medeiros / UFPEL - carol.atencio1@gmail.com
 Andrieli Paula Frana / UFPEL - andrielip_frana@hotmail.com

O presente trabalho surgiu em conjunto com o subgrupo de pesquisa do PIBID História UFPEL, "Ensino de História e... sexualidade e gênero" em formato de oficina, inicialmente desenvolvida ao durante o III Seminário do PIBID UFPEL, em dezembro de 2014. Nesta oficina, o debate principal se focou em torno da discussão da relação de gênero e ensino de história baseada no conteúdo do filme Persépolis, posteriormente a pesquisa pode se aprofundar, baseando-se na análise da *Graphic novel* do mesmo título. Persépolis é *uma graphic novel* lançada no Brasil pela Companhia das letras no ano de 2007, narrando a história autobiográfica de Marjene Satrapi, e sua visão a partir do momento histórico a qual está vivenciando: a Revolução Iraniana em 1979. Buscamos por meio deste trabalho, evidenciar o uso da obra Persépolis como ponto de partida das discussões acerca Ensino de História e Gênero através de análise de imagem e discussões teóricas abrangendo as temáticas correspondentes.

Palavras-chave: Quadrinhos, Gênero, Ensino, PIBID.

4 - ON OU OFF? A TROCA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS PELAS RELAÇÕES MIDIÁTICAS

Ronei Rogertt Karsburg / UFSM - roneirogertt@gmail.com
 José Gustavo Lisik /UFSM - joselisik@gmail.com

Realizamos através do PIBID História-UFSM a atividade "On ou Off? A troca das relações interpessoais pelas relações midiáticas", no intuito de problematizar por meio do ensino de História a temática da Revolução Industrial e seus efeitos deletérios na contemporaneidade, a saber, o uso constante de aportes digitais nas relações de interação, em evidente substituição das relações interpessoais, mediadas pelo fator social humano, em troca das relações midiáticas, estas por sua vez voláteis e efêmeras. Nosso objetivo constitui-se em mostrar o quanto o uso destas mídias digitais está "aproximando os distantes, ao passo que distancia os próximos", e assim inverte a lógica da sociabilidade "mecanizando os homens" e "humanizando as máquinas". Ao fim da atividade proposta, demonstramos ao alunado por meio de uma dinâmica de grupo, que consistia na apresentação de um a um dos discentes frente aos seus pares, a possibilidade de "solidificar relações" através de uma interação que não a tecnológica, propondo pelo viés do diálogo sem intermediação midiática, uma forma de interagir frente ao outro, na intenção de que os mesmos se comunicassem verbalmente, resgatando deste modo a prática singela do diálogo verbal e presencial, que permite uma interação mais eficaz e genuína, mais próxima do real e mais distante do ilusório, e assim por dizer mais humana.

Palavras chave: Ensino de História, PIBID, Mídias digitais.

5 - NEM TUDO O QUE RELUZ É OSCAR: o cinema como instrumento para aprendizagem significativa em História

Denise Quitzau Kleine – UFRGS - denise.kleine@gmail.com

O cinema e a produção cinematográfica têm sido cada vez mais acessíveis, e os meios de comunicação em massa acabam servindo para uma grande quantidade de pessoas como única fonte de informação sobre o passado, divulgando, retomando ou consolidando discursos sobre outros povos, grupos sociais e culturas. As escolas têm sido munidas de projetores e livros didáticos têm trazido cada vez mais sugestões de filmes para serem utilizados nas aulas de história, porém percebemos que, de maneira geral, os filmes têm sido utilizados na escola para fins comprobatórios do que o professor tratou em suas aulas expositivas ou apenas para ilustrarem o conteúdo. Pensando sobre o poder de alcance do cinema e de seu uso frequente nas escolas, em especial nas aulas de história, este trabalho pretende refletir sobre a possibilidade de construção de uma proposta metodológica que possa utilizar o cinema de forma mais rica e reflexiva no âmbito da escola, não limitando sua abordagem ao tema explícito dos filmes, mas que possibilite ao aluno compreender que toda obra fílmica é uma construção narrativa e, como tal, pressupõe escolhas que significam valorizar personagens em detrimento de outros, minimizar, estereotipar ou silenciar grupos, e que muitas dessas escolhas narrativas são reflexo de silêncios e da nossa própria sociedade, ou seja, pretende que o cinema possa ajudar a instrumentalizar o aluno para que ele possa pensar historicamente sobre si e seu entorno e que a História a possibilidade de escrita de diferentes passados.

Palavras-Chave: História – Ensino – Cinema – Aprendizagem Significativa

6 - METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO

Alana Schuck / UNISINOS – alana_schuck@hotmail.com
 Wellington Augusto Blume / UNISINOS – welingtonblume@hotmail.com

A grande quantidade de materiais didáticos que têm surgido nas últimas décadas, contribuiu para uma melhoria nas dinâmicas e reflexões entre docentes e discentes. Dentre eles, destaca-se o cinema. Este recurso, se utilizado de forma criativa e reflexiva, pode proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, pois o filme possibilita a criação de realidades através de imagens em movimento. Pensando nisso, temos como objetivo apresentar uma reflexão acerca das metodologias que englobam essa prática docente. Utilizando-se dos estudos efetuados por Marcos Napolitano, apresentaremos um panorama de possibilidades a respeito do cinema como recurso didático. Para elucidar as metodologias do autor, exemplificaremos, através de experiências vivenciadas em sala de aula com o grupo do PIBID, suas possíveis aplicações. Os resultados foram positivos e, por isso, salienta-se que essa ferramenta amplia o leque de alternativas educativas para o professor e permite maior proximidade com o corpo discente.

Palavras-chave: Ensino de História, Cinema, Metodologias.

7 - O uso da internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades

Bruno Stelmach Pessi / Rede Municipal Guaíba e Estadual – RS - brunopessi@gmail.com

Há três anos lecionando História percebi diversas possibilidades e dificuldades, como a utilização dos recursos digitais. Neste artigo abordo a relação dos alunos com a internet para as aulas de História. Apesar do amplo acesso à internet no Brasil, destacando a ampliação dos espaços digitais nas escolas, ainda há muita dificuldade de utilizar esses recursos. Nesse ambiente é de se esperar que exista uma integração dos recursos digitais com as práticas pedagógicas. Porém, observa-se diversos problemas: sucateamento, falta de capacitação técnica de professores e, o principal, a dificuldade entre os alunos de utilizar essas tecnologias como ferramentas de aprendizado. O artigo parte da percepção prática de que o acesso à internet não está necessariamente relacionado com um processo de autonomia na educação. Pelo contrário, observa-se nos alunos uma falsa percepção de que a disseminação da informação através da internet significa que o conhecimento já está pronto. Em geral não há, por parte dos alunos, uma imersão no conhecimento, apenas a transferência da informação da internet para outro suporte. O trabalho apresentado utiliza uma experiência das aulas de História do sétimo ano na EMEF José Carlos Ferreira em Guaíba para questionar a utilização da internet como uma ferramenta pedagógica de forma não-tradicional, que desenvolva a autonomia entre os estudantes, encarando as dificuldades encontradas em sala de aula e as possibilidades de aprendizado observadas.

Palavras-chave: internet – educação digital – dificuldades – relato de experiência – autonomia

8 - O JOGO COMO SUPORTE PEDAGÓGICO NO USO DE DOCUMENTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Laura Bossle Carissimi / UCS - lauracarissimi@gmail.com

Pensar o ensino da história hoje, como em outras áreas de conhecimento, passa pelo exercício de explorar novas práticas educativas. A introdução dos jogos nas aulas de História oportuniza experimentações pedagógicas de construção do conhecimento, além de permitir novas práticas culturais. Na Área das Humanas, em especial na História, busca-se desenvolver a capacidade reflexiva e crítica do passado através da compreensão das relações econômicas, políticas e sociais em uma interface com o presente. Na busca desse conhecimento significativo também as práticas pedagógicas precisam de uma nova leitura das culturas juvenis, onde se enquadram os sistemas lúdicos, em especial, os jogos. A presente comunicação objetiva apresentar o jogo de tabuleiro investigativo que está sendo desenvolvido como requisito final no Programa de Pós Graduação em História da UCS. De forma significativa o jogo *Arquivo Sete Zero* que está sendo confeccionado como suporte pedagógico permitirá um estudo mais participativo, aprofundando e lúdico do período da ditadura civil-militar. O objetivo do jogo pode variar com a escolha metodológica do professor como: narrativas, dossiê, mapa conceitual, entre outros. Neste conjunto de ações para uma aprendizagem significativa (SEFFNER, 2013), a utilização do jogo na sala de aula oportuniza o aluno a interação social, a “emoção” que a jogabilidade permite, a investigação, o levantamento das fontes, a interpretação e a autonomia, buscando o conhecimento significativo. Nesta análise das práticas pedagógicas com a utilização das fontes documentais (ABUD; SILVA; ALVES, 2010) no ensino de História, se busca a valorização da pesquisa com o objetivo de proporcionar ao aluno a construção do conhecimento histórico. A aplicabilidade do jogo será oportunizada aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual João Triches, além dos estudantes de licenciatura de História da Universidade de Caxias do Sul, afim de aprimorar o jogo.

Palavras-chave: jogo, autonomia, documentos, interpretação.

9 - A GUERRA DO VIETNÃ NO CINEMA NORTE-AMERICANO: POSSIBILIDADES DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DE “FOMOS HERÓIS” DE RANDALL WALLACE

Diego Oliveira de Souza / UFSM – diego.o.souza@hotmail.com

Este artigo tem como objetivo central apresentar perspectivas de ensino de História, acerca da Guerra do Vietnã, a partir do filme “Fomos Heróis” do diretor de cinema Randall Wallace. Desse modo, partindo da análise da película, acompanhada de levantamento bibliográfico, bem como de fontes da imprensa, trata-se de estabelecer alguns pontos que permitem abordar Guerra do Vietnã, em sala de aula, no momento em que se registra a efeméride da passagem dos 40 anos do fim do conflito armado. Do ponto de vista teórico-metodológico, visando explorar a relação Cinema e História, a produção norte-americana sobre a Guerra do Vietnã foi estudada através dos elementos identificadores propostos pelo historiador Robert Rosenstone para definir o estilo cinematográfico atinente ao drama comercial. Sendo assim, para atender seu objetivo, o artigo foi dividido em dois eixos fundamentais. No primeiro deles, realizou-se a contextualização da Guerra do Vietnã, destacando-se a tentativa de promover a responsabilização internacional dos Estados Unidos pela prática de crimes contra a humanidade, perpetrados durante o conflito. No segundo eixo, buscou-se estabelecer a compreensão do filme “Fomos Heróis” a partir dos elementos definidas por Robert Rosenstone, enfatizando-se o questionamento acerca da capacidade do filme corresponder a um tributo aos “heroicos” soldados norte-americanos envolvidos na Guerra do Vietnã.

Palavras-Chave: Guerra do Vietnã, Cinema Norte-Americano, Ensino de História, Fomos Heróis.

10 - O ENSINO DA HISTÓRIA E A MEMÓRIA: A UTILIZAÇÃO DO TESTEMUNHO COMO FONTE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO JUDAICO (SHOAH) NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Kelen Katlen Staehler Indicatti / UCS - kelen.staehler@gmail.com

A partir da perspectiva de utilização de novas práticas para o ensino de história em sala de aula, buscou-se, com uma breve análise do livro didático, identificar as lacunas que poderiam ser trabalhadas de forma alternativa, tais como a memória. Dentro do contexto da segunda guerra mundial, evidenciada no material didático, pelo front, percebemos que o Holocausto (Shoah) aparece apenas como um pequeno complemento da história, sendo que foi um dos momentos mais traumáticos da história contemporânea e está muito distante dos alunos. Precisamos trazer um sentido para o ensino da história, dessa forma a utilização da memória e do testemunho tem como princípio a aproximação entre o educando e a história. A memória carregada de sensibilidade visa contribuir para que os alunos tenham consciência da incerteza do passado e participam da construção da história, para a educação da cidadania. Tendo como base esses princípios, os educandos participaram de um evento onde puderam escutar, alguns sobreviventes do Holocausto, que com suas memórias trouxeram aos alunos a significância e a importância dessa memória e o porquê precisa ser preservada, não esquecida.

Palavras-chave: história, memória, ensino de história, holocausto.

11 - PILARES DA TRADIÇÃO: O CONCEITO DE TRADIÇÃO NO ESTUDO DA HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DOCENTE

Artur Diego da Silva Alexandrino / UNISINOS - arturalexandrino@gmail.com

Os elementos discutidos nesse texto resultam dos estudos para a minha dissertação, onde observo os elementos que produzem a tradição do Colégio Dom Feliciano, situado no município de Gravataí/RS, através das narrativas de sujeitos envolvidos no processo de formação docente entre os anos de 1970 a 1990. A dissertação fundamenta-se nos preceitos da História Cultural, utilizando a História Oral como metodologia. O conceito de tradição, elaborado por Hobsbawm e Ranger, é primordial no processo de análise, através dele busco elementos que auxiliam na identificação e na compreensão do discurso de tradição que envolve o colégio ao longo do período estudado. A investigação dos objetivos propostos configura-se em duas categorias analíticas: a identificação e a análise dos elementos que constituem e fundamentam a tradição da instituição escolar e a formação de professores. Nesse intuito, identifiquei nas narrativas as representações sobre os processos de formação dos alunos do Colégio Dom Feliciano, tendo o entendimento da memória como documento capaz de auxiliar na compreensão da produção do discurso que constituem a tradição da instituição. Nas representações estão presentes o imaginário coletivo que, sustentado ao longo da história, consolida uma tradição. No registro dessas memórias torna-se necessário o registro oral pela técnica de entrevistas, nesse projeto chamado de narrativas cujo objetivo é reconstruir o histórico das instituições e as práticas educacionais. Os entrevistados da pesquisa são sujeitos representantes de todos os segmentos envolvidos nos processos educativos (supervisores, professores e alunos), totalizando quatro entrevistadas, todas ex-alunas, sendo que duas exerceram cargos de professora e orientação/supervisão na instituição e em atividade no curso de formação. Esse número de entrevistas contempla as

necessidades da pesquisa por representar a diversidade de sujeito do universo educativo da instituição. O referencial teórico, o conceito de Tradição, estabelece diálogo com a ideia da invenção da tradição institucional existente no Dom Feliciano. Inserida numa concepção histórica, a invenção da tradição indicam importantes elementos que devem ser analisados em seus contextos e estabelecendo relações mais amplas na sociedade. A invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição. As tradições inventadas podem ser percebidas de diferentes formas. As que se estabelecem ou simbolizam as coesões sociais ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; as que se estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade e aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inclusão de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. As tradições solidificam-se diante das práticas de natureza ritual ou simbólica, que se identificam pela escolha e constituição de certos valores e normas de repetição e comportamento, remetendo a um conhecimento apropriado e materializado em permanência e uma continuidade. A instituição formadora pesquisada se configura como um colégio renomado na comunidade de Gravataí. Esse renome ou tradição se constituiu ao logo das décadas e se manifesta, por vezes, no discurso de qualidade de ensino e/ou na composição do seu corpo docente. Os focos de análises foram referenciais para a elaboração e organização do roteiro das entrevistas. Assim evidencio nas memórias os aspectos referentes às experiências de formação no Dom Feliciano, assim como sobre a tradição do colégio. Posteriormente a realização das entrevistas e das transcrições, iniciei as primeiras análises do material, resultando na organização de subcategorias referente à ideia de Tradição: Tradição da Profissão Docente, Tradição do Colégio Dom Feliciano e o Prédio da instituição como uma tradição. A profissão docente nas últimas décadas sofre profundas transformações, resultante de uma série de fatores, porém se pensarmos em um tempo no passado demonstra um cenário “às avessas”, onde os professores eram valorizados socialmente. Os aspectos que determinam a decisão de ser professor, atualmente e no passado, se assemelham em muitos elementos, entre eles, a ideia de que a profissão docente representa um emprego seguro e de relevância social. Essa ideia está vinculada ao entendimento da importância da docência, ou seja, alimentado pela sociedade e também por uma “consciência” profissional; o professor entende seu trabalho como o ato de garantir a transmissão e a continuidade da experiência humana. Entendo essa responsabilidade ou compromisso social como resultado de discursos sobre a profissionalização do professor, formando assim, uma tradição na profissão docente. Estabelecem para os professores, que se sentem responsáveis ou crenças de que seu trabalho seja fundamental para a sociedade, um sistema de valores e/ou um padrão de comportamento, correspondendo a uma das categorizações sobre a invenção da tradição. Abordo a discussão e análise referente à tradição do Colégio Dom Feliciano pelas representações das entrevistadas sobre o prédio da instituição. Os sujeitos de memória relatam classificações que configuram suas representações, referentes ao prédio do colégio na qual realizaram sua formação profissional. Essas representações colaboram para compreender a tradição da escola, pois elas são resultantes de socializações e coesões sociais que legitimam a instituição e seu *status* de autoridade. O prédio do Colégio Dom Feliciano, por estar localizado nessa região central da cidade, torna-se um importante elemento no projeto urbanístico, com a ampliação do colégio na construção do prédio destinado ao Ginásio, em 1939. As reformulações realizadas no antigo prédio e nova edificação ficaram unidas por um viaduto ou passarela que passa sobre a Avenida José Loureiro da Silva. A passarela sobre a avenida que conecta os prédios da instituição constitui determinada representação sobre a importância que o Colégio Dom Feliciano possui no município; seu lugar na educação da cidade corrobora com esse lugar de tradição ou até com o elemento que compõe a invenção de uma tradição, onde a “passarela” é reconhecida, identificada e relacionada não somente com o colégio, mas com a cidade de Gravataí. O prédio/passarela produzem representações sobre o colégio, configurando importantes elementos da invenção da tradição que buscavam institucionalizar o Colégio Dom Feliciano. A tradição consolidada de um colégio de qualidade que apresentava ser “*diferente*” já na sua arquitetura imponente produz, também, representações sob o tipo de formação empregado na instituição. Alguns relatos expõem as representações sobre a fachada arquitetônica do prédio escolar refletem algumas características do tipo de formação existente no Colégio Dom Feliciano, cujas representações indicam uma formação com características disciplinadora e rígida, podendo se comparada a outras instituições reguladoras e/ou repressoras, como um convento ou um presídio. A arquitetura do prédio implica em representações de poder e disciplina, sendo esses aspectos percebidos externamente para a comunidade local. Porém, tais aspectos atribuídos a fachada do prédio, também são refletidos nas práticas de formação da instituição e contribuem para a invenção da tradição, quando consolida a autoridade da instituição e padrões de comportamento. Os relatos apontam o colégio como “*uma marca muito forte*”, indícios de consolidação da tradição institucional produzida pelos discursos de qualidade educacional. A representação dessa marca forte já estava presente na escolha em fazer o Curso Normal no Dom Feliciano, representava que estudar na instituição significava uma vontade, constituiu nas relações sociais próximas. Diante dessas representações torna-se importante ressaltar as características significativas do colégio, primeiramente uma instituição privada e vinculada a uma congregação religiosa, características que já indicam fortes elementos que legitimam a invenção da tradição. O fato da instituição ser privada reflete a concepção do colégio ser destinado às camadas mais abastadas da sociedade local e das regiões mais próximas. As representações se constituem e colocam o colégio como um espaço de *status* econômico e social, fato que se evidencia nas narrativas que indicam uma valorização dos sobrenomes das famílias mais tradicionais. A tradição institucional do colégio na cidade possui como aspecto de legitimação, a ideia de qualidade do seu corpo docente no entendimento que a melhor escola da cidade exigia os melhores profissionais de ensino. O colégio possui vínculos com uma congregação religiosa, assim, os aspectos religiosos representam importante referência de observação e análise, pois os valores religiosos são fortemente sentidos nos

registros institucionais, na filosofia do colégio, na formação humana cristã e em ações cotidianas. 2 O tipo de formação é uma das subcategorias analisadas na dissertação. A discussão referente a esse tema está inserida a categoria práticas pedagógicas que busca entender o processo de formação do Curso Normal do Colégio Dom Feliciano. A tradição institucional e religiosa se referênciam em modelos de condutas expressados pela disciplina, tanto para a formalização da conduta ideal quanto à questão dos conteúdos se faz necessária a estratégia da disciplina como um importante recurso. A tradição de uma escola de qualidade no ensino passa por essas estratégias e a sistematização da disciplina exige a hierarquização, exercida no Colégio Dom Feliciano pelas irmãs, assim e aos professores cabia admitir as ordens sem problematizar. A proposta dessa investigação está na identificação e análise dos elementos que compõem a tradição da instituição e suas representações nas memórias dos sujeitos em formação.

Palavras-chaves: História das Instituições. Formação de Professores. Representação. Tradição e Práticas Pedagógicas.

Sessão de Comunicação Acadêmica – I História da Educação – Bloco H

1 - O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SOCIEDADES ESCOLARES POLONO-BRASILEIRAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: NARRATIVAS MESTRAS, INTERCULTURALIDADE E IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL

Fabiana Regina da Silva / UFSM – fabianareginadasilva@yahoo.com.br
Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha / UFSM - jlcunha@smail.ufsm.br

O presente trabalho visa tecer reflexões sobre o ensino de história nos processos educacionais escolares étnicos entre polono-brasileiros e a identidade étnico-cultural. Trata de escolas situadas nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, durante os séculos XIX e XX, definidas a partir de 1896 como Sociedades Escolares, nas quais, as orientações para o ensino eram veiculadas por organizações situadas tanto no Brasil, quanto, na Polônia, entre estas, o Departamento de Educação em *Lwów*, na parte Austríaca, e, a Associação de Professores no Paraná. Tais orientações foram fortalecidas após 1920, com a reunificação da Polônia - anteriormente dividida entre Prússia, Austria e Rússia, a instituição do consulado polonês em Curitiba no Paraná e a criação da União das Sociedades Polonesas *Kultura* e *Oswiata*, ambas com orientações ideológicas distintas, além, da chegada de intelectuais poloneses. Tornam-se comuns as práticas de civismo, culto à bandeira e nominar escolas e sociedades se reportando a heróis poloneses - atividades que fortalecem definições culturais significadas a partir de uma representação do passado como história, a construção de uma memória histórica *polônica* - narrativas mestras que nas relações de comunicação interculturais dadas nos espaços sociais e na luta por poder (JORN RUSEN, 2008, 2014), quando, "Não existe poder sem cultura e também não há cultura sem poder" (MARTINS, 2007), forjam definições étnico-culturais e identitárias em um processo contínuo de diferenciação entre grupos dada na interação social (POUTIGNAT e STREIF- FENART, 1998). A temática do artigo é relevante, quando trata de dimensões como empoderamento, cultura, identidade étnica e diferença, articuladas ao ensino de história.

Palavras-chave: Escolas étnicas, Polono-Brasileiros, Ensino de História, Cultura, Poder.

2 - MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX: SEUS SILÊNCIOS, LUTAS E CONQUISTAS

Flávia Eloisa Caimi – UPF/RS - caimi@upf.br

A história das mulheres vem ganhando visibilidade como campo historiográfico nas últimas décadas, mas se trata de abordagem bastante recente. No âmbito da história escolar e nos livros didáticos de História, todavia, as mulheres aparecem nominalmente em determinadas efemérides, em situações inusitadas, por vezes heroicas, são pouco visibilizadas como sujeitos de direitos e são restritamente reconhecidas como parte substancial da compreensão histórica, do conhecimento do passado e da formação para a cidadania. Ainda que se ampliem as pesquisas e se aprofundem as análises relativas à presença feminina na história no campo historiográfico, a inserção de tal temática se dá muito timidamente no espaço escolar. Isso ocorre, dentre outras razões, pela persistência de uma tradição escolar que prioriza a presença de determinados sujeitos históricos – homens, europeus, elites políticas –, em detrimento de outros, como mulheres, afrodescendentes, indígenas, por exemplo. A proposta deste artigo, pautada em metodologia bibliográfico-documental, se inscreve na perspectiva de uma historiografia que busca dar visibilidade às mulheres do Rio Grande do Sul no século XIX, no que diz respeito às suas lutas e interações na sociedade desta época, focalizando especialmente a intencionalidade de oferecer alguns recursos documentais para abordar o tema no campo da história escolar, que possam subsidiar o professor em seu trabalho na sala de aula. Espera-se que, ao manusear documentos históricos advindos de

diferentes fontes e segmentos da sociedade, os alunos compreendam que a História não é unívoca, nem é monocausal. Ainda, espera-se que reconheçam que coexistiram no mesmo espaço social e na mesma cronologia temporal, mulheres submissas, mulheres rebeldes, mulheres autônomas, mulheres dependentes e, nesse sentido, o olhar sobre a figura feminina na história deve reconhecer a multiplicidade de papéis e significados negociados entre os homens, as mulheres e as instituições sociais de seu tempo.

Palavras-chave: história escolar, mulheres, historiografia, fontes.

3 - HISTÓRIA NO BRASIL – EM BUSCA DE PARADIGMAS

Éderson Gaike da Rosa / UFSM - bussunda.hist@gmail.com

o artigo versa sobre as dificuldades para a definição no tempo presente da ciência histórica, sobretudo na questão de seus fins, analisando a história no Brasil depois dela ter passado por certezas quase absolutas e/ou ter servido aos interesses de Estado, ideologias ou governos. O momento do final dos anos 1950 até meados dos anos 60 e, posteriormente, a década de 1990 em diante tem apresentado o desafio para historiadores e professores, a construção de uma identidade sobre história, seus meios e seus propósitos, de maneira a dar um caráter científico para o estudo histórico, com sua redefinição e diferenciando história, enquanto método, de "curiosidades do passado".

PALAVRAS-CHAVE: História, historiadores, professores, ensino, redefinição.

4 - CULTURA POLÍTICA EDUCACIONAL AUTORITÁRIA: REFORMAS EDUCACIONAIS E A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA DE SEGURANÇA NACIONAL (1964-1985, SC)

Juliana Miranda da Silva / UDESC - jumirandasilva@gmail.com

Yomara Feitosa Caetano de Oliveira Fagionato / UDESC - yocaetano@hotmail.com

Neste artigo problematizamos aspectos da "cultura política educacional autoritária" na esteira dos debates sobre as culturas políticas, definidas como contraditórias e fluídas, inseridas no campo da História do tempo presente. Assim, buscamos apontar caminhos de investigação possíveis para estudos historiográficos acerca de políticas educacionais, com enfoque nos projetos reformadores do último período ditatorial brasileiro (1964-1985). Nesse sentido, propomos pensar o projeto de nação desenvolvido no referido período, a partir das reformas do Ensino de 1º e 2º grau, da formação de professores do ensino secundário em Santa Catarina e da adequação do modelo educacional brasileiro às novas dinâmicas do capitalismo alinhado aos interesses de agentes internacionais e da burguesia nacional. Por meio das referências bibliográficas pontuamos em que medida o Estado militar empreendeu reformas e mudanças nas políticas educacionais, fornecendo a possibilidade de explorar a influência da Doutrina de Segurança Nacional na política educacional da época.

Palavras-chave: Culturas políticas, reformas educacionais, ditadura, formação de professores, Doutrina de Segurança Nacional.

5 - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM UM BRASIL EM TRANSFORMAÇÕES: COMPREENSÕES HISTÓRICAS

Julio Cesar Ausani / UFSM - julioausani@via-rs.net

O referido projeto de pesquisa faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação profissional e Tecnológica, Curso de Mestrado Acadêmico em Educação Profissional e Tecnológica, do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), unidade integrante da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Através de pesquisas bibliográficas, análises de periódicos, impressos ou online e de depoimentos orais, pretende-se refletir sobre as bases do processo histórico de implantação e de transformação da educação profissionalizante, no Brasil, desde a década de 1930, até o início do século XXI, tendo o ensino técnico profissionalizante em Santa Maria como estudo de caso. Efetivado a partir do primeiro período de governo de Getúlio Vargas (1930-1945), esse processo sofreu alterações durante os governos de Juscelino Kubitschek (1956-1961), dos presidentes militares (1964-1985), no período após a ditadura civil-militar e, mais recentemente, após 2003 quando foi criada a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), do Ministério da Educação. Para refletir sobre as alterações desse período, buscar-se-á compreender as relações entre as ações políticas e econômicas adotadas na época, (Planos Nacionais de Desenvolvimento, o chamado Milagre Econômico Brasileiro, a reabertura política, a promulgação da Constituição Nacional de 1988 e a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996) e as demandas determinadas a partir da reestruturação do sistema capitalista em nível

mundial. Acredita-se que a compreensão desse processo seja fundamental para a definição das políticas públicas para a Educação Profissional e Tecnológica em um país em transformação sócio laboral.

Palavras-Chave: Educação, Profissional, Tecnológica, Trabalho, Transformação.

6 - A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES ATRAVÉS DOS UNIFORMES ESCOLARES – SIGNIFICAÇÃO E CONCEITUAÇÃO

Letícia Oliveira Borges / FURG - leti.oliveira.borges@gmail.com

Este artigo tem por objetivo principal levantar e discutir questões relacionadas ao uniforme escolar no Brasil. Num primeiro momento busca-se realizar uma revisão bibliográfica sobre a história do uniforme e as particularidades que o mesmo apresenta e, posteriormente, delinear conceitos que possam problematizar de que modo as identidades dos sujeitos constituem-se através desse uniforme. O presente artigo é parte do projeto de mestrado em execução no PPGH da FURG, cujo objeto é a elucidação do uso de uniformes escolares, desde sua experimentação até a identificação dos sujeitos como seres sociais. Pensando dessa forma os uniformes são trajes que estão introjetados há muito tempo, e ao que se percebe seu objetivo é de identificar e particularizar indivíduos participantes de determinados grupos sociais. Portanto, pode-se inferir que o uniforme, como reconhecemos, compartilha modos de pensar, sentir, crer, imaginar, indicando assim produções de reconhecimento.

Palavras chaves: Uniforme escolar, Identidade, Estilo.

7 - AS RAIZES HISTÓRICAS DA DESIGUALDADE SOCIOAMBIENTAL NO EXTREMO SUL DO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O SURGIMENTO DA CIDADE DO RIO GRANDE 1737

Eron da Silva Rodrigues – PPGEA/FURG - rodrigues.eron@hotmail.com

Carlos R S Machado – PPGEA/FURG

Kathleen Kate Dominguez Aguirre – PPGH/FURG

Fronteiras sempre foram regiões de intensas disputas e constantes conflitos. No extremo sul do Brasil não foi diferente, principalmente no período que tange o século XVIII, quando Portugal e Espanha viveram diversas disputas territoriais. Nessa região conflituosa, onde já circulavam índios, contrabandistas de gado vacum e mercadores, foi fundado em 1737 o Presídio Jesus-Maria-José que deu origem a primeira cidade do estado do Rio Grande do Sul e que hoje é conhecida como cidade do Rio Grande. Porém, em geral, a figura do pobre, do negro e do indígena nesta localidade é renegada por parte da historiografia. Pretendemos assim, com esse pequeno esboço, trazer a baila o porquê de estes grupos não terem a representatividade de direito quanto aos assuntos políticos, sociais e ambientais que permearam o extremo sul do Brasil na segunda metade do século XVIII. Portanto, mais do que um estudo do período da ocupação, ignorado ou exposto nos espaços de ensino a partir da perspectiva portuguesa, temos por objetivo problematizar a versão mantida de que os brancos portugueses foram os únicos e verdadeiros desbravadores e construtores da cidade do Rio Grande, quando o espanhol é tido, nesta perspectiva, como o inimigo, e o indígena, o negro e o pobre como selvagens, animais e incultos, justificando as ações dos brancos sobre estes. O objetivo de nossa pesquisa é pesquisar e mapear dados, informações, documentos históricos e administrativos, relatos, crônicas, etc. para mostrar que, ao contrário disso, há outros atores, conflitos, visões e percepções sobre a realidade, diferente e em confronto com aquela que nos é contada como única e inabalável.

Palavras-chave: história, história ambiental, educação ambiental, conflitos, desigualdade.

8 - ROMPENDO VELHOS PRECONCEITOS PARA CONSTRUIR NOVOS CONCEITOS: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS DO CONTEÚDO DA HISTÓRIA DENTRO DO ÂMBITO ESCOLAR

Adriana Picheco Rolim / E.E.E. Básico Neusa mari Pacheco-CIEP - dripicheco@gmail.com

O presente trabalho aborda a questão das rupturas e permanências do conteúdo pertinente à disciplina de História no âmbito escolar, a partir da conjuntura no final da década de 1960 aos dias atuais. Durante a vigência da ditadura civil-militar, a partir de 1969, foram instituídas as disciplinas de Organização política e Políticas sociais (OSPB) e Moral e Cívica no currículo escolar, como conseqüências, suprimiram-se algumas disciplinas, entre elas a História. Passados os anos, o conteúdo desenvolvido nas salas de aula convive, na prática, com alguns vícios do passado, além dos grandes desafios enfrentados hoje pela educação no Brasil, o aprendizado e a construção deste, encontra o desafio de desmistificar a

ordem cronológica dos acontecimentos da historiografia e de destituir os mitos heroicos das guerras e revoluções. A visão positivista e geral da História evidencia uma "macro" exposição do conteúdo, tangido em vocábulos de exaltação de nomes importantes, datas a se comemorar e acontecimentos tão distantes, que vislumbram roteiros de filmes de uma Hollywood clássica. Com o valoramento do social e dos sujeitos inclusivos, no contexto de redemocratização, onde o aluno contempla a construção do seu saber, o educador deu lugar ao mediador e, encontra o grande desafio, antes mesmo da proposição de novas teorias, de romper velhos padrões enrijecidos, por novos conceitos propostos, relacionando a consciência de uma realidade escolar, com os desafios da historiografia moderna.

Palavras-chave: história, conteúdo, aprendizado, mudanças, permanências.

9 - PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL NA ËMÃ (ALDEIA) PÕR FI GA EM SÃO LEOPOLDO.

Maira Damasceno / UNISINOS - maira_dms@hotmail.com

Até meados do século XX historiadores se ocupavam em recontar histórias de grandes realizações através de documentos oficiais, enquanto antropólogos se ocupavam com as culturas ditas "puras" ou "primitivas", configurando uma dicotomia entre os povos com e os sem história. Assim que antropólogos perceberam que as culturas nativas não são fixas nem imutáveis, passou a haver um interesse pelos processos de transformação destes grupos, da mesma forma, os historiadores passaram a dar valor às reflexões da antropologia para estudar as sociedades indígenas, inclusive a sua cultura. Atualmente se considera que todas as sociedades são históricas por sua dinâmica e transformações ao longo do tempo. O objetivo deste trabalho é analisar e ressignificação cultural dos kaingang da Ëmã Por Fi Ga a partir do seu retorno ao tradicional espaço de ir e vir na cidade de São Leopoldo a partir da década de 1990 e compreender como a proximidade com a cidade impulsionou a dinâmica na cultura kaingang contemporânea. Este estudo será realizado considerando a renovação teórica que propõe a cultura como um produto histórico e flexível, que se dá a partir da interação entre as populações, também levando em conta os princípios da "Nova História Indígena", que devolve ao nativo o protagonismo de sua própria trajetória. Utilizarei o conceito de "resistência adaptativa" desenvolvido por Maria Regina Celestino de Almeida (2003) que coloca a ressignificação cultural como impulsionadora do dinamismo das populações.

Palavras Chave: Nova História Indígena, Kaingang, São Leopoldo.

10 - DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: ESCOLA NORMAL MENNA BARRETO EM SÃO GABRIEL

Carlos Alberto Xavier Garcia / UNIPAMPA - cxaviergarcia@yahoo.com.br

Marta Jaqueline Ramos Mendes / Instituto Estadual de Educação Menna Barreto - martajaqueline@terra.com.br

Maria Aparecida Possati dos Santos / UNIPAMPA - cidapossati31@gmail.com

Ao organizarmos um memorial da educação, destaca-se uma parte da história que ficou guardada no tempo. Antes da escola pública, o curso Normal era oferecido apenas em escola particular de Religiosas de uma Congregação Católica na cidade de São Gabriel, região fronteira oeste do Rio Grande do Sul. A criação da Escola Normal pública ajudou na educação das jovens da sociedade gabrielense. Para este estudo, percebemos que a inclusão da cultura escolar no campo da História da Educação Brasileira ocorreu há poucas décadas e torna-se um dos objetos mais significativos nessa área quando esta disciplina retorna para o currículo da Escola Normal. O presente trabalho é um relato da realização de atividades de pesquisa em História da Educação desenvolvidas com alunas do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto na disciplina de História da Educação, durante o ano letivo de 2013, que teve como objetivo investigar a história da Instituição e trabalhar com memória de professoras e alunas da referida escola no decorrer dos 50 anos de existência do curso de formação de professores em nível médio. Tivemos como objetivo, ainda, a organização de um acervo com o material encontrado na escola, que servirá para preservar, mostrar e também poderá originar novas pesquisas em fontes que estão sendo resgatadas através do referido projeto em parceria com a Universidade, para a organização do memorial da Escola Normal. Para tanto foram utilizadas como método de trabalho a identificação de fotografias, revistas, cadernos e demais materiais de uso didático, objetos diversos que fizeram parte das aulas da Escola Normal Menna Barreto; entrevista com ex-alunas e ex-professoras da escola, através da metodologia da história oral. O modo de entender e visualizar que o observador tem da imagem é o campo da análise do historiador. Os diversos materiais, em um acervo, foram mobilizados, inventados, transpostos, utilizados pela escola em diferentes momentos e agora passam a fazer parte do acervo. A importância de resguardar os acervos escolares, em especial, porque existem poucos estudos sobre a história de uma boa parte dessas instituições e também porque este acervo histórico viabilizará o acesso de novos pesquisadores.

Palavras chave: História, educação, memória, normalistas.

11 - O ENSINO NO COLÉGIO MILITAR DE SANTA MARIA

Pedro Canabarro Cunha / CMSM - Pedro.historia@gmail.com
Aiman Jorge Franco / CMSM - aimanjfranco@web.de
Guilherme Dias / CMSM/UFMS - guilhermediaspoa@bol.com.br

O presente Artigo procura refletir sobre o Ensino de História nos anos finais do ensino médio no Colégio Militar de Santa Maria, CMSM, e também, divulgar a metodologia de trabalho e o sistema de avaliações dos alunos nessa instituição. O Colégio militar de Santa Maria compõe com mais onze instituições de ensino básico o Sistema Colégio Militar do Brasil que está voltado para o ensino preparatório, visando os concursos militares e demais concursos e, também, ensino assistencial, possibilitando qualidade de educação aos filhos de militares que, em virtude das atribuições da carreira dos pais, deslocam-se constantemente pelo território nacional. O Sistema Colégio Militar do Brasil atende alunos do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio a prioridade de ingresso no sistema é para os filhos de militares, porém, existindo vagas existem concursos para ingresso no 6º ano do ensino fundamental e no 1º ano do ensino médio para o público geral. Com um corpo discente diversificado e um corpo docente qualificado o ensino de História no Colégio Militar de Santa Maria apresenta peculiaridades principalmente nas questões de avaliação e recuperação, planejamento e execução de conteúdos, a análise e a reflexão sobre essas peculiaridades serão objetos do presente artigo.

Palavras-chave: História, Ensino, Colégio Militar.

Sessão de Comunicação Acadêmica – I Políticas Educacionais – Bloco H

1 - O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA E O COTIDIANO ESCOLAR: TECENDO CAMINHOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003

Luci da Silva Silveira / UFRGS - lueci22@yahoo.com.br

Reflete sobre conteúdos abordados na disciplina História, Ensino e Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil, do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aborda como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 influenciam no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que busca responder a uma crescente demanda escolar por formação e ampliação do aparelhamento das bibliotecas escolares das escolas públicas, promovendo a leitura e o conhecimento de obras literárias entre professores e alunos. A Lei 10.639/2003 destaca a literatura e o material didático como caminhos para a construção de conhecimentos sobre a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e o negro na formação da sociedade brasileira. Ressalta como a leitura e a escrita não considera a complexidade de ser negro e negam a essa parcela mais do que significativa da sociedade brasileira um lugar de expressão. Coloca em discussão os pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação, que tratam da educação das relações étnico-raciais, com destaque para o que orientam quanto à formação do acervo das bibliotecas para atender a educadores e educandos; a descolonização do currículo; as visões estereotipadas e negativas que se têm dos povos africanos, de seus descendentes e dos povos indígenas nos currículos escolares e materiais didáticos. Concluiu-se que estas Leis surgiram como ações afirmativas para que a versão real das histórias destes grupos étnicos seja contada, exaltada e valorizada socioculturalmente, fazendo do espaço escolar um ambiente plural e de respeito à diversidade.

Palavras-chave: Educação das relações étnico-raciais, Lei nºs 10.639/2003 e 11.645/2008, Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), Livro didático, Literatura negra.

2 - CULMINÂNCIA DA LEI 11645/08: POSSIBILIDADES DE TRABALHAR A MULTICULTURALIDADE EM UMA PERSPETIVA INTERDISCIPLINAR

Dr. Eliana Rela / UCS- erela@ucs.br
Laura Bossle Carissimi / UCS - lauracarissimi@gmail.com

O objetivo deste artigo é apresentar e refletir sobre o desenvolvimento do projeto de aprendizagem brasilidade e multiculturalidade, com a produção de curta metragem. A atividade foi desenvolvida com alunos do Ensino Médio de uma escola pública. O planejamento e a orientação do projeto ficou sob responsabilidade de integrantes do subprojeto Interdisciplinar Pibid-UCS. Como aporte teórico para o projeto utilizamos embasamento sobre interdisciplinaridade

apoiado nos estudos de Ivani Fazenda. O conceito de multiculturalidade é amparado pelos estudos de Vera Rudge Werneck e alteridade baseado na bibliografia de Arruda. Para o desenvolvimento do projeto optou-se pela metodologia dialógica apoiada nos estudos de Celso Vasconcelos, a qual está prevista no projeto pedagógico da escola. Como pontos fortes para o projeto esperamos, por um lado, no tocante aos acadêmicos participantes do Pibid-UCS, podermos destacar a aprendizagem de uma nova competência docente voltada a leitura e produção de texto com imagens em movimento. E, por outro lado, para os educandos do Ensino Médio a percepção e o respeito a presença multicultural no exercício da cidadania, que neste caso especificamente envolveu o ensino de História, o ensino de Sociologia e ensino de Literatura. Palavras-chaves: multiculturalidade, alteridade, interdisciplinaridade

3 - RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS: DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO

Luciane dos Santos Avila / FURG - lu-neavila@hotmail.com

O presente artigo tem como objetivo discutir as relações étnico-raciais e as ações afirmativas, tendo como elemento norteador o currículo. Partindo da compreensão que a educação formal foi constituída por processos desiguais dentro de uma perspectiva universalista de sujeito, é necessário historicizar diferentes movimentos educacionais e refletir qual o espaço das relações étnico-raciais no currículo. A desigualdade no acesso a educação e a sua permanência são perceptíveis ao longo da história da educação escolarizada no Brasil, as políticas de ações afirmativas adotadas pelas universidades provoca questionar: Quais saberes são acolhidos e quais são silenciados nos espaços acadêmicos? A educação superior precisa problematizar suas práticas de ensino aprendizagem, para desconstruir concepções normatizadoras de currículo e perceber novas possibilidades.

Palavras-chave: relações étnico-raciais, currículo, ações afirmativas, educação superior.

4 - O REFERENCIAL CURRICULAR DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DE FARROUPILHA: UMA REFLEXÃO SOBRE O CURRÍCULO E A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL.

Alice Ramona Barili / UFRGS - alicebarili@gmail.com

O artigo analisa o Referencial Curricular de Ensino da Rede Municipal de Farroupilha, mais especificamente, do 6º ao 9º ano, na disciplina de História, no que se refere a adequação às leis 10.639/03 e 11.645/08 e também em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicoraciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Busca refletir sobre a produção do currículo, suas ausências, permanências e implicações, a partir da obrigatoriedade destas leis. Para tanto, apropriamo-nos das reflexões desenvolvidas por Nilma Lina Gomes e Maria Stephanou para abordar a temática das implicações do currículo e refletir sobre a sua produção a partir da obrigatoriedade destas leis. Constatou-se que os conteúdos voltados para a educação das relações étnico-raciais, para a cultura e a história africana, afro-brasileira e indígena presentes no Referencial ainda são poucos, predominando uma visão eurocêntrica da história.

Palavras-chave: Diretrizes, currículo, educação, relações étnico-raciais.

5 - BARBÁRIE DA ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XIX

Isis Moraes Zanard / Centro Universitário Franciscano -zanardi.m@hotmail.com
Matheus Lauer / Centro Universitário Franciscano -matheuslauer55@gmail.com
Bruno de Moura Pinto / Centro Universitário Franciscano -brunodemp@gmail.com

A problemática em torno do preconceito não tomou fim na medida em que o mundo progrediu diante de tecnologias, do desenvolvimento cultural e de ideologias humanitárias. Percebe-se ainda a existência de discriminação em relação à sociedade negra, não somente em relação às diferenças culturais, mas diante da cor, posição social e da luta por reconhecimento. Esse trabalho visa compreender as atrocidades cometidas no século XIX nos Estados Unidos e no Brasil e como essas se relacionam com a educação, que de acordo com a Lei 10639/03, aplica a obrigatoriedade do ensino da história afro-brasileira. Como bolsistas PIBID de história e filosofia propõem-se um estudo histórico-filosófico que se ensina em sala de aula. E, juntamente, como viés de reflexão será discutido a importância do negro e das mobilizações na sociedade atual e a valorização do homem enquanto um fim em si mesmo. Para a realização disto, pensar-se-á aulas interdisciplinares e idas a instituições, além de projetos fora de sala de aula. O Brasil foi marcado por várias tentativas de coibir o tráfico de negros no século XIX, também no mesmo período que o país mais trouxe escravos. O país via-se dividido entre os que se colocavam a favor da manutenção da escravatura e aqueles que se opunham. A questão é que

os princípios pelos quais ambos os lados mantinham seus conceitos estavam ligados às questões político-econômicas do que a princípios sociais e humanistas. Para tentar cumprir aos objetivos da pesquisa, pretende-se proceder a uma abordagem comparada da situação da escravidão nos Estados Unidos e no Brasil. Também será utilizada para exemplificação da barbárie cometida pela Madame La Laurie, a lenda que circula sobre, ocorre na parte Sul dos Estados Unidos, que versa sobre o preconceito declarado.

PALAVRAS-CHAVES: Escravidão, Brasil, Estados Unidos, Preconceito, Reconhecimento étnico.

6 - ENSINO DE HISTÓRIA E RECEPÇÃO DAS LEIS 10.639/03 e 11.645/08 EM MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL

Carla Beatriz Meinerz / FACED-PPGEDU-UFRGS – carlameinerz@gmail.com
 Helen Stéfany dos Santos Pinheiro / BIC-UFRGS - helemesp@hotmail.com
 Vanessa Rosa da Costa / PIBIC-CNPq-UFRGS - nessa.7865@gmail.com

O trabalho apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa *Trajetórias da educação das relações étnico-raciais no Rio Grande do Sul: ensino de História e recepção das Leis 10.639/03 e 11.645/08*, realizado na UFRGS. Tal projeto objetiva investigar a recepção das referidas Leis no ensino de História, através da análise de discursos e práticas educativas coletivas ou individuais de professores das redes municipais de Cachoeirinha e Palmares do Sul. A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo e inclui entrevistas semi estruturadas, grupos de discussão, estudos de revisão bibliográfica e análise documental. O quadro analítico cruza informações obtidas em documentos como os Projetos Político-pedagógicos, materiais didáticos, planejamentos, registros em atas, imagens fotográficas, vídeos, entre outros. Tal análise relaciona-se com revisão bibliográfica acerca das especificidades da recepção dessas Leis no ensino de História em conexão com os desafios da educação das relações étnico-raciais, tanto pelo viés da pesquisa acadêmica quanto pelas proposições dos movimentos sociais organizados. Os resultados parciais indicam o fato de que não são os docentes de História aqueles que mais assumem a recepção das Leis, pois foi nos anos iniciais e na educação infantil onde encontramos mais iniciativas nessa perspectiva. Igualmente os dados demonstram que na recepção das Leis ainda prevalece a ação docente individual sobre a coletiva, protagonizada especialmente por profissionais que possuem determinação política e afetiva em relação às questões étnico-raciais em nossos contextos sociais e escolares. Tais conclusões são cruzadas com investigações como as de PEREIRA (2011, 2014) e de GOMES (2010).

Palavras-chave: ensino de História; práticas pedagógicas; Lei 10.639/03; Lei 11.645/08; educação escolar.

7 - DIÁLOGO ENTRE PROFESSORES: COMPREENDENDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Vera L. Trennepohl / UNIJUÍ.- verat@unijui.edu.br

Este texto aborda os desafios que representa para os professores de História em analisar as relações étnico-raciais na sala de aula. Por isso, um grupo de professores da Unijuí propôs um projeto de extensão, que oportunizou o estudo de conteúdos e a construção de possibilidades pedagógicas sobre a cultura e história afro-brasileira/africana e demais etnias, que fazem parte da sociedade brasileira, dando mais elementos para que os professores cumprissem a exigência legal, que era o de operacionalizar a Lei 10.639/2003 e a Resolução nº 01, de 17 de junho de 2004 do Conselho Nacional de Educação. Para, além disso, era necessário suprir também as lacunas da formação docente, aprofundando o debate sobre a necessidade do respeito e da valorização da diversidade cultural que constitui o Brasil. Busca-se refletir sobre essa experiência, com base em autores como Freire (1996, 2005) e Rusen (2001, 2010). Resultam desse processo a percepção da importância desses ambientes criados com a intencionalidade do estudar e o de trocar experiências, fazendo a diferença na constituição do sujeito professor, pois como profissional domina um conjunto de saberes e acumulou vivências, mas que, na interação com o outro podem ser repensadas e aperfeiçoadas, qualificando a sua atividade de sala de aula.

Palavras chaves: diálogo, relações étnico-raciais, professor.

8 - RELAÇÕES INTERCULTURAIS: VIVÊNCIAS EM UMA ALDEIA GUARANI

Juliana Duarte Flores / UFRGS - juudflores@hotmail.com
 Elisete Larruscain da Silva / UFRGS - elisete_larruscain@hotmail.com
 Morghana Iantra Garavello Vasconcelos / UFRGS - morghanavasconcelos@outlook.com

Este trabalho tem como objetivo relatar e discutir experiências vividas enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto Pedagogia/UFRGS, na Aldeia Indígena Guarani, localizada na cidade de Viamão. O projeto PIBID/Pedagogia séries iniciais está presente na Escola Estadual Anne Frank e na Escola Estadual Cândido Portinari desde o primeiro semestre de 2014. O relato a ser apresentado será sobre a interação das crianças das escolas de Porto Alegre com as crianças Guarani por meio de um encontro na referida aldeia. Tal interação tem como objetivo o diálogo intercultural entre essas duas distintas realidades, das crianças que vivem na aldeia e das crianças de ambas escolas de Porto Alegre, pois "Compreendemos que assim, os movimentos de interculturalidade estarão contribuindo para produzir novos conhecimentos [...] e construindo um patrimônio para a interculturalidade a partir das práticas escolares." (BERGAMASCHI, 2012, p.15). As bolsistas desenvolvem suas ações na modalidade docência compartilhada, sendo o maior objetivo discutir e problematizar a temática indígena em sala de aula, tendo como ponto de partida a obrigatoriedade do ensino da história da cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino, estabelecidos na Lei 11.645 e também pela importância de tais culturas na constituição das identidades brasileiras. Depois de alguns meses trabalhando em sala de aula aspectos da cultura indígena, como lendas, artesanato e culinária, a visita à aldeia culminou como uma concretização dos saberes estudados. Destacamos o conceito de interculturalidade para análise das especificidades e dos desafios e significados que esse encontro impactou na vida de ambas culturas. Palavras-chave: Temática indígena, Interculturalidade, Saída de campo, Docência.

9 - ESCRITAS EPISTOLARES: DESENVOLVENDO O CONCEITO DE INTERCULTURALIDADE ENTRE CRIANÇAS GUARANI E CRIANÇAS DAS ESCOLAS DO PIBID

Ana Paula Rodrigues de Oliveira / UFRGS - ana-paulinha141@hotmail.com

Nos anos de 2014 e 2015, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/ PIBID Pedagogia Anos Iniciais) dedicou-se à temática das culturas indígenas em duas escolas da rede pública estadual de Porto Alegre, atendendo turmas de 3º, 4º e 5º ano, semanalmente. A escolha por esse tema se justifica pelo cumprimento da Lei 11.645/2008 que torna obrigatório o ensino das culturas indígenas nas disciplinas de História, Literatura e Artes, mas também tem o objetivo de desmistificar estereótipos construídos ao longo do tempo pela sociedade referente aos povos originários. Durante o percurso de trabalho nas escolas, procuramos valorizar a história dos Guarani e Kaingang, por meio do estudo de lendas, culinária, língua, música, entre outras referências culturais de cada povo. Entretanto, mesmo assim, percebemos que os estudantes ainda não concebiam o modo de vida desses povos, ou seja, para eles os indígenas ainda estavam muito distantes de suas realidades. Assim, pensamos em uma maneira de aproximar as crianças de Porto Alegre e as crianças de uma comunidade indígena Guarani, a Aldeia da Estiva, no município de Viamão/RS. Foi então que propusemos aos nossos alunos que escrevessem cartas para as crianças guarani. Escolhemos essa aldeia em função de uma das professoras da escola de lá ser estudante de Pedagogia desta universidade. Por meio desses escritos, propusemos um maior contato entre crianças do Povo Guarani e crianças não indígenas, estudantes das Escolas Cândido Portinari e Anne Frank, em Porto Alegre. A ideia era que compartilhassem vivências e costumes e, desse modo, se conhecessem melhor. Assim, através de uma atividade que envolveu a cultura escrita, promoveu-se a discussão acerca do conceito de interculturalidade, conceito este tão significativo quando se estuda os povos originários e suas relações com a sociedade não indígena. Estamos falando de dois grupos com diferentes valores, mas, ao mesmo tempo, unidos pela sociedade ocidentalizada em que todos vivem. O modo como sensibilizamos os alunos para essa escrita foi através do anúncio de que, posteriormente, iríamos visitar uma aldeia Guarani, mas que, antes disso, teríamos a oportunidade de conhecer as pessoas de lá por meio da troca de cartas. Percebemos o estranhamento dos estudantes diante de tal atividade, muitos não sabiam nem como iniciar. Diante dessa situação, foi necessária a nossa intervenção e, mesmo assim, nem todos se envolveram com a atividade. Parecia que aquela escrita ainda era algo abstrato, o destinatário não parecia ser real. Entretanto, ao receberem as respostas, demonstraram um misto de ansiedade e surpresa. Chamou nossa atenção que as cartas produzidas pelas crianças guarani parecem ter sido feitas com maior cuidado, por exemplo, observamos o esmero nos desenhos, na escrita quase sem erros de ortografia e até mesmo duas crianças que se preocuparam em enviar pequenos mimos, como pulseiras, dentro do envelope. Importa ainda dizer que analisamos essas escritas epistolares, entendendo-as como objeto de estudo. Realizamos uma investigação, tendo como documentos as narrativas dessas crianças. Lemos e organizamos os temas abordados nas cartas, examinamos as recorrências e dissonâncias naquilo que as crianças registraram nesta correspondência escrita.

Palavras-chave: Cultura indígena, interculturalidade, escritas epistolares.

10 - O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR ESPERANÇA POPULAR RESTINGA: O QUE E COMO ENSINAR

Kelvin Emmanuel Pereira da Silva / UFRGS, kelvineps@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a Lei 10.639/03 e seus impactos na prática docente dos cursos pré-vestibular. Nosso caminho de análise se constitui a partir de uma experiência no Cursinho Pré-Vestibular Esperança Popular Restinga, em Porto Alegre, onde se buscou através de aulas específicas trabalhar com o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Essa prática acontece por duas razões: primeiro, inserir o debate sobre o ensino dessa temática em espaços não-escolares, com o objetivo de (re)pensar as relações étnico-raciais. Segundo, problematizar as provas dos vestibulares no sentido de buscar questões que de alguma forma abordem a História e Cultura Afro-Brasileira. Antes de elaborarmos tal prática, pensamos num movimento que nos parecia óbvio: a produção das questões de vestibulares reflete sempre o que é ensinado nas escolas. Todavia, ao longo da análise das provas percebemos que esse movimento não é tão óbvio, ao menos no que se refere ao vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por outro lado, o Exame Nacional do Ensino Médio, tem problematizado a História e Cultura Afro-Brasileira de forma muito similar ao que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais sistematizam como possibilidades da discussão e ação da Lei 10.639/03. Por fim, chegamos à indagação sobre o que um Professor de História pode ensinar sobre a História e Cultura Afro-Brasileira em um curso pré-vestibular.

Palavras-chave: Lei 10.639/03, Pré-vestibular, ENEM, relações étnico-raciais.

11 - VIVÊNCIA INTERCULTURAL: UMA FORMA DE DAR OUVIDOS AOS POVOS INDÍGENAS

João Paulo Buchholz / UFRGS - joao.buchholz@gmail.com

É muito comum que alguns historiadores se proponham a utilizar textos e/ ou documentos com o intuito de '*dar voz*' aos povos indígenas, porém, será que já não é a hora de *darmos ouvidos* História dos povos indígenas? Desde a lei 11.645/2008, tem sido publicados diversos tipos de materiais didáticos ou paradidáticos referente a questão indígena no Brasil. Um dos objetivos deste trabalho é debater sobre alguns destes materiais e sobre as práticas pedagógicas possíveis através destes. Porém, a parte mais diferencial deste trabalho é propor um tipo de ação educativa externa a sala de aula, isto é, a vivência intercultural. Esta proposta é feita com o intuito de proporcionar uma atividade educativa mais integral, no qual o corpo e a experiência do estudante sejam protagonistas do processo de aprendizagem, rompendo com a ideia cartesiana eurocêntrica de que existe uma supremacia do intelecto em relação ao corpo (QUIJANO). Há duas possibilidades de trabalhar com a vivência intercultural, uma é trazer a aldeia até a escola, e outra é levar a escola até a aldeia. Defendo mais a segunda opção, pois, ir até a aldeia, é uma forma de inserir o estudante em um território em que as formas de sociabilidade são distintas daquelas que o estudante vive em seu cotidiano. Esta é uma lição muito importante em uma aula de História, já que rompe com a ideia capitalista ocidental de que existe apenas uma maneira de se organizar socialmente. É uma maneira de mostrar que a máxima zapatista: 'um mundo onde cabem muitos mundos' é verdadeira, que a sociedade ocidental não é tão hegemônica como aparenta. Evidentemente, a vivência intercultural não é nenhum mecanismo mágico de educação para a alteridade, porém, existe nela um grande potencial e por isso, neste trabalho, será discutida a elaboração de roteiros de atividade que possam proporcionar uma ação educativa realmente diferenciada.

Palavras chave: Interculturalidade, Ensino de História, História indígena.

Sessão de Comunicação Acadêmica – I Patrimônio e Educação Patrimonial – Bloco H**1 - TRABALHANDO O PATRIMÔNIO: PRÉDIOS, OBJETOS E FOTOGRAFIAS**

Moisés Abraão Stein - FACCAT - moisesstein25@gmail.com

O seguinte trabalho tem por objetivo relatar atividades que foram realizadas pelo PIBID, no ano de 2014 com os 6º anos. As turmas que realizaram tal atividade foram às turmas 62/9, 63/9 e 65/9 da escola EEEM Willybaldo Bernardo Samrslac-IEP, da cidade de Taquara-RS. Para começar as atividades, os professores Marisa Lima da Silva, Matheus Mathias, e Moisés Abraão Stein, introduziram o município de taquara, para poder trabalhar o patrimônio da cidade e ver o que os imigrantes ou as culturas anteriores deixaram, para nós. Atividade esta que no começo foi planejado de um jeito e por fim tivemos que fazer algumas modificações ou adaptações, mais que mesmo assim tivemos resultados positivos durante a realização de tais atividades. Alunos perceberam que objetos antigos têm grandes valores para as pessoas que o guardem, e que muitos dos objetos que foram vistos nas aulas, seja o objeto mesmo ou a fotografia, foi objetos que hoje

já não se utiliza mais, ou objetos que evoluíram mais que foram utilizados por seus pais ou avós. Por fim compreenderam que patrimônio não são apenas os prédios, mais sim também os objetos ou até fotografias.

Palavras-chave: Patrimônio, Objetos, Antigo (s), Cultura.

2 - A HISTÓRIA QUE TE REPRESENTA: A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O USO DE ELEMENTOS LOCAIS COMO FORMA DE APROXIMAÇÃO DO ALUNO COM QUE LHE É ENSINADO

João Vitor Sausen / UFSM - sausenjoao@hotmail.com
André Luis R. Soares / UFSM - alrsoressan@gmail.com

Os conteúdos submetidos no ensino fundamental e médio muitas vezes não são relacionados pelos alunos entre os planos locais e globais. Dito de outra forma, os conteúdos não são relacionados à realidade imediata dos educandos, havendo um hiato entre o que se ensina e o que se vive no cotidiano. Na perspectiva de que os alunos têm bagagens culturais e de aprendizado antes do ingresso em meio escolar, acreditamos que os estudantes trazem conhecimentos empíricos de suas realidades, que, muitas vezes, não são problematizadas no âmbito escolar. O patrimônio cultural das localidades pode ser um motor de aprendizado e um meio pelo qual podemos apresentar os conteúdos disciplinares a partir das realidades imediatas dos estudantes. Dada a importância do ensino da história, este trabalho traz a metodologia da Educação Patrimonial como forma de abordagem do patrimônio local e sua relação com questões mais amplas, relacionando a história geral à história local por meio de elementos próximos aos alunos, como seu patrimônio local, para que determinados assuntos sejam tratados e assemelhados com maior facilidade em sala de aula, e, portanto, se tenha um maior sucesso na tarefa de criar uma consciência histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Patrimonial, Ensino da História, Patrimônio local.

3 - MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS NO ESPAÇO URBANO DE TEUTÔNIA

Cristiano Nicolini / Colégio Teutônia - cristiano782006@hotmail.com

O Município de Teutônia, situado na região do Vale do Taquari (RS), emancipou-se no ano de 1981 do Município de Estrela. A partir de então, passou a investir na formatação de espaços de memória que, em sua maioria, fazem referência à colonização germânica. Esses lugares são representados, dentre outros, por monumentos, praças, placas comemorativas e museus. Atuam na construção de representações identitárias e oficializam determinadas memórias sobre o passado local. A partir de discussões sobre o conceito de patrimônio histórico, propôs-se aos alunos de uma escola da rede privada um roteiro de visita a estes espaços, buscando identificar a produção de memórias e também esquecimentos acerca da história do município.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, esquecimento, Teutônia, identidade, representação.

4 - ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO ESCOLAR: OS USOS DO PASSADO NO PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA E.E.E.F. PROFESSOR OLINTHO DE OLIVEIRA

Leandro Balejos Pereira / UFRGS - leandro.balejos@gmail.com

O trabalho procura refletir sobre o ensino de História considerando os usos do passado no processo de patrimonialização do espaço físico da escola E.E.E.F. Professor Olintho de Oliveira. Parte-se do conceito de patrimônio cultural oferecido por Nestor Canclini como "o que um conjunto social considera como cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos – não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos; a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos. Seguindo Antonio Viñao Frago, o espaço físico da escola é pensando a partir da "biografia do objeto", ou seja, do estudo do seu ciclo de vida. Este enfoque pressupõe estudar a proposta de criação, desenho, localização, construção, denominações, reformas, transformações, usos, usuários, demolição ou ruína e os critérios que podem ter orientado e orientam a existência do lugar. A metodologia de trabalho alterna aulas teóricas e saídas a campo, com o cruzamento de vestígios da cultura material, fontes escritas e acervo fotográfico. As atividades transcorrem na unidade "introdução aos estudos históricos", procurando adequar-se ao programa de conteúdos destinado aos alunos e alunas do 6º ano do ensino fundamental. Tem como objetivo específico a formulação de um projeto de intervenção visual discutindo "o ciclo de vida" e os diferentes usos do prédio mais antigo da instituição escolar.

Palavras-chave: ensino de História, ensino fundamental, patrimônio escolar, usos do passado, intervenção visual.

5 - "ENTRE SILÊNCIOS E MEMÓRIAS: AS MARCAS DA DITADURA CIVIL-MILITAR EM PELOTAS" ASPECTOS DA PESQUISA PARA ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE VISITAÇÃO.

Nadine Mello Pereira / UFPEL - nadine_mello@hotmail.com
Sulena Cerbaro / UFPEL - sulena-cerbaro@hotmail.com
Tairane Ribeiro da Silva / UFPEL - tairanee@yahoo.com.br

Durante o primeiro semestre do ano de 2015, o grupo de estudos de Educação Patrimonial e História Local do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da Universidade Federal de Pelotas focou seus trabalhos na elaboração de um roteiro de visita a locais da cidade de Pelotas que estiveram diretamente relacionados à memória da ditadura civil-militar. O roteiro intitulado "Entre Silêncios e Memórias: as marcas da ditadura civil-militar em Pelotas", foi finalizado contando com cinco locais para a visita. São eles: a Prefeitura Municipal, a Casa do Trabalhador, a Faculdade de Direito – UFPEL, o Casarão 8 e o Instituto de Estudos Políticos Mário Alves. Os quatro primeiros locais dizem respeito a ações de resistência e/ou repressão que se deram durante o regime militar, já o Instituto Mário Alves é hoje um importante espaço para a formação e discussão política. No presente trabalho iremos detalhar o processo de pesquisa que levou o grupo a tomar conhecimento de diversos locais de Pelotas que tiveram importância durante o período da ditadura e que culminou na escolha dos locais que integram o roteiro.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar, Educação Patrimonial, Memória.

6 - TERRITÓRIOS NEGROS: PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO EM PORTO ALEGRE

Cristine Moreira / UFRGS - cristinegm@gmail.com
Dionysius Mattos / UFRGS - dionysiusmattos@gmail.com
Maiara Cagliari / UFRGS - maiacemin@gmail.com

O Laboratório de Ensino de História e Educação (LHISTE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desenvolveu o curso de extensão "Territórios Negros: Patrimônio Afro- Brasileiro em Porto Alegre" através de parcerias com instituições educativas e culturais da cidade, como a Companhia Carris Porto-Alegrense, a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Cultura, além de pós-graduandos da universidade. Inspirado na metodologia do percurso educativo realizado com ônibus pela Companhia Carris Porto-Alegrense, o curso teve como objetivo central a formação continuada na perspectiva da Lei 10.639/03, capacitando para o ensino das histórias e culturas afro-brasileiras e africanas. Também para a educação das relações étnico-raciais nos espaços escolares juntamente das comunidades ao seu redor. O curso tinha o caráter aberto para professores, licenciandos e pessoas oriundas de movimentos sociais. Assim, realizou-se de forma presencial e com atividades a distância (através da plataforma moodle) simultaneamente, concluindo-se com a construção de materiais pedagógicos a partir da experiência dos cursistas que criaram percursos próprios e inéditos, mapeando as marcas de territorialidade de cultura e história afro-brasileira no entorno de suas comunidades escolares. Concluímos que a ação promoveu amplo debate em torno da questão das territorialidades negras em várias regiões da cidade e, assim, incentivou o diálogo e a reflexão sobre a temática nos entornos das comunidades escolares.

Palavras-Chave: Extensão, Territorialidade, Patrimônio, Ensino, História.

7 - A MINHA ESCOLA TAMBÉM TEM HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO COM O PATRIMÔNIO HISTÓRICO ESCOLAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA COM TURMAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL FINAL DA ESCOLA ESTADUAL FERNANDO GOMES (PORTO ALEGRE/RS)

Adriana de Souza Quadros / UFRGS - adrianaquadros1@terra.com.br

No campo do ensino da História muito se vem discutindo sobre o papel do professor nas escolas, o significado desta disciplina, os problemas no processo de didatização ou transposição do conhecimento e a preocupação com a formação de docentes que saem dos cursos de licenciatura despreparados para enfrentar a realidade da sala de aula. Realidade esta que se impõe a cada dia nas diferentes escolas do Brasil, espaços por onde circulam vidas, ideias, afetos e desafetos, diferentes identidades, presenças e ausências. A escola, em comunidades carentes, parece com um lugar de fronteira, e como em todo espaço de fronteira lembra passagem, cruzamentos, conflitos, diversidades. Lugares de intensa e dinâmica produção de significado que permanecem registrados de diversas maneiras: através de seus documentos, fotografias, arquitetura de seus prédios, seus móveis, dos olhares de seus alunos e professores, funcionários, dos moradores do bairro que a circunda, enfim, a escola é também um lugar de produção de registros patrimoniais. Neste sentido, a presente proposta de pesquisa, ainda em fase preliminar, tem como objetivo discutir as possibilidades da educação com o patrimônio nas escolas. A necessidade de trabalhar com o patrimônio escolar é

resultado de minha trajetória como professora de História das séries finais do ensino fundamental II e das pesquisas desenvolvidas durante o mestrado profissional em História ainda em andamento, onde observo que a educação patrimonial é vista nas escolas como os "passeios" promovidos aos arquivos e museus da cidade, atividades estas de extrema relevância para o enriquecimento cultural de nossos alunos, no entanto, considerando a oferta de registros formais e não formais nas escolas, seria possível trabalhar também com patrimônio numa perspectiva muito mais próxima do aluno, ou seja, na escola e com o que se produz de registros na escola, pelas pessoas que estão ou que por lá já passaram. Desta forma, muitos são os indícios que apontam para as possibilidades de trabalho com o patrimônio escolar, o que não significa que esta tarefa seja fácil, já que a maioria das escolas não dispõem de espaço adequado para organizar e manter estes registros. Como é possível trabalhar com o patrimônio numa perspectiva construtivista nas escolas? Responder a estas questões significa revelar ao aluno a historicidade dos processos de patrimonialização e musealização. Atividades que envolvam o trabalho com o patrimônio escolar podem ser libertadoras, reveladoras e instigadoras, e apenas estas possibilidades já compõem a busca de respostas.

Palavras-chave: Ensino de História, Educação com o patrimônio; Patrimônio escolar.

8 - ARQUEOLOGIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Grasiela Tebaldi Toledo / UCS - gttoledo@ucs.br

Esse trabalho visa discutir as aproximações possíveis entre Arqueologia e os estudantes do Ensino Básico, através de diferentes estratégias e propostas. Atualmente, percebe-se a necessidade de projetos que envolvam a comunidade não acadêmica e que o conhecimento produzido por arqueólogos alcance o público de forma mais abrangente. Dessa maneira, parte inexorável da pesquisa arqueológica deveria ser a comunicação, que pode ser efetivada através da Musealização da Arqueologia, Educação Patrimonial ou outras ações de divulgação. A Educação Patrimonial pode ser uma maneira de aproximar os bens arqueológicos, históricos e culturais da população, haja vista que uma das premissas preservacionistas é o conhecimento e a valorização do patrimônio. Muitas práticas comunicativas, inclusive as inseridas em projetos de Educação Patrimonial, são embasadas nos preceitos da Arqueologia Pública, que tem seu enfoque na dimensão social e política da disciplina arqueológica. Refletindo sobre a potencialidade da Arqueologia se inserir no ambiente escolar serão apresentadas propostas e atividades para serem empreendidas no Ensino Fundamental e Médio, especialmente nas aulas de História, mas podendo ser ampliando para projetos multidisciplinares, uma vez que a Arqueologia dialoga com outros conteúdos do currículo escolar.

Palavras-chave: Arqueologia Pública, Educação Patrimonial, História.

9 - A APROPRIAÇÃO DE REFERENCIAIS HISTÓRICOS PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM SÃO JOÃO DO POLÊSINE

Ricardo Kemmerich / UFSM - rikrdo_kemmerich@hotmail.com

Zípora Rosauero / UFSM - zyrosauero1998@gmail.com

Roselene Pommer / UFSM - roselenepommer@ctism.ufsm.br

Este trabalho é desenvolvido a partir do Programa de Extensão em Educação para a Quarta Colônia de Imigração Italiana no RS (Programa EDUQCII) em parceria com o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, Universidade homônima e com a prefeitura de São João do Polêsine. Dentro desse programa, foi transcrito e transformado em livro o manuscrito composto por dois cadernos do primeiro professor da região de São João do Polêsine, apresentado à comunidade local na 60ª Festa Regional do Arroz a "História do São João do Polêsine, desde o início de sua colonização até o ano de 1936, escrita pelo Prof. Antônio Ceretta" para ser distribuído na rede municipal de ensino. A publicização das suas impressões constitui um importante monumento para que a comunidade possa acessar as referências de seu passado e balize as negociações que pretende estabelecer com ele na constituição e ressignificação de suas bases identitárias. Estas e outras ações oportunizam reflexões para que a comunidade repense e intensifique o uso de seu patrimônio cultural como monumento útil para a produção de conhecimento científico, reflexivo e crítico a fim de compreender e atuar na complexidade do mundo contemporâneo, através de ações participativas para o desenvolvimento da sociedade regional em termos culturais e econômicos. O trabalho ainda está em desenvolvimento e há previsão para o lançamento de outro livro, "A História de Vale Vêneto" composto por quatro cadernos, escrito pelo mesmo professor no ano de 1898 em dialeto vênето e traduzido pelo próprio autor em 1941, para ser lançado na 31ª edição do Festival de Inverno de Vale Vêneto de 2016.

Palavras-chave: Educação patrimonial, identidade, patrimônio, memória.

10 - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: A CIDADE COMO RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Tatiana Carrilho Pastorini Torres / FURG - tatypastorini@yahoo.com.br
Carmem G. Burgert Schiavon / FURG - cgbschiavon@yahoo.com.br

As discussões atuais sobre o ensino de História são permeadas por dúvidas nas escolhas dos "conteúdos" e das metodologias de ensino. Sabe-se que a realidade enfrentada por boa parte das escolas brasileiras da Rede Básica de Ensino ainda está fundamentada na visão de "história pronta", memorizada e desconexa da vivência cotidiana dos alunos. Dessa forma, constata-se que é inevitável enfrentar o desafio de se buscar um novo direcionamento no ensino de História. Sendo assim, desenvolveu-se uma prática de Educação Patrimonial com alunos da Rede Básica de Pedro Osório (RS), cuja finalidade consistiu em ampliar as possibilidades de aprendizado, construção e reflexão do conhecimento histórico. Nessa perspectiva, adotou-se a própria cidade como recurso didático a ser (re)conhecido por meio de percursos patrimoniais previamente organizados em conjunto com os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Educação Patrimonial. Cidade.

Sessão de Comunicação Acadêmica – I Práticas de Ensino – Bloco H

1 - MÚLTIPLAS LINGUAGENS E VARIADOS ESPAÇOS: A EXPECTATIVA DOS EDUCANDOS DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

Janaina S. Teixeira / Centro Universitário Franciscano - janasouzateixeira@gmail.com
Jamille P. Bonini / Centro Universitário Franciscano - jamillepb@gmail.com

Este trabalho visa discutir a visão do educando de História do Ensino Médio a partir do resultado de entrevistas realizadas com estudantes do segundo ano da Escola Estadual de Ensino Médio Manoel Ribas de Santa Maria. As entrevistas fazem parte das ações do subprojeto PIBID História do Centro Universitário Franciscano. Pretende-se, com a análise das entrevistas, obter subsídios para a elaboração do perfil do educando de História, o que servirá de referência para a construção de propostas de ensino-aprendizagem, bem como de materiais didáticos adequados às expectativas e linguagens do público estudante. Neste trabalho, considerando-se a faixa etária do público em questão, opta-se por dialogar a partir do conceito de Cultura Juvenil, entendida como um sistema de valores socialmente atribuídos e partilhados a jovens de diferentes condições sociais. Foram aplicados questionários em 138 alunos de sete turmas de segundo ano do Ensino Médio. As questões versavam sobre o seu entendimento sobre a(s) disciplina(s) que preferiam; o conceito de História; atividades que preferiam; sua visão sobre a escola. A partir das respostas foi possível perceber uma expectativa positiva dos alunos sobre a disciplina e uma compreensão de ensino baseada na pluralidade de linguagens bem como de espaços de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de História; Cultura Juvenil; Ensino Médio; Didática.

2 - HISTÓRIA E POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO PARA A SUPERAÇÃO DAS DIFERENÇAS SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR.

Rafaella de Aguiar Coradini / UFSM - rafa.coradini@hotmail.com
Vítor Otavio Fernandes Biasoli / UFSM - vbiasoli@gmail.com

Este artigo se propõe refletir acerca da discriminação social e econômica que alguns alunos estão expostos por suas condições diferenciadas em relação a um padrão a eles impostos. Essa discriminação acontece indistintamente dentro ou fora do ambiente escolar. Mesmo que todos estejam escutando as mesmas músicas, utilizando as mesmas vestimentas, falando as mesmas gírias, é possível perceber a diferença. Por isso, a análise pretendida se concentrará no ambiente escolar, especificamente relativa às instituições públicas de ensino. Busca-se compreender a historicidade das diferenças sociais e suas consequências, ao longo do tempo, e como a educação e a disciplina de História, especificamente os temas da história contemporânea – o caso das ditaduras no Cone Sul, por exemplo – podem contribuir para sua superação e melhor conduzir o sujeito a se incluir na sociedade como igual em direitos e deveres.

Palavras-chave: Diferenças Sociais, Educação, História, Ditaduras.

3 - O ENSINO DE HISTÓRIA DE JOVENS E ADULTOS DE NÍVEL MÉDIO E O DIÁLOGO COM AS CONCEPÇÕES GOVERNAMENTAIS, DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA E DA PEDAGOGIA CRÍTICA

Maurício José Adam / UFSM - mauricio_adam@hotmail.com

O presente trabalho visa elaborar um diagnóstico acerca do ensino de História em turmas de ensino médio de uma escola da rede estadual de Santa Cruz do Sul na modalidade EJA. Através de um estudo de caso, visa-se esclarecer a imagem dos estudantes acerca do componente curricular assim como as contribuições da disciplina no cotidiano dos alunos. Para isso será aplicado um questionário aos estudantes de 6 turmas de primeiro a terceiro ano do ensino médio. Após o levantamento dos dados será feita uma comparação entre a concepção dos estudantes, as perspectivas contidas nos documentos elaborados pelos órgãos governamentais, assim como o possível diálogo com os preceitos da Pedagogia Crítica e da Educação Histórica. A partir desse levantamento visa-se produzir uma análise que permita aos professores da disciplina identificar as arestas contidas na construção do conhecimento histórico dos estudantes e de que forma as teorias previamente citadas podem contribuir no processo educacional.

Palavras-chave: Educação Histórica, Pedagogia crítica, ensino de História.

4 - O ENEM E O ENSINO DA HISTÓRIA

Fabrcio Romani Gomes / Rede Estadual e Rede Municipal de Farroupilha/RS - branco.vermelho@live.com
Suelen Marchetto / UNISINOS - professorasuelen@hotmail.com

A realização de avaliações de larga escala no nosso país já não é novidade. Elas estão presentes com diferentes objetivos, desde meados do século XX. Porém, a utilização dos resultados dessas avaliações pode ser considerada uma novidade. É isso que buscamos com o presente trabalho, uma reflexão sobre como os resultados obtidos pelos alunos e pelas alunas do Colégio Estadual Farroupilha, podem ser utilizados como indicadores na melhoria da qualidade de ensino da História do Ensino Médio Politécnico. Para isso, utilizaremos os resultados obtidos pelos alunos e alunas no ano de 2014 no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, bem como outras informações referentes aos eixos cognitivos, competências e habilidades exigidas pela mesma avaliação.

Palavras-chave: ENEM, Ensino Médio, História.

5 - ODISSEU, PROFESSOR DE HISTÓRIA: ENSAIO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MAURICE TARDIF E DE JORGE LARROSA PARA UMA INTERPRETAÇÃO DO PIBID-HISTÓRIA

Filipe Lerias Dorneles / UFRGS - filipelerias@hotmail.com

Nosso ensaio apresenta, criticamente, categorias de análise de Maurice Tardif e de Jorge Larrosa e propõe uma interpretação sobre o Programa de Iniciação à Docência na formação de professores de História. A partir de Tardif coletamos: *experiência, tempo subjetivo, ethos do professor, saber profissional/experiencial*. Para o autor, o professor é fruto da interação entre sua história de vida, seus saberes e sua prática cotidiana na escola e na sala de aula. Tardif destaca a dimensão experiencial da vida do professor (socializações nos níveis familiar, escolar e profissional). Em Larrosa: *experiência, sujeito da experiência, saber da experiência*. O autor alerta para que os professores assumam uma postura de abertura e de sensibilidade em relação à dimensão prática de suas vidas (e, por conseguinte, de sua profissão). Gravitando em torno desta revisão conceitual apresentamos o herói helênico Odisseu, figura-símbolo da experiência, da memória e da astúcia, enquanto alegoria para representar o professor de História.

Palavras-chave: ensino de História, Pibid, experiência.

6 - ENSINO DE HISTÓRIA E TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA: MIRADAS A PARTIR DO PIBID

Mara Cristina de Matos Rodrigues / UFRGS – IFCH - mara.rodrigues@ufrgs.br
Caroline Pacievitch - UFRGS – FACED - pacievitch@gmail.com

Esta comunicação apresenta resultados parciais de uma análise desenvolvida por professoras coordenadoras e estudantes de iniciação à docência participantes do subprojeto História do Pibid UFRGS. A problemática em discussão passa pelas relações abertas entre o ensino de história e teoria e metodologia da história no ensino básico, a partir de uma sequência de atividades realizadas em turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. As atividades foram planejadas e executadas em conjunto entre professora supervisora, três bolsistas de Iniciação à Docência e uma professora coordenadora. Seu objetivo era discutir representações sobre a África presentes em diversas fontes documentais (como fotografias e vídeos), com especial ênfase para a história em quadrinho “Tintim na África”, de Georges Rémi. Na

comunicação, descrevemos a sequência didática realizada para propor questionamentos sobre as possibilidades de interlocução entre ensino de história e teoria e metodologia da história na Educação Básica, principalmente quando se coloca em questão a análise de documentos históricos para debater questões socialmente vivas.

Palavras-chave: formação de professores de história, ensino de história, Pibid, teoria e metodologia da história.

7 - EDUCAÇÃO INDÍGENA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ALDEIA KETYJUG - ETNIA KAINGANG (SANTA MARIA, RS).

Andressa Flores - UNIFRA – andressarodrigues979@gmail.com

A presente comunicação tem como objetivo relatar a experiência vivenciada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Franciscano. Esta experiência consiste em uma aula ministrada na Escola Estadual Augusto Ope da Silva localizada em uma aldeia de etnia kaingang em Santa Maria, RS. Esta experiência consistiu em ministrar uma aula de história, o ponto de partida foi dialogar com os alunos sobre o conceito de cultura e a respeito da memória individual e coletiva. Em um segundo momento, elaborou-se um trabalho individual de análise de livros didáticos onde cada aluno recebeu um livro diferente para análise, após, foi distribuído um questionário perguntando se o aluno mudaria ou acrescentaria algo presente nos livros e o que gostaria de ensinar sobre sua cultura. Além do ensino das disciplinas é essencial o aprendizado que ensine os alunos para a vida, onde a sabedoria transmitida pelos mais velhos é um dos principais valores de sua cultura. Segundo Gersem Baniwa (2012) "os desafios da escola indígena na atualidade não estão limitados a pouca qualidade de infraestrutura, recursos humanos e materiais didáticos, mas também de dilemas político-conceituais, filosóficos e pedagógicos". Percebeu-se nesta experiência o grande interesse e disciplina dos alunos, bem como o valor do "tempo", pois, não há uma preocupação referente ao início, duração e término de uma aula, o aprendizado ocorre no tempo de cada um.

Palavras-chaves: Cultura, educação, ensino, índios, kaingang.

8 - O POTENCIAL PEDAGÓGICO DA IDADE MÉDIA IMAGINADA

Bruno Chepp / UFRGS - bruno.chepp@hotmail.com

Guilherme Masi /UFRGS - guilhermenpm@gmail.com

Nilton Mullet Pereira / UFRGS - niltonmp.pead@gmail.com

A suposição de que o que se convencionou chamar de Idade Média imaginada não tem qualquer potencial pedagógico é uma premissa que a argumentação presente neste trabalho quer desconstruir, ao abordar dois modos de expressão muito comuns nos tempos atuais e que fazem fortes referências à Idade Média, à música e às séries televisivas. Indubitavelmente, é preciso considerar que há uma Idade Média contada na escola, que remonta ainda hoje, uma leitura iluminista e preconceituosa em relação ao medieval. Essa Idade Média escolar consiste ainda em uma espécie de folclore: época de caos e trevas, na qual ainda não se haviam formado nações e os homens europeus viviam num estado de sono profundo, desde a decadência do Império Romano e a derrocada do mundo clássico. Ao mesmo tempo, verifica-se uma verdadeira obsessão por uma Idade Média imaginada, um medieval que se nutre da fantasia e da aventura. Trata-se da Idade Média do cinema, das séries televisivas, das músicas e dos jogos. Mas, diferentemente daquele medieval escolar, essa Idade Média imaginada que é representada por *Game of Thrones* e *Iron Maiden*, encanta e seduz, aguça a imaginação; e, quem sabe, pode permitir a produção conceitual. O que pretendemos pensar é justamente sobre o encontro dessas duas Idades Médias: uma que torna o conhecimento tão seco e árido, distante tanto das possibilidades de imaginação dos estudantes, quanto da pesquisa histórica sobre o medieval, afastando uma compreensão conceitual da Idade Média; outra que, ao afirmar uma realidade histórica inexistente, senão na imaginação, reforça uma visão mítica, mística e mágica do medieval. Esse encontro quer se valer da seriedade da pesquisa histórica e do conhecimento da realidade medieval, sem deixar de se valer do jogo e da fabulação da música e da imagem em movimento, na tarefa da construção dos conceitos nas aulas de história.

Palavras-chave: Ensino de História –Idade Média –Imaginário –Séries televisivas –Música.

9 - LEI DA CARTOLA LARANJA

Gilnei Daniel Jr / UFSM - gilnei_daniel2011@hotmail.com

Theo Rosito Machado / UFSM - theomachado@gmail.com

Arioli Helfer / UFSM - ariohelfer@hotmail.com

O trabalho aqui referido faz parte do PIBID\História\UFSM e propõe a elaboração de uma atividade pedagógica com o auxílio de material didático que problematize a divisão dos três poderes e as formas pelas quais se institui uma lei na

constituição brasileira, demonstrando assim os reflexos da Revolução Francesa e seus ideais na forma de gestão pública contemporânea. Discutindo pontos como: Montesquieu e a divisão dos poderes; a garantia da democracia; as funções de cada poder, bem como os cargos dentro de cada uma dessas instâncias; a divisão bicameral do poder legislativo; e os meandros para promover e instaurar uma nova lei, buscamos demonstrar as implicações do passado histórico no tempo presente e instrumentalizar os educandos, no sentido, de perceberem os encadeamentos e a construção das estruturas políticas que os perpassa. A atividade consiste na exposição de apresentação lúdica, utilizando o programa Prezi, da fictícia "lei da cartola laranja". A atividade está sendo desenvolvido com estudantes das séries finais do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Básico Paulo Lauda, Santa Maria – Rio Grande do Sul.
Palavras-chave: política, contemporânea, Revolução Francesa, lei.

10 - MANIBA; MANDIOCA E AIPIM: ORIGEM, HISTÓRIAS E GASTRONOMIA DA RAIZ BRASILEIRA.

Gabriel Chaves Amorim / FEEVALE - i_cristo@yahoo.com.br

A História da alimentação é o principal tema abordado neste trabalho. Entendemos aqui a gastronomia como um saber oriundo das relações do homem com a alimentação. Nem sempre os ingredientes e comidas brasileiras recebem o devido valor, seja no cotidiano ou em cozinhas acadêmicas e de alto requinte, por isso a opção de abordar a temática. Qual a gastronomia e patrimônio dos primeiros habitantes do território brasileiro? Utilizei em sala de aula a elaboração de receitas com ingredientes e métodos tipicamente amazônicos e indígenas para explorar este problema. Por intermédio de revisão bibliográfica busco lançar bases para entender e estabelecer uma caracterização da história da gastronomia brasileira. Usando relato de viajantes, padres, religiosos e outros, busquei exemplificar alguns hábitos alimentares pré-coloniais. Como resultado desta pesquisa, podemos ver a recorrência da Gastronomia da Mandioca e seus insumos como principais hábitos e identidades alimentares. Foi desenvolvido ainda a metodologia de adaptação histórica de uma receita, constituindo uma importante ferramenta lúdica de pesquisa e ensino na área da história da alimentação. O resgate ou adaptação histórica de receitas é uma ferramenta útil ao ensino de história pois possibilita aos experimentadores a interação com ingredientes, insumos, técnicas que remetem as identidades e patrimônios de determinado grupo. Para tanto é necessária uma densa apropriação da história de tais ingredientes, insumos e técnicas.
Palavras-Chave: História da alimentação, História da mandioca, Gastronomia amazônica, Alimentação indígena, Metodologia do ensino de história da alimentação.

Sessão de Comunicação Acadêmica – II Práticas de Ensino – Bloco H

1 - MIGRAÇÕES: UMA PROPOSTA DE HISTÓRIA TEMÁTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Pedro Alcides Trindade de Mello / UPF - atopam.pedro@gmail.com

Este artigo tem como objetivo central a reflexão acerca de uma experiência de estágio supervisionado no Ensino Médio, desenvolvida no primeiro semestre de 2015. Na pauta das discussões estão a metodologia desenvolvida no período e as percepções finais sobre as possibilidades contidas nos processos de desenvolvimento da prática docente em História, especialmente no que diz respeito às formas de planejamento de conteúdos históricos específicos. A proposta de ensino em discussão, viabilizada e planejada dentro da situação de estágio previu a constituição de um planejamento respaldado em conteúdos históricos que possibilitassem uma consistência narrativa, entendida como temática – as migrações humanas. Entendeu-se que este tipo de planejamento não somente exige um desafio a mais ao professor quanto prevê um planejamento de longo prazo em que exista a reflexão do docente acerca de seu lugar e função educacional, bem como das reminiscências de sua prática. Julgou-se importante destacar as necessidades de clareza do professor estagiário quanto de seu objeto de estudo e de proporcionar aos estudantes recursos para compreender, o conjunto de intenções contidas na proposta do professor e o seu sentido. O texto organiza-se pela explanação do planejamento de estágio, seguido por apontamentos relacionados às possibilidades envergadas por cada ponto do plano, buscando ampliar as afirmações sobre os âmbitos de trabalho em sala de aula com os conteúdos, visando extrapolar suas unidades.

Palavras Chave: Migrações, ensino de história, estágio.

2 - O QUE É O TRABALHO? UM RETRATO DA CLASSE TRABALHADORA DO BAIRRO JARDIM DOS LAGOS

Mateus Ranzan / E.M.E.F. Zilá Paiva - ranzan.mc@gmail.com
Alexandre Quadrado / E.M.E.F. Zilá Paiva - alequadrado@hotmail.com

Este artigo é uma reflexão teórica de atividade realizada pelos professores de História e Geografia com alunos de 8º e 9º anos da E. M. E. F. Zilá Paiva, no município de Guaíba no ano de 2015. O trabalho consistia em uma minixposição fotográfica dos responsáveis dos estudantes em suas funções laborais. Para compor a exposição foi solicitado que os próprios alunos realizassem a fotografia, procurando uma aproximação familiar, pois foi possível constatar que muitos desconheciam qual atividade é exercida pelos seus responsáveis. Existe uma completa alienação dos educandos com relação à procedência de produtos: tênis, camiseta, boné, ou ainda alimentos como frutas. Nesse contexto, buscou-se mostrar aos alunos o trabalho produtivo realizado na extração de matéria prima. Para tanto, foram selecionadas fotografias do álbum "*Trabalhadores*" de Sebastião Salgado, no qual é retratado o trabalhador no seu ambiente de trabalho. A fotografia é instrumento significativo nas aulas de História e Geografia, por fornecer importantes recursos que auxiliam na tarefa de promover a aprendizagem. Devido às cenas recortadas e representadas na imagem congelada que contem informações novas sobre fatos históricos e geográficos, ajudando na formação de alunos capazes de raciocinar historicamente, criticamente e com sensibilidade sobre a vida social e cultural das sociedades, tem também o potencial de despertar o interesse dos alunos. Concomitante, foi debatido em aula o conceito de "trabalho" e "salário", além da distribuição de atividades produtivas pelo mundo. Para enfim, atingirmos o nosso objetivo que é de um processo de ensino e aprendizagem criativo, interativo e que proporcione a compreensão dos alunos pelos conceitos históricos e geográficos.

Palavras chave: Trabalhador, Fotografias, Trabalho, Geografia, Salário.

3 - HOMINÍDEOS, VÊNUS E BRUNA: ENSINO DE HISTÓRIA E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Wellington Rafael Balém / UFRGS - wr.balem@bol.com.br

Nesta comunicação, analisamos uma prática docente em campo de estágio curricular, realizada no primeiro semestre de 2013, junto a uma turma de Educação de Jovens e Adultos em uma escola estadual de ensino fundamental noturno de Caxias do Sul, RS. O relato da prática não é um fim em si mesmo, mas, antes, nos serve como pretexto para compreendermos uma questão mais ampla: como tornar a História e o seu estudo algo significativo para alunos da EJA, em um cenário onde tudo aponta para a direção contrária? Para isso, levando em consideração o contexto sociocultural da escola e da turma, analisamos algumas experiências e estratégias mais ou menos bem-sucedidas desenvolvidas com a referida turma, onde procurou-se dar condições para que os alunos pudessem perceber e sentir a História e o seu aprendizado como algo significativo, pois essa significância não é óbvia e demanda que se vá além do aparente, tanto no sentido acadêmico, quanto no humano. No caminho inverso, avaliamos alguns indícios que apontaram que, ao longo do processo educativo, quando se rompe como o aparente e aproxima-se do contexto real do aluno, individual e coletivamente, não só a disciplina de História, como também seu ensino e seu aprendizado ganham espaço para tornarem-se significativos.

Palavras-chave: Ensino de História, Educação de Jovens e Adultos, Aprendizagem Significativa.

4 - A COMPETÊNCIA NARRATIVA ATRAVÉS DE JOGOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Rafael Vicente Kunst / Colégio de Aplicação/UFRGS - Rafael.vkunst@gmail.com

O objetivo desse trabalho é analisar como o uso de jogos pode auxiliar o desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica. A partir de jogos de temática histórica criados por um grupo de estudantes do Sexto e do Sétimo Anos do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação/UFRGS, observou-se como suas narrativas foram elaboradas, acompanhando, dessa forma, o processo de significação do conhecimento histórico através de materiais lúdicos. Nessa pesquisa, os estudos de Jörn Rüsen sobre a importância do desenvolvimento da competência narrativa no Ensino de História são referências fundamentais, pois defendem a necessidade de o indivíduo aprender a significar de forma autônoma o passado para que ele possa se orientar historicamente na realidade em que vive. Apoio-me também nos trabalhos de Tânia Ramos Fortuna, Johan Huizinga e Roger Caillois para analisar o papel do lúdico na educação e como jogos e brincadeiras atuam no desenvolvimento da capacidade de significação do mundo para crianças e jovens. A partir dessa pesquisa, percebeu-se até o momento que houve o desenvolvimento de determinados elementos da competência narrativa na elaboração dos jogos de temática histórica analisados, tais como a compreensão de acontecimentos

simultâneos numa mesma realidade histórica e o estabelecimento de relações entre diferentes eventos fundamentadas em relações de causalidade.

Palavras-chave: Jogos, narrativa, ensino de História, Jörn Rüsen, práticas pedagógicas.

5 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E TEORIA *QUEER*: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Antoniél dos Santos Gomes Filho / UFC - antoniél.historiacomparada@gmail.com

Cícero Edinaldo dos Santos / UFC - ciceroedinaldo@live.com

Almejamos contribuir para a formação acadêmica de professores-pesquisadores, apresentando uma nova perspectiva no ensino e aprendizagem em História da Educação, fundamentadas a partir das postulações da Teoria *Queer*. Este objetivo nasce a partir das nossas experiências profissionais com a disciplina de História da Educação e poderá servir como um instrumental pedagógico para a formação de professores-pesquisadores nos cursos de pedagogia e Licenciatura em História. Partimos inicialmente de um levantamento bibliográfico, a fim de demonstrar a utilidade do diálogo interdisciplinar, destacando o arranjo de sua configuração e suas possibilidades. Na primeira parte, sintetizamos algumas facetas da História da Educação – vista como domínio epistemológico e disciplina acadêmica – e suas possíveis articulações com a Teoria *Queer*. Na segunda parte, demonstramos como o diálogo entre as mesmas pode ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem, por intermédio de uma temática central, que serve como exemplo, a saber: Regulações de Gênero. Consideramos que o diálogo entre a História da Educação e a Teoria *Queer* adentra as margens do passado e do presente, com teor crítico, desnaturalizando a vida individual e social. Mostra-se como uma iniciativa pósidentitária de educar, possível de ser colocada em prática na formação de professores pesquisadores. Além disso, revela-se promissor na medida em que tenta germinar um novo tipo de prática pedagógica, onde esta não se restringe ao excesso do mesmo, mas na alteridade e aceitação do outro; uma prática pedagógica que não reivindica a explicação única, mas que se reconhece na pluralidade de sentidos, interconexões e processos; uma prática pedagógica que compreende os limites de sua interpretação. O diálogo entre História da Educação e Teoria *Queer* aposta na multiplicação das diferenças que podem subverter os discursos totalizantes e hegemônicos da Ciência e do cotidiano acadêmico. Adverte a importância de contextualizar as formas de agir e reagir, salientando que a agência não é igual em todos os tempos e espaços. Serve para estranhar, desconstruir, os saberes sobre as regulações de gênero e não (re) legitimar padrões e relações vigentes.

Palavras-Chave: História, Educação, Teoria *Queer*, Pesquisa, Ensino.

6 - SUBPROJETO PIBID/HISTÓRIA-UFSM: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OFICINA MESOPOTÂMIA ANTIGA

Mauricio Hiroshi Filippin Oba / UFSM - mhfoba@gmail.com

Emilana Soares Ziani / UFSM - milana2012filosofia@gmail.com

Alan Patrick Buzzatti / Colégio Estadual Edna May Cardoso - apbuzzatti@yahoo.com.br

O trabalho versa sobre as atividades realizadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto PIBID-História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com os alunos de 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Professora Edna May Cardoso, localizado na Cohab Fernando Ferrari, bairro Camobi em Santa Maria/RS. As atividades realizadas junto aos jovens tiveram como tema central o período da mesopotâmia antiga, entre 5000 a.C. e 300 a.C. problematizando principalmente a realidade social das mulheres nas diferentes camadas da sociedade mediante o aporte teórico de textos jurídicos referentes ao período. A partir disso buscamos problematizar o conteúdo histórico enquanto instrumento para pensar a realidade dos estudantes, ampliar a perspectiva dos alunos com relação ao ofício do historiador e o seu trabalho com as fontes históricas, bem como discutir questões do tempo presente relativas à marginalização de indivíduos na nossa sociedade por meio de reflexões que a história pode nos possibilitar, e desconstruir historicamente papéis sociais atribuídos a diferentes sujeitos em prol de sua condição social, econômica e racial. Por conseguinte, este trabalho mediante uso de fontes históricas, possibilitou aproximar os alunos de uma "educação histórica", auxiliando um processo de percepção do conteúdo para além da sua limitação temporal, e o conhecimento histórico como uma produção de preocupações do tempo presente.

Palavras-chaves: Ensino de História, Mesopotâmia Antiga, História das Mulheres.

7 - O QUE ACONTECE NA ESCOLA? O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Daniela Maria Weber / Centro Universitário Univates - daniweber@universo.univates.br

Dra. Márcia Solange Volkmer / Centro Universitário Univates - marciavolkmer@gmail.com

O objetivo deste trabalho é o de analisar as percepções sobre o ensino de História e as práticas docentes dos estagiários do Curso de História da Univates, pontuando mudanças a partir da inserção do licenciando no espaço escolar. A metodologia utilizada foi a aplicação de questionários, com perguntas semi-estruturadas, que fazem referência a dois eixos de análise. As perguntas analisam a importância e as dificuldades dos licenciandos em relação ao Estágio, e questionam sobre uma possível alteração nas práticas e metodologias utilizadas. As questões permitem uma análise das experiências proporcionadas pela prática de Estágio e de como essa vivência alterou os sentidos atribuídos à docência e ao ensino de História. Os estagiários realizam o planejamento de situações de aprendizagem, o que demanda o estudo do conteúdo, a aproximação com novas metodologias e, sobretudo, a interação com os alunos. Os primeiros resultados analisados evidenciam a percepção de uma dicotomia entre teoria e prática, depositando no estágio uma importância a partir da experimentação. As maiores dificuldades estão relacionadas ao planejamento e seleção dos conteúdos, e ao sentimento de insegurança na tomada de decisões na sala de aula. Salienta-se a importância do estágio e, sobretudo, da interação entre estagiário, alunos, professores titulares e supervisores, reforçando o aprendizado que acontece na escola. Palavras-chave: Ensino, História, Estágio, Docência.

8 - O NEGRO EM SEU PROCESSO HISTÓRICO E CULTURAL NO BRASIL: MEDIAÇÕES E METODOLOGIAS NO CAMPO DOCENTE.

Cleusa Evanise dos Santos / FACCAT - cleusaevanise@hotmail.com

Jessé Teixeira da Silva / FACCAT - jesse.history@gmail.com

Lana Martiéli Schröer / FACCAT - lanaschroer@hotmail.com

O Projeto apresentado se aplicou em uma turma de primeiro ano de Ensino Médio, definiu-se na lei 10.639/03 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Tomou-se como base a importância de conhecer as origens do escravo africano em sua vinda para o Brasil; o contexto histórico do período estudado; o papel desempenhado pelo negro, destacando não apenas o serviço desempenhado como escravo, mas também valorizando sua contribuição cultural, compreendendo o afro como uma das matrizes culturais brasileira; e por fim, num recorte regional, identificando o negro no Rio Grande do Sul, ressaltando sua participação na Revolução Farroupilha como Lanceiros Negros. No plano metodológico, além de textos foram utilizados imagens e mapas, contextualizando sobre os temas propostos nas aulas. Valorizando sempre o diálogo com os alunos, levantando problemáticas e reflexões em sala de aula, buscando conscientizar sobre a questão do racismo, fruto deste passado escravista e ainda presente em nosso meio, bem como a importância de combatê-lo. Os objetivos traçados no projeto foram: verificar o continente africano e a visão do negro pelo europeu, para entender os desdobramentos históricos posteriores; analisar os tipos de trabalho e funções exercidas pelos escravos negros, para reconhecer o valor desempenhado por estes na construção do estado; compreender o negro no contexto da Revolução Farroupilha e seus desdobramentos, para verificar as injustiças cometidas e ocultadas; refletir sobre a questão racial, para conscientizar na luta contra o racismo; conhecer a cultura afro-brasileira, para valorizar o afro no contexto histórico e sua importância na construção cultural brasileira. Para finalizar está em desenvolvimento a atividade de um teatro a ser representado pelos alunos, "Os Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha", um tema ainda bastante polêmico, mas que visa entender a entrada dos negros escravos no conflito; e analisar o desfecho do movimento farroupilha e suas consequências para com os negros que lutaram pela promessa de liberdade.

Palavras-chave: afro-brasileiro, cultura, escravidão, negro, racismo.

9 - DAS MARGENS AO CENTRO: A HISTÓRIA DA ÁFRICA EM UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Letícia Mistura /UPF – leticiamistura@gmail.com

Os contornos teóricos que buscam pontos consensuais para um ensino de história desejado como ideal, na educação básica, preveem a formalização cognitiva dos processos que condicionam a construção do conhecimento histórico pelos estudantes, que se direcionaria para a ação do "pensar historicamente". Este texto oferece uma reflexão sobre as reminiscências da experiência estágio curricular supervisionado, no Ensino Médio, calcado neste princípio e pensado a partir das possibilidades de centralidade da História da África como alternativa a uma história canônica, eurocentrada, excludente e facilitadora, quando viabilizada de maneira unilateral e absoluta, de equívocos históricos, anacronismos e preconceitos cultural e etnicamente direcionados. Buscou-se, pela mobilização do conteúdo histórico como gerenciador de intencionalidades metodológicas, a relação dos estudantes, por estranhamento e empatia, com uma faceta da "história universal" – e brasileira – ainda a ser desbravada e, por meio de provocações reflexivas, a desconstrução de preconceitos, equívocos ou perspectivas "folclorizadas" e alegóricas a respeito da história do continente africano. Ao final, foi proposta a confecção, pelos estudantes, de uma narrativa em que refletissem sobre suas próprias trajetórias de aprendizagem durante o período de estágio, buscando mobilizar as instâncias do "pensar historicamente" em suas relações intrínsecas com os conteúdos apreendidos na aula de História.

Palavras-chave: Ensino de História, História da África, pensar historicamente, conhecimento escolar.

10 - A HISTÓRIA DAS MULHERES E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UMA INVESTIGAÇÃO NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda Nunes Moreira / FURG - amanda.nunes.moreira@gmail.com

A presente pesquisa apresenta uma investigação, parcial, do que se ensina e o que se aprende sobre a história das mulheres nas aulas de história, em uma turma do 9º ano do ensino fundamental público. Para a mesma foi considerado o conhecimento prévio dos(as) alunos(as) sobre a história do feminino no contexto familiar e escolar durante a trajetória do processo de ensino/aprendizagem. A base teórica é pautada nos estudos de Jörn Rüsen sobre Educação Histórica e Consciência Histórica, onde o mesmo questiona a utilidade que atribuímos para o ensino de história através desses "caminhos"; como esse está sendo realizado em nossas escolas, e principalmente, se está ocorrendo esse outro "olhar". Como bases metodológicas foram utilizados dois modelos investigativos: o modelo da aula-oficina da historiadora Isabel Barca e a unidade temática investigativa da, também historiadora, Lindamir Zeglin Fernandes. A metodologia está sendo aplicada em quatro momentos, que servirão para observar a construção da aprendizagem, ou não, da consciência histórica dos alunos sobre a história das mulheres através da produção de narrativas.

Palavras-chave: História das Mulheres, Consciência Histórica, Educação Histórica, Aula-Oficina, Narrativas.

Sessão de Comunicação Acadêmica – I Produção e análise de material didático – Bloco H

1 – AMANARA: "DIA COM CHUVA". O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DE UM JOGO MULTITRILHAS

Jéssica Fernanda Arend / UFSM - jeharend@hotmail.com

Calison Eduardo Santos Pacheco / UFSM - calisonsantospacheco@gmail.com

André Luis Ramos Soares/ UFSM - alrsoaressan@gmail.com

Este trabalho enfatiza a criação de um jogo didático de multitrilhas – "Amanara" – sobre os processos históricos que envolvem os povos indígenas do Rio Grande do Sul – Guarani, Kaingang, Charruas e Minuanos. A iniciativa surgiu devido a pouca ênfase dada ao tema nas escolas, tanto do ensino fundamental quanto do médio, e, pretende-se também, através deste jogo, atender a Lei Federal 11.645/08 que torna obrigatório o ensino, tanto da cultura afro quanto da indígena nas escolas de ensino básico. O jogo objetiva também trazer o indígena do passado – como é representado nos livros didáticos – à atualidade, dessa forma, refletir sobre questões atuais e o processo histórico que ocorreu e resultou na atual situação indígena (colonização, extermínio, perseguição, trabalho escravo, luta pela terra, desapropriação de terras) no Estado. A partir do jogo, buscar o aprendizado através da brincadeira, envolvendo o aluno e despertando a sua curiosidade, relacionando com as questões presentes em seu cotidiano, por exemplo, em grandes centros urbanos sempre é possível perceber a presença indígena em calçadas vendendo seus artesanatos, o que isso significa? Além disso, compreender os conceitos de alteridade e identidade, aprender a saber respeitar culturas diferentes e desfazer estereótipos impregnados na nossa sociedade através de aulas que enfatizam o assunto indígena. Problematicar a data 19 de abril como o único dia do índio, pois o "dia do índio" é todos os dias, logo esta data deve ser pensada várias vezes ao longo do ano letivo, e esta é a proposta deste jogo, que ele seja jogado várias vezes nas escolas – como em dias de chuva. Além disso, cabe ressaltar, que o jogo é repleto de iconografias, o que também permite pensar a história através de ilustrações.

Palavras-chave: Alteridade, Indígenas na atualidade, Indígenas do Rio Grande do Sul, Jogo Didático, Lei 11.645/08.

2 - ENSINO DE HISTÓRICA LOCAL: NECESSIDADES E PERSPECTIVAS

Denise Belitz Quaiatto / UFSM – denisebquaiatto@gmail.com

Novas percepções metodológicas têm trazido a nós, educadores, reflexões pertinentes quanto aos métodos tradicionais de ensino, bem como a estrutura dos livros didáticos no tocante aos seus conteúdos e exercícios propostos. Visando a contemplar inovações necessárias para a prática efetiva de um ensino de maior qualidade, partindo da necessidade da abordagem de história, mais especificamente das histórias municipais e regionais, proponho a elaboração de um material didático atualizado voltado a atender essa demanda. Com base em pesquisa iconográfica, consulta bibliográfica e documental, o objetivo é produzir um livro didático sobre a história de Santa Maria e região para ser utilizado no ensino fundamental, haja vista a carência de material semelhante nas escolas municipais. Partindo da constatação de que os

educadores das séries fundamentais sentem a dificuldade dos estudantes em situarem-se no tempo e no espaço, o material será estruturado a partir de uma abordagem cronológica dos principais desdobramentos históricos da região central do estado desde os primeiros habitantes até as décadas finais do século XX, relacionando-os com aspectos socioculturais, políticos e econômicos. O objetivo do trabalho é dialogar com a ampla produção historiográfica-acadêmica ou não-existente sobre o tema, elaborando um material didático que permita a compreensão da história regional no espaço escolar.

Palavras-chaves: Ensino de história, História Local, material didático.

3 - O ENSINO DE IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Eduardo Alberto de Almeida / UFSM - eduardoalbertodealmeida@gmail.com.br

Jordana Guidetti Pozzebon / UFSM - jojo.pozzebon@zipmail.com.br

A discussão de identidade de gênero e orientação sexual é algo muito importante e que deve ser trabalhado de forma urgente nas escolas do Brasil. Nosso trabalho teve como objetivo de problematizar as questões a cerca da orientação sexual e identidade de gênero com os alunos para que os preconceitos pudessem ser desconstruídos, e mostrando a histórica luta contra os preconceitos existentes na sociedade, e como esses prejuízos fazem parte das estruturas profundas da sociedade, e que tudo é uma construção histórica. Através de aulas expositivas e debate com os alunos, procuramos estabelecer uma troca de conhecimento acerca do assunto, inicialmente com esclarecimentos sobre o que são identidades de gênero e as diferenças de cada uma, e o que são orientações sexuais e as discrepâncias de cada. Num segundo momento, trouxemos a trajetória histórica da sexualidade humana, desde a Grécia Antiga até os dias de hoje, para que os alunos percebessem que alguns pensamentos em relação à sexualidade são construções históricas. Criamos uma cartilha que foi distribuída para os alunos e professores a fim de ajudar na formação continuada dos professores para que eles continuem trabalhando esse tema de forma transversal na sala de aula e assim contribuir para o fim do preconceito na escola e também na sociedade.

Palavras-chave: ensino; homossexualidade; identidade de gênero; sexualidade; preconceito.

4 - JORNAL DE GUERRA: A CONSTRUÇÃO DO OLHAR DO EDUCANDO SOBRE O CONFLITO MUNDIAL DE 1914

Bruno de Moura Pinto / Centro Universitário Franciscano. - brunodemp@gmail.com

Matheus Lauer / Centro Universitário Franciscano. – matheuslauer55@gmail.com

O presente trabalho é resultado de uma atividade de intervenção do Subprojeto PIBID História do Centro Universitário Franciscano, em parceria com o Colégio Estadual Padre Rômulo Zanchi da cidade de Santa Maria, RS. O objetivo da atividade foi promover a desconstrução da visão linear sobre a Primeira Guerra Mundial, forjada, frequentemente, em *games* onde há apenas um lado vitorioso dentro deste conflito. Esta visão, muitas vezes, leva a posicionamentos ou comentários com forte teor xenófobo. Para isto, discute-se o papel das mídias e sua influência no entendimento dos contextos históricos. Em parceria com os professores de história e geografia das turmas de nono ano foi lançada a proposta da construção de um jornal impresso. Neste sentido, buscou-se incentivar a pesquisa sobre o tema e a construção de diferentes gêneros textuais que passaram a compor o jornal. Desta forma, a proposta também visou valorizar a escrita, leitura, ludicidade e a capacidade de indagar sobre o conflito e suas implicações. A compreensão sobre os papéis dos países envolvidos no conflito alcançou resultados qualificados à medida que percebeu-se uma melhor articulação de pontos de vista para além da perspectiva linear e política.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal de Guerra, Educação, PIBID.

5 - A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOÃO RUARO FILHO

Denise Ruaro Radaelli / UCS - denise_ruaro@yahoo.com.br

A presente pesquisa busca analisar a trajetória de João Ruaro Filho, militante caxiense que atuou na VAR-Palmares como membro da resistência ao regime civil-militar a partir de 1969. Além disso, pretende-se analisar sua participação política na luta pela promoção e garantia dos direitos humanos e pela reconstrução da democracia em Caxias do Sul durante seu mandato como vereador nesta cidade, de 1983 a 1987. Tangenciando o tema da ditadura civil-militar no Brasil busca-se, a partir do estudo desta trajetória, abordar o contexto da reabertura em Caxias do Sul, espaço sobre o qual há poucos estudos históricos. A validade ou pertinência dos estudos de trajetória apontam para a possibilidade e viabilidade de análise de fenômenos mais amplos a partir de trajetórias individuais, isto é, a biografia no âmbito da pesquisa histórica permite ler nas entrelinhas de uma vida os traços marcantes de determinados contextos. Frente ao recente surgimento

de manifestações pedindo o retorno das forças militares ao poder, faz-se necessário (re)construir a memória desde período da história do Brasil.

PALAVRAS CHAVE: Biografia, história, ditadura civil-militar, resistência, João Ruaro Filho.

6 - O ENSINO DE HISTÓRIA PARA O EXÉRCITO: UM ESTUDO DE CASO

Rodrigo Henque Gonçalves / UFRGS - rodrigohist@gmail.com

Neste artigo, temos por objetivo refletir sobre os usos do livro didático no sistema de ensino público do Exército, particularmente do Colégio Militar de Porto Alegre, buscando compreender principalmente os enfoques teórico-metodológicos da História ensinada e sua relação com a própria doutrina do Exército para a compreensão do processo histórico.

Palavras-chave: Livro Didático. Ensino de História. Exército.

7 - A REPÚBLICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DA ERA VARGAS (1938 – 1945)

WANESSA TAG WENDT / PUCRS - wanessa.wendt@acad.pucrs.br

O presente trabalho¹ se propõe a identificar e discutir de que forma três autores de livros didáticos de história (Jonarthas Serrano, Alfredo Gomes e Hélio Vianna) destinados ao primeiro ciclo do ensino secundário representaram a república nas páginas de suas obras produzidas a partir da ascensão de Vargas ao poder em 1930 e sua queda em 1945, e publicadas após a criação da CNLD, em 1938. Sabendo-se que o período varguista foi marcado por uma estratégia estatal de construção de uma versão da história nacional e que os livros didáticos da disciplina também fazem parte da cultura histórica de uma época (GOMES, 1999, p. 10) procuramos compreender quais as diretrizes estatais impostas naquele momento para que tais autores ensinassem o conteúdo em suas páginas por meio dos textos legais que regeram o ensino secundário, os programas para a disciplina, as orientações para sua aplicação e a literatura sobre a temática. Por meio deles procuramos compreender quais os principais aspectos impostos pelo Estado para o estudo sobre o conteúdo e que influenciaram diretamente a escrita dos autores de livros didáticos de história que publicavam naquele momento, já que esses eram obrigados a submeter suas obras ao processo de fiscalização da CNLD. Em um segundo momento discutimos a escrita desses autores sobre o evento pautada nessas diretrizes estatais.

Palavras-chave: Livros Didáticos de História, Era Vargas, Ensino de História.

8 - UM FRONT DE BATALHA NAS GUERRAS DE HISTÓRIA ESCOLAR: APONTAMENTOS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA

Anderson Vargas Torres / UFRGS - a.vtorres@hotmail.com

Esta comunicação procura apresentar alguns apontamentos e contribuições com relação ao ensino de História da África no Brasil. Partindo do conceito de Guerras de História Escolar (LAVILLE, 2011), retomo aqui os debates quanto à construção historiográfica sobre a África e o seu ensino em sala de aula - caracterizado historicamente pelo seu esquecimento ou por uma visão marginal nas guerras de história escolares no Brasil. Desde 2003, quando da promulgação da lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de História da África e dos afrodescendentes no Brasil, muito já foi feito com o intuito de resgatar essa história até então renegada dos bancos escolares. Procuro, dessa forma, demonstrar, com base na minha experiência de estágio docente, uma possibilidade de trabalho nas escolas com essa temática. Ela consistiu em partir dos conhecimentos prévios dos discentes com relação a África e propor, com o uso de novos materiais didáticos e paradidáticos, que os estudantes reconstruíssem seus olhares sobre as sociedades africanas. Ainda há muitas lacunas a serem preenchidas e muitos fronts de batalha a se enfrentar e é com esta premissa que pretendo, com a comunicação aqui exposta, contribuir para esse debate.

Palavras-chave: Ensino de História, Ensino de História da África, Lei 10.639, História da África, Guerras de História Escolar.

9 - PROJETO CONECTIVIDADE: O ENSINO DE HISTÓRIA NA WEB, TELECURSO 2000 E O SISTEMA DE RESPOSTA SOCIAL

Elisiane da Silva Soares / UCS - essoares1@ucs.br
 Jaqueline Benvenuti / UCS - jbenvenuti@ucs.br
 Lucas Troglio / UCS - ltroglio@ucs.br

A análise das teleaulas de História do Telecurso 2000 compõem o Projeto Conectividade, vinculado ao curso de graduação e pós-graduação em História da UCS. O referido programa, em sua apresentação, propõe-se a contribuir para a formação de cidadãos críticos e autônomos para viver em sociedade. Os resultados iniciais demonstram estratégias que ajudam a revelar o modo de endereçamento do programa, a concepção de professor, de aluno e de ensino de história. Artigos foram desenvolvidos envolvendo o Telecurso 2000, questões de gênero, relações interétnicas e o estudo da cultura afro-brasileira; estes foram apresentados no Jovens Pesquisadores (UCS) e na XX Jornada de Ensino de Educação (FURG) resultando em uma publicação na Revista AEDOS. Na presente etapa, a proposta é refletir por meio do sistema de resposta social, sobre a relação entre os professores de educação básica e o Telecurso 2000. O intuito é encontrar as carências do Programa refletidas na educação, buscando conhecer quem usa o programa, que diz sobre ele e a crítica feita sobre a visão da história. Com isso, será possível contrastar esses dados com os resultados até aqui alcançados. A metodologia utilizada baseia-se na análise qualitativa por meio de entrevistas em forma de questionário direcionado à docentes da educação básica que utilizam as teleaulas como recurso didático. O referencial teórico se baseia principalmente na obra *Sistema de Resposta Social* de José Luiz Braga que cabe perfeitamente em nossa proposta, já que o autor apresenta este como forma de análise dos diversos processos midiáticos, não dando enfoque apenas à produção e recepção, mas utilizando-se destes para compreender até que ponto a sociedade é capaz de chegar com a crítica aos materiais.

Palavras-chaves: Ensino de História, Telecurso 2000, Resposta Social.

10 - MÍDIAS CINEMÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: A PERSPECTIVA DISCENTE SOBRE ESTE RECURSO PEDAGÓGICO

Luiz Paulo da Silva Soares / FURG - luizsoaresrg@gmail.com

O presente trabalho de pesquisa é fruto de uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual José Mariano de Freitas Beck – CIEP localizada no bairro São João da cidade do Rio Grande no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil. O mesmo tem como objetivo precípua, apurar qual a posição dos discentes frente à utilização das mídias cinemáticas no Ensino de História. Sabe-se que, a utilização dessa mídia no ensino de História propicia aos educandos uma compreensão maior dos conteúdos históricos. Desta forma, a utilização dessa ferramenta como um complemento do ensino pode aperfeiçoar as aulas e estimular o senso crítico dos educandos. Conforme Carmo (2003, s/p), a utilização da mídia cinemática como "recurso pedagógico, pode fazer o aluno se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, pelo modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas e seminários. (...)". Para realizar o desenvolvimento deste, utilizou-se como aporte metodológico a pesquisa qualitativa e quantitativa através de questionários, que segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.". Diante disso, objetiva-se tecer uma reflexão sobre as informações prestadas pelos estudantes sobre a utilização das mídias cinemáticas no ensino de História.

Palavras-Chave: Ensino de História, Mídia Cinemática, Ferramenta didática.

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ACADÊMICA

28 de outubro – Terça-feira – 14h às 18h

Sessão de Comunicação Acadêmica – III – Fontes e Ensino de História – Bloco H

1 - IMAGENS NO ENSINO DA HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE PINTURAS QUE RETRATEM A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO ENSINO BÁSICO.

Cyanna Missaglia de Fochesatto / UNISINOS - cyanna.mf@gmail.com

Este estudo versa sobre a utilização de imagens no ensino da História, para tanto utiliza-se como estudo as pinturas do artista gaúcho Pedro Weingärtner, que representem a imagem do imigrante alemão no Rio Grande do Sul, na transição do século XIX para o XX. Busca-se compreender a forma que as imagens podem ser trabalhadas em sala de aula, bem como a forma que os estudantes percebem tais imagens no ensino básico. Através da análise de quatro pinturas de

Weingärtner, tenciona-se compreender o impacto das imagens no ensino da História. Um dos objetivos é analisar a forma que essas fontes colaboram para dinamizar o ensino, além de desenvolver diferentes habilidades nos estudantes.
Palavras-chave: Pedro Weingärtner, Ensino da História, Imagens, Imigração Alemã.

2 - GREVES – 1917 E CONTEXTO ATUAL: REFLEXÕES EM SALA DE AULA

Bianca Lopes Brites / UFSM - bi.brites@live.com
Letícia Schio / Escola Estadual Augusto Ruschi - leticiaschio@yahoo.com.br

A presente atividade intitulada "Greves – 1917 e contexto atual: reflexões em sala de aula" foi desenvolvida como ação pedagógica por incentivo do Programa Institucional de Iniciação à Docência, PIBID-CAPEs, subprojeto História da Universidade Federal de Santa Maria. A aplicação da atividade foi realizada na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi, do município de Santa Maria – Rio Grande do Sul, para turmas de EJA, 2ºs e 3ºs anos do noturno da instituição. O principal objetivo da atividade era provocar a reflexão dos alunos frente às situações que denotam dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores brasileiros a partir da contextualização de um importante movimento nacional de mobilização trabalhista, iniciado em 1917, associando aspectos daquele período com a realidade atual. O desenvolvimento da atividade consistiu em uma aula expositiva, rápida em função dos períodos reduzidos, iniciada pela indagação do que seria greve para os alunos e se teriam alguma posição perante o assunto, questionando se o movimento grevista tem ou não consistência. Abordou-se o conceito de greve e como esta se manifesta na sociedade, mostrando que a greve é a quebra do ritmo da normalidade capitalista. Em seguida com um enfoque histórico das greves no Brasil, trazendo para a realidade regional, explicaram-se os movimentos de 1917 que ocorreram tanto a nível local, que seria o município de Santa Maria, quanto a nível nacional. Como resultados da atividade, houve uma participação moderada em algumas turmas e em outras boas discussões e muitas indagações dos alunos frente às questões trabalhistas e situação dos trabalhadores na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Greves, Capitalismo, Trabalhadores, História de Santa Maria, Relações de Trabalho.

3 - FONTES DOCUMENTAIS EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DA ESCRAVIDÃO A PARTIR DO SUJEITO ESCRAVIZADO

Bruna Letícia de Oliveira dos Santos / UCS - blosantos@ucs.br
Roberto Radünz / UCS - rradunz@ucs.br

O presente trabalho busca apresentar a possibilidade do uso de fontes documentais em sala de aula, abordando a escravidão a partir das ações dos sujeitos escravizados. Esse é um relato da experiência do estágio III em História, que teve por base o trabalho desenvolvido pela pesquisa Fontes da Escravidão. Um dos resultados da pesquisa foi a publicação do artigo A memória sul rio-grandense: aprendendo história com fontes documentais, que contribuiu para a elaboração da unidade Trabalho escravo: resistência e tensões do cotidiano, colocada em prática em uma turma do terceiro ano, do Ensino Médio da Escola Estadual João Triches, em Caxias do Sul. A estratégia de ensino se propôs a trabalhar com três processos judiciais, datados da segunda metade do século XIX e acervados no APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de explorar o fazer histórico relativos as questões de gênero e a complexidade do cotidiano escravo. Além disso, os educandos discutiram questões relativas a identidade dos sujeitos escravizados, a naturalização da violência, e os sentidos de liberdade para os cativos. O trabalho com essa proposta possibilitou aos alunos uma visão mais questionadora sobre a escravidão, nesse sentido surgindo o debate sobre as narrativas romantizadas sobre esse período, em comparação ao registro dos documentos analisados e a forma de abordá-los, que parte do sujeito escravizado em relação a estrutura escravista.

Palavras-chaves: Fontes, Escravidão, Sujeitos escravizados.

4 - CINEMA E SALA DE AULA: A INDÚSTRIA BÉLICA NA "ERA VARGAS" E HOJE

Leandro da Silva Scariot / UCS - leandroscariot@gmail.com

Este artigo tem por objetivo expor uma abordagem pedagógica, cujo tema central busca promover o debate sobre o desarmamento da sociedade civil em aulas do ensino de História. Sugere-se o trabalho com fontes fílmicas, textos jornalísticos e fontes digitais. Os filmes abordados são "O Senhor das Armas" de Andrew Niccol e "Aos Olhos de Santa Bárbara", com direção de André Constantin. Trabalhar-se-á, entre outros tópicos, com a História da Produção de Armas, Era Vargas, Primeira República, Revolução de 1930, Revolução Paulista de 1932, Segunda Guerra Mundial, História de Caxias do Sul e História da Metalúrgica Gazola. As metodologias utilizadas são: cinema como fonte histórica, Júri

Simulado e a indução a reflexões sobre a história do tempo presente. A proposta busca provocar um debate de suma importância, de modo que os alunos reflitam sobre sua própria realidade. Ao levantar diversas questões no tocante a pauta do desarmamento mostraremos como uma questão tão complexa e atual pode e deve ser trabalhada de forma leve e didática. Nesta enfoque ensinar-se-á história como ciência prática; ou seja, ferramenta de sustentação teórica para debates dialéticos sobre pontos distintos. Ao ensiná-los a contrapor teses distintas estimularemos nossos alunos a trabalhar com mais autodomínio a construção de suas opiniões sobre o tema polêmico.

PALAVRA-CHAVE: Ensino de História. Indústria Bélica. Cinema. Era Vargas.

5 - O USO DO JOGO ELETRÔNICO "VALIANT HEARTS: THE GREAT WAR" NO ENSINO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Rogério Victor Maas Brasil / FURG - prof_brasil@terra.com.br

Vivemos em um mundo onde as inovações tecnológicas disputam a atenção dos jovens alunos de forma desleal com o professor e suas práticas tradicionais. Devemos superar os preconceitos em relação às tecnologias de informação e comunicação (TIC), por essa razão, tanto a escola e os professores não podem ficar alheios ao que acontece além das paredes das suas salas de aula. Sendo assim a utilização desses jogos eletrônicos, no meu caso o *game Valiant Hearts: The Great War*, constitui uma ótima oportunidade de trazer para o ambiente escolar algo que as crianças e adolescentes gostam e dominam muito bem. Além do mais esse game permiti estabelecer relações de causa e efeito entre acontecimentos de períodos sucessivos, o que representa para o jovem aluno dar um sentido ao seu presente. Utilizando de um jogo eletrônico como fonte, aliado a proposta de aula-oficina de Isabel Barca (2004), tenho a pretensão com esse artigo de propor uma alternativa prática e prazerosa de ensinar a Primeira Guerra Mundial, de um modo diferente, para que nossos alunos consigam perceber de que a História não é feita somente de heróis, mas de pessoas comuns iguais a todos nós.

Palavras-chave: Jogo eletrônico, Primeira Guerra Mundial, TIC, Aula-oficina.

6 - A REPERCUSSÃO DO AI-5 NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL: UM ESTUDO SOBRE OS REFLEXOS DO DECRETO NA TERRA DA FÉ E DO TRABALHO

Anay Camargo Rodrigues / UCS - anay.camrod@hotmail.com

Partindo da sequência de manifestações de caráter político ocorridas no ano de 1968, no Brasil, que culminaram no decreto do Ato Institucional nº 5, objetivamos nesse artigo investigar se o interesse das autoridades municipais em manter a ordem pública foi determinante para a repercussão do AI-5 na cidade de Caxias do Sul. Para tanto, optamos por trabalhar sob a ótica do tempo presente e da história política, utilizando como norteadores os conceitos de poder e discurso. A partir da análise de documentos oficiais do município e de periódicos de circulação local constatamos que a influência de ambas as fontes colaboraram, porém não determinou a repercussão do AI-5 na cidade.

Palavras-chave: Ato Institucional nº 5, Regime Militar, Política, Imprensa.

7 - A FOTOGRAFIA COMO UMA NOVA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Tatiane Gasperin de Chaves Guerra / UCS - tgchaves@ucs.br

Jaqueline Benvenuti / UCS - jbenvenuti@ucs.br

O presente artigo é fruto da experiência de estágio com alunas do magistério da Escola Cristóvão de Mendonza no ano de 2015, em que várias temáticas foram utilizadas em nossas aulas ressaltando a diversidade e as possibilidades no ensino; neste trabalho, daremos destaque a um dos temas abordados, a fotografia. Notamos que se faz necessário salientar a importância das imagens como leitura de elementos que compreendem a cultura, a sociedade e a imersão de uma história, de modo a formar fontes que expressam estes valores sociais que venham a agregar conhecimento por meio da análise crítica e de reflexões onde não sejam expostas como "verdades absolutas", mas sim como diferentes leituras que nos aproximam de um determinado contexto, problematizando por meio de sua representatividade o seu papel como elemento cultural da história. Tomamos como aporte os trabalhos de Kossoy, Kubrusly e Mauad, onde após nossa reflexão, vemos que a fotografia passa a ser uma possível estratégia para reconstrução da História e da memória nela embutida, abrindo diferentes vertentes para o ensino e a aprendizagem. Esperamos com essa escrita proporcionar uma nova visão ao professor, que este seja um estímulo para a inovação em sala de aula.

Palavras-chaves: Fotografia, Linguagens, Estratégia de Ensino, História, Articulação do saber.

8 - Música Negra como Resistência: África, Brasil e Estados Unidos

Bruno Ribeiro Oliveira – UFRGS – bruno.grinder@gmail.com

Davi dos Santos – UFRGS – davi191631@gmail.com

Gabriel Truccolo de Lima – UFRGS – gabrieldelima@gmail.com

Este trabalho, tomado em formato de intervenções pedagógicas em salas de aula e executado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, foi resultado de uma série de reflexões entre professores e bolsistas do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, sobre a resistência e atuação negra a partir da música. Visto isso, os bolsistas pensaram em três momentos de trabalho e de reflexão sobre a importância e atuação da música como forma de resistir às realidades vividas nos períodos determinados: 1) a resistência formada nos espaços de luta contra o colonialismo na África; a música africana no contexto das lutas anticoloniais e de libertação, bem como seus propósitos políticos e sociais. Com o uso das músicas de artistas como Fela Kuti, José Schwarz e Super Mama Djombo torna-se possível discutir o colonialismo perpetrado por diferentes estados europeus; a relação do colonizado com o colonizador; e o papel de África e seus autóctones nas libertações nacionais. 2) o samba e a malandragem em contraponto ao trabalhismo getulista - como a música assume o papel de resistência a regimes, políticas e repressão. Com sambas de Noel Rosa, Wilson Batista, Ismael Silva, entre outros, o debate avança sobre negritude, machismo e malandragem; e 3) a música negra estadunidense e a luta pelos direitos civis - observada a partir dos *spirituals* e *blues*, contextualizados devidamente no espaço e no tempo, ressaltando a importância das igrejas, passando pelas misturas com o *folk* de protesto sindicalista, as subseqüentes influências no *rock n' roll* e finalmente no *rhythm and poetry* - cada gênero musical sendo contraposto com as opressões contemporâneas a estes, das Jim Crow Laws até a violência policial, evidenciando o papel da música como influência e pura resistência contra estas opressões. Assim, poderíamos tratar de forma mais abrangente a capacidade de mobilização e de formação cultural que a música pode alcançar em diversas comunidades. Esta formação foi estimulada pela produção independente e compartilhada em materiais audiovisuais e escritos que caracterizam e representam os possíveis cenários do contexto histórico trabalhado. Buscando estudar o protagonismo do negro em diversas ações sociais e políticas, onde, muitas vezes, a "História Oficial" desconsidera estas atuações de pressões, mobilizações e organizações. A atividade realizada consistiu em duas etapas bem definidas: 1ª) a exposição destes temas (em três aulas, uma para cada período determinado acima) em sala de aula; e 2ª) o debate e a percepção das bases de conhecimento que os alunos possuíam sobre estas realidades e vivências.

Palavras-chave: música, resistência, cultura.

9 - ENSINO DE HISTÓRIA: JUVENTUDE E CONTRACULTURA NORTE AMERICANA DA DÉCADA DE 60 UTILIZANDO O MUSICAL *ACROSS THE UNIVERSE*

Juliana Flick / UNIFRA - fickjuliana@outlook.com

Júlio Cezar Pires Júnior / UNIFRA - julio.cezar.pires.junior@hotmail.com

Nathalia Oliveira Ferreira / UNIFRA - nathalia__rs@hotmail.com

Este trabalho pretende discutir a utilização do filme *Across the Universe*, um musical lançado no ano de 2007 e dirigido por Julie Taymor, como recurso didático para a compreensão da juventude e da contracultura norte americana da década de 60, onde o filme é ambientado, analisando seus aspectos sociais, políticos e culturais. Para alcançar tal objetivo, o grupo de bolsistas PIBID do subprojeto História, utilizou o filme de maneira planejada, sob a supervisão da professora regente das turmas, com alunos do terceiro ano da educação básica regular, jovens em sua maioria na faixa etária dos dezesseis a dezoito anos. Após ter sido trabalhado o contexto da Guerra Fria enfatizou-se o contexto como momento de grande efervescência política e cultural onde a defesa norte americana pelo capital internacional realizou intervenções militares, financeiras e ideológicas em outros países. O musical serviu, portanto, como um suporte elucidativo para que os educandos pudessem visualizar os acontecimentos da década e perceber a maneira com que os jovens se sentiam e pensavam com relação a estes fatos de maneira didática, sempre sob a mediação da professora e bolsistas. Posterior à visualização foi promovido um debate a respeito da compreensão do filme dentro do tema proposto e a elaboração textual (de forma escrita ou visual) da compreensão pessoal de cada educando, tornando possível uma ligação com sua realidade. O filme em questão foi, desta forma, um meio facilitador do processo de ensino aprendizagem.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de História, Cinema, Guerra Fria, Didática.

10 - A FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA SOBRE O TEMPO HISTÓRICO

Lara Moncay Reginato / UCS - laramoncay@gmail.com

Katani Maria Nascimento Monteiro / UCS - kmmonte@ucs.br

O ensino de história há algum tempo vem incorporando o uso de fontes e linguagens variadas no fazer pedagógico para a problematização dos diferentes temas que compõem os currículos escolares. A utilização da fotografia como documento histórico faz parte deste contexto e, desta forma, pensamos ser viável privilegiar o estudo do conceito de tempo histórico e suas dimensões por meio do uso da fotografia, tendo em vista que o conceito de tempo ocupa um lugar central na construção do saber histórico. Pretendemos a partir de fotografias que integrem o acervo familiar dos alunos, portanto, situadas no tempo passado, em contraponto com fotografias que serão produzidas pelos alunos e, conseqüentemente, do presente, analisarmos o conceito de tempo histórico, com suas rupturas e permanências, transformações e continuidades. Para que esse estudo comparativo seja possível escolhemos como temática, fotografias que abordem o cotidiano - no caso, a vida urbana e os aspectos culturais que manifesta. A partir da análise das fotografias, os alunos deverão construir legendas narrativas que privilegiem as dimensões temporais já descritas. Cabe ressaltar que os jovens de hoje já convivem e operam com as tecnologias de forma cotidiana, estão constantemente registrando seu cotidiano por meio da fotografia sem se dar conta de que estão produzindo um registro, um documento e uma memória de seu tempo. Mediar a construção dessa percepção por meio da análise do tempo histórico está em acordo com as teorias pedagógicas sobre aprendizagem significativa.

Palavras-chave: fotografia, tempo histórico, aprendizagem significativa, ensino de história.

11 - INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E APRENDIZAGEM HISTÓRICA COM DOCUMENTOS: CAMINHOS, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS

Bruno Soares Batista / UFRGS - bsoaresbatista@gmail.com

Eric Nelsis de Oliveira /- UFRGS - erik_nelsis@hotmail.com

João Pedro Pinto Fernandes / UFRGS - joao__pedro@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso de documentos nas aulas de História do Ensino Básico. Este artigo é fruto da participação dos alunos da E. E. Cel. Afonso Emílio Massot na 7ª edição da Olimpíada Nacional de História do Brasil, e seus relatos e interpretações sobre a experiência pela qual passaram tem lugar privilegiado neste trabalho. Para atingir este objetivo utilizamos observações feitas ao longo das atividades, depoimentos dos alunos participantes e a análise de suas respostas. A entrevista teve como foco questionar como os alunos analisam a possibilidade de estudo com os mesmos documentos utilizados por historiadores, e após tal experiência, o que passam a entender como História. Partimos do pressuposto de que tal recurso é útil se utilizado como meio de problematização sobre a escrita da História e o processo de construção do conhecimento histórico, e não uma prova de veracidade. Estes elementos tentam aproximar dois modos de produzir conhecimento: o acadêmico, que não mais enfrenta problemas com a discussão sobre a verdade representada por documentos, e o escolar, mais influenciado pelas representações do passado oriundas de outros meios que a própria historiografia. O que a experiência demonstra é que os alunos estabelecem ligações entre o estudo com documentos e o complexo trabalho do historiador, como também desenvolvem uma familiaridade com a leitura e interpretação de textos variados.

Palavras- chave: Ensino, História, Documentos, Leitura, Interpretação.

Sessão de Comunicação Acadêmica – II– Formação de Professores – Bloco H

1 - O ENVELHECIMENTO HUMANO COMO TEMÁTICA ABORDADA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Paula Évile Cardoso /UNESPAR - paulaevile@gmail.com

Luciana Vargas Jardim / UNESPAR - luh-vargas10@hotmail.com

Fábio André Hahn / UNESPAR - fabioandreh@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados de uma intervenção realizada no Colégio Estadual Darcy Costa na cidade de Campo Mourão/Pr com o tema envelhecimento humano. A atividade está vinculada ao subprojeto "Ensino de História: práticas, metodologias e espaços de formação" do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, e surgiu a partir do estudo da Lei 10.741 de **1º de outubro de 2003** que dispõe no artigo 22º sobre a inserção de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento nos currículos em diversos níveis de ensino formal. Diante disso, foi desenvolvida uma atividade prática com a turma do terceiro ano do Ensino Médio e dividida em etapas: distribuição charges pelo espaço da escola para despertar o debate; aplicação de dois tipos de questionários, no qual metade da turma usou uma luva de borracha para ter a sensação de uma das dificuldades do idoso, que é a perda da coordenação motora, e outro questionário tinha as letras embaralhadas

simulando a dificuldade da perda da visão; apresentação do tema em sala de aula com dados do IBGE mostrando a evolução da população mundial do século XVII até o século XXI e suas expectativas de vida; alunos em duplas realizaram entrevistas e produziram imagens que registrasse as dificuldades e prazeres da terceira idade; e a organização com a elaboração de cartazes em que os alunos se representaram sua imagem sobre o processo de envelhecimento humano. Como resultado é possível enfatizar a importância do trabalho interdisciplinar com o tema envelhecimento humano na escola, pois gerou reflexões sobre as relações intergeracionais tanto nos alunos quanto nos acadêmicos do Pibid que participaram da aplicação da atividade.

Palavras- Chave: Escola, Envelhecimento humano, Prática docente, Pibid.

2 - PESQUISA COMO MÉTODO DE ENSINO: A PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO COM ALUNOS DA ESCOLA SANTA CRUZ

Adriano Panatieri dos Santos / UNISC - adrianopanatieri@mx2.unisc.br
Angélica Beatriz Klafke / UNISC- angelicaklafke@hotmail.com
Tiago Mello / UNISC - tiagoandrada@hotmail.com

Este trabalho é resultante de um projeto realizado pelos bolsistas do - PIBID/UNISC na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul – RS. Fundamento teórico, o ensinar pela pesquisa do professor Pedro Demo, especificamente no que concerne à concepção dos contributos sobre as práticas interdisciplinares e a resolução de problemas nelas decorrentes. O projeto é integrado pelas áreas de Comunicação Social e História da UNISC, comunicação Social da Agência Experimental A4. O objetivo geral é capacitar os bolsistas de diferentes áreas do conhecimento para que atuem e mantenham um projeto interdisciplinar aliando conhecimentos específicos das áreas envolvidas. Os objetivos específicos são estabelecer práticas e rotinas pedagógicas específicas dentro de um ambiente interdisciplinar; elaboração de material de divulgação no ambiente escolar; capacitação para uma prática interdisciplinar ampliando suas possibilidades cognitivas; capacitar os bolsistas do projeto a criarem a cultura da pesquisa voltada não apenas a praxis mas, alargando o horizonte desenvolvendo uma visão mais holística. A metodologia está apoiada em pesquisa histórica, em coleta de imagens da escola e também entrevistas de pessoas que de alguma forma tem relação com ela, como, por exemplo, ex-alunos e também com a participação do 7º Batalhão de Infantaria Blindada (7º BIB). No que se refere ao resultante do projeto, intitulado "Eu te ensino História", há a produção de um documentário, dividido em quatro partes, que conta a história da escola. Por meio deste, fez-se um resgate da memória da escola. A conclusão deste trabalho de pesquisa é baseado na busca empírica da memória da escola, que é resultado, de toda esta pesquisa, aliando ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, prática. Pibid.

3 - ETNOGRAFIA E O ENSINO DE HISTÓRIA: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Caroline de Mattos de Moraes / UFRGS - caroliinee_moraes@hotmail.com

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa que está em andamento pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que tem como ponto principal o professor em início docente, este período estipulado em até cinco anos de graduado e não releva a idade cronológica dos professores. Para explorar este personagem utilizaremos da metodologia etnografica, visto que o objetivo central do trabalho é analisar o professor em sua construção profissional em seu ambiente de trabalho, a escola. Para esta discussão proponho a utilização da etnografia como possibilidade para o ensino de História, visto que essa metodologia é bastante abrangente e vem ganhando fôlego na pesquisa educacional. É uma ramificação da Antropologia e assim, uma metodologia qualitativa, que pretende, por meio de observações um aprofundamento do pesquisador no espaço do grupo que pesquisa. Ganhou força nos anos 1960 com os movimentos sociais e estudantis pelo mundo e aguçou a vontade de saber o que acontecia, de fato, nas escolas e salas de aula. No Brasil, esse paradigma ganhou impulso a partir dos anos 1980. Este tema chega a minha pessoa, pois também sou professora em início de carreira, assim ir para a escola com um outro olhar sobre esse espaço é deveras trabalhoso, mas bastante motivador. A etnografia nos inquieta o olhar acerca de pontos habituais em nosso cotidiano, neste caso, o olhar sobre o professor em início de carreira.

Palavras-chave: Professor Iniciante, Etnografia, Ensino de História.

4 - OS SUJEITOS DO ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A DINÂMICA DA SALA DE AULA COMO PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Gabriel de Souza Fagundes / UFRGS - gabrieldesouzafagundes@hotmail.com

Apresentamos uma proposta de análise das práticas e dos conhecimentos teóricos produzidos no Ensino de História a partir do pensamento de Michel Foucault. Como principal questão a ser trabalhada através do vocabulário foucaultiano seria como o trabalho docente forma o professor e como o mesmo se forma para o seu trabalho, e para se pensar nesta questão, um conceito que acreditamos ser interessante é o conceito de *subjetivação*, e como questão a partir deste se poderia pensar na formação dos professores e a sala de aula como produtores de subjetividades, se pensando na primeira enquanto o *processo de objetivação*, e portanto; necessário ao posterior *processo de subjetivação* que seria segundo esta linha possível, as reflexões e a prática do professor.

Palavras-chave: Educação, Ensino de História, Subjetivação, Formação de professores.

5 - O ENSINO DE HISTÓRIA E AS NOÇÕES DE TEMPORALIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Mara Betina Forneck/UFRGS - maraforneck@hotmail.com

Refletir sobre as temporalidades é uma tarefa árdua para o historiador, por mais presente que a dimensão temporal esteja em seu trabalho. Efetivamente, "fora do tempo" não há História. Imaginemos agora o quão complexo é para os professores e professoras abordar essa temática na educação básica. O professor de História é o profissional que usa o tempo como recurso didático para a construção do passado. O historiador estuda o tempo e tornando-o objeto e ferramenta de sua pesquisa. Portanto, o professor de História deve entender as questões das temporalidades também como objeto de ensino e não apenas como ferramenta. O professor deve pensar o tempo e levar a refletir sobre ele, para além da linearidade. Sobre suas rupturas, suas continuidades e descontinuidades. Sobre a simultaneidade e as permanências. As metodologias para o ensino de História encontradas nos livros didáticos e nos planos de estudo indicam um trabalho voltado para a relação entre de passado e presente, numa ideia de sucessão de fatos e progressão. Se ensinar História implica um trabalho diário com a temporalidade, em que medida os professores conseguem analisar as questões da temporalidade em suas aulas? Para efetivar esta análise, pretende-se propor um programa de formação continuada para professores de História, tendo em vista a discussão sobre temporalidade.

Palavras-chave: Temporalidade, ensino de história, formação continuada.

6 - O ENSINO DE HISTÓRIA NO PROEJA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE COM ALUNOS TRABALHADORES

Paula RocheleSilveira Beche r/ UFSM – chele_becher@yahoo.com.br

Denise Verbes Schmitt / UFSM – ise0770@yahoo.com.br

Roselene Moreira Gomes Pommer / UFSM – roselenepommer@ctism.ufsm.br

As disciplinas de prática de ensino para os cursos de formação pedagógica buscam inserir os acadêmicos em sala de aula para que, de forma supervisionada, possam praticar e refletir sobre o aprendizado teórico construído durante a graduação e também, para que vivenciem o ambiente escolar enquanto professores. Este pode ser um período desafiador, mas também de desenvolvimento e aprimoramento dos conhecimentos teorizados a partir da reflexão da prática de ensino. O presente texto abordará algumas reflexões sobre a prática docente a partir das experiências vividas durante a realização de estágio supervisionado em História, nas turmas 338 e 358 do Curso Técnico em Eletromecânica integrado ao Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), integrante do PROEJA, ofertado no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria. Tal abordagem parte da compreensão da importância das trocas realizadas entre escola-universidade a partir da inserção dos acadêmicos no ambiente escolar, de forma a colaborar tanto para a reflexão acadêmica e formativa do estagiário como para a instituição escolar, a partir do intercâmbio dos diferentes conhecimentos e práxis que o período em questão envolve. Sendo assim, serão refletidas neste trabalho questões que envolvem a formação de professores de História na perspectiva da educação profissional e tecnológica integrada ao Ensino Médio na modalidade EJA, a partir experiências de estágio curricular.

Palavras-chave: Ensino de História, formação docente, PROEJA, ensino integrado, educação profissional e tecnológica.

7 - OS LABORATÓRIOS DE ENSINO E O APRENDIZADO EM HISTÓRIA

Bruna Franciele Buchebuam da Silva / UCS

Cristine Fortes Lia / UCS – cflia@ucs.br

Os laboratórios de ensino de história tem promovido estratégias e recursos importantes para o aprendizado na área, reunindo docentes e discentes em torno de novas propostas. Este estudo centra-se na apresentação do Núcleo de Apoio ao Ensino de História (NAEH) da Universidade de Caxias do Sul – UCS e as atividades promovidas pelo mesmo. Com cerca de uma década de existência, esse espaço da universidade promove apoio aos estagiários, em nível de materiais e recursos didáticos, bem como de consultoria para o planejamento das aulas. Possui um acervo expressivo de livros didáticos e paradidáticos, jogos, filmes e documentários, imagens, etc. Promove oficinas para aprimoramento de estudos realizados nas disciplinas do curso de História, integrando docentes e discentes nestas atividades.
Palavras-chave: ensino, história, laboratório.

8 – O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE CULTURAL

Márcia Solange Volkmer / UNIVATES - marciavolkmer@yahoo.com

Ao considerar a cultura como patrimônio e os processos de patrimonialização como escolhas políticas, o estudo do patrimônio cultural ganha centralidade na proposta de uma educação para a diversidade. Este trabalho apresenta algumas ações desenvolvidas no âmbito da formação de professores de História, na cidade de Lajeado. Inserida em uma região na qual a colonização de imigrantes europeus foi representativa, a cidade não se reconhece culturalmente diversa e privilegia alguns grupos sociais. Nesse sentido, considera-se fundamental desenvolver um trabalho de estudo e sensibilização dos futuros professores. Além das pesquisas que vinculem o patrimônio dos europeus, indígenas e africanos, os licenciandos elaboram propostas de educação patrimonial. Os bolsistas do Subprojeto História do PIBID Univates também elaboram atividades que são desenvolvidas nas escolas da Educação Básica. Com a realização dos projetos "*Conhecendo a história local*" e "*Cultura indígena e afro-brasileira*" foram estudadas distintas identidades, produzindo novos sentidos patrimoniais. Na modalidade de oficinas, estudaram-se os conceitos de memória e patrimônio cultural, e a história e cultura indígena e africana. Também foram realizadas visitas guiadas aos *lugares de memória* da cidade, e mapeado o patrimônio imaterial dos distintos grupos sociais. Nesse sentido, os projetos permitiram uma reflexão a partir das experiências pedagógicas, possibilitando o reconhecimento da diversidade cultural do Vale do Taquari.

Palavras-chave: Cultura, História, Diversidade, Educação.

9 - O PIBID E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTÁGIOS CURRICULARES EM DOCÊNCIA

Joceara de Carvalho / UCS - jocearadc@gmail.com

O presente trabalho busca analisar a contribuição do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) para os estágios curriculares em História. Esta análise foi feita através da experiência vivenciada durante o desenvolvimento da disciplina de Estágio em História II (UCS), na modalidade de ensino fundamental, simultaneamente à participação no PIBID, no Subprojeto de História, ou seja, as experiências aconteceram ao mesmo tempo na mesma escola. Os estágios práticos, normalmente, são os únicos momentos em que o estudante de licenciatura tem para fazer a relação do saber com o saber fazer, porém, com o PIBID há mais uma possibilidade de adquirir a experiência das vivências de sala de aula, pois um dos objetivos do programa é inserir os estudantes no cotidiano escolar, bem como contribuir para a associação entre teoria e prática necessárias para a formação docente. O estágio em questão aconteceu no primeiro semestre do ano de 2015, em uma turma de 9º ano da Escola Municipal Machado de Assis, na qual já existia a inserção do PIBID de História, desde 2014. Portanto, já havia certo reconhecimento da professora estagiária com os alunos desta turma, o que facilitou o convívio entre ambos, mas a contribuição do PIBID vai além da convivência aluno/professor, é uma contribuição, principalmente, de planejamento e de segurança em conseguir entrar em uma sala de aula e sentir-se bem e tranquilo em relação aos alunos e ao ambiente escolar como um todo.

Palavras-chave: PIBID, estágio, ensino de história.

10 - PIBID INTERDISCIPLINAR EDUCAÇÃO DO CAMPO: DISCUTINDO INTERDISCIPLINARIDADE, EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO DE HISTÓRIA.

Sandi Mumbach / UFSM - sandimumbach@gmail.com
Ane Carine Meurer / UFSM - anemeurer@gmail.com

O Pibid é um programa que se consolidou no ambiente acadêmico das licenciaturas nos últimos anos, se constituindo em uma iniciativa que busca o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. Objetivamos expor o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo PIBID subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria, bem como analisar aspectos que são fundamentais para o desenvolvimento do referido projeto: a interdisciplinaridade, a educação do campo e o ensino de história. O projeto tem atuado desde 2012 em escolas localizadas em área rural do município de Santa Maria – RS. Constituído por bolsistas das diversas licenciaturas, busca trabalhar os principais conceitos e desafios da educação do campo de forma interdisciplinar. Diante dos problemas e desafios encontrados ao longo do projeto procuramos trabalhar a História local como forma de valorização dos sujeitos do campo. Este trabalho tem gerado impactos positivos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande, como também tem evidenciado uma melhor formação dos acadêmicos de licenciatura envolvidos no projeto.

Palavras-chave: Educação do Campo – Interdisciplinaridade - Ensino de História - Formação de professores.

Sessão de Comunicação Acadêmica – II Produção e análise de material didático – Bloco H

1 - OS CONCEITOS E A MEDIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

Aristeu Castilhos da Rocha / UFSM - aristeu.rocha@iffarroupilha.edu.br

O presente texto aborda a potencialidade dos conceitos no ensino de História. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo construída a partir de uma investigação bibliográfica, ficha de observação e coleta de sugestões durante as vivências. O mesmo é constituído por breves reflexões teóricas, discussões a respeito do sua aplicação no ensino e considerações finais. Com sua publicação esperamos chamar atenção de sua pertinência e suscitar a produção de novos estudos.

Palavras-Chave: Conceito. História. Mediação. Ensino e Aprendizagem.

2 - IMAGENS DE MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Eliane Goulart Mac Ginity / UFRGS - eliane.macginity@hotmail.com

Tomando como ponto de partida a centralidade do livro didático no ensino brasileiro, este artigo analisa como as representações imagéticas das mulheres nos livros didáticos de história do ensino médio, contemplados pelo PNLD 2015, contribuem na composição de identidades que dão prosseguimento a determinadas visões de mundo, estimuladas pelos interesses de grupos culturais, socioeconômicos e políticos. Foram utilizados dez livros para a investigação de nove coleções das 19 aprovadas pelo MEC para a seleção dos professores. A reflexão tem nos Estudos Culturais, estudos de gênero e nos conceitos de identidade e representação seus aportes teóricos. Ao longo do estudo ficou evidente a preponderância de imagens masculinas sobre as femininas nos livros e que muitas das representações dessas são destituídas de significado e em muitos casos tiram o seu papel como sujeito histórico.

Palavras-chave: livro didático, análise imagética, identidade, representação.

3 - O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL SUAS FUNÇÕES E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS - SÉCULO XIX ATÉ A ATUALIDADE

Marilen Fagundes Peres / UFSM - marilin.fagundes@hotmail.com
Tatiane Ritter / UFSM - souzaritter@gmail.com

O presente trabalho pretende analisar algumas produções sobre o ensino de História no Brasil, desde os anos mil e oitocentos até períodos atuais, nos quais nos mostram que o ensino de história, bem como a disciplina sempre tiveram funções políticas e de criar mentalidades convenientes aos sistemas políticos de determinadas épocas. Para isto pretende-se buscar elementos que comprovem esse viés a partir de autores como Circe Maria Bittencourt, Ciro Flávio de Castro Bandeira de Melo, Elza Nadai, os quais demonstram em suas pesquisas as utilizações e utilidades do ensino de História, inclusive através do uso de manuais e livros didáticos para estas funções.

Palavras-Chave: ensino de história; funções; Brasil; político; livros didáticos.

4 - A LUDICIDADE COMO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA AULA DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES

Andressa Flores – UNIFRA – andressarodrigues979@gmail.com

Deise Potter – UNIFRA – deise_potter@hotmail.com

O propósito desta comunicação é apresentar atividades lúdicas desenvolvidas por meio de intervenções em aulas no ensino fundamental anos finais, pelos bolsistas do programa institucional de iniciação à docência (PIBID) do subprojeto história, do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), junto a Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi. As atividades de monitoria desenvolvidas pelo PIBID visam auxiliar a professora regente no planejamento e execução das atividades em aula, bem como aproximar os bolsistas da realidade escolar. Neste sentido, foram elaboradas cinco atividades utilizando diferentes recursos para confeccionar jogos didáticos para contribuir e facilitar na aprendizagem dos alunos. Segundo LUCKESI (2005), "enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis". Os temas escolhidos foram, Pré-história, Era Vargas, Egito, Guerra-fria e Ditadura civil-militar. Após o desenvolvimento destas atividades, foi possível perceber, um maior envolvimento dos educandos perante o interesse e questionamentos pela disciplina, o que, em geral é menos frequente em aulas tradicionais. Foi possível perceber, a cooperação, a socialização e a capacidade de pesquisar e sintetizar dados. Segundo Celso Antunes (1998) "o jogo é o mais eficiente meio estimulador das inteligências". Estas intervenções em aula possuem em comum o objetivo de dar um norte diferente aos alunos, pois para aprender um conteúdo não precisa necessariamente se deter a ler e reler várias vezes até decorar.

Palavras-chaves: Didática, jogos, ludicidade, monitorias, PIBID.

5 - A PRODUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS E A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: O CASO DO PIBID HISTÓRIA 2014/UFSM

Luciano Nunes Viçosa de Souza / UFSM - luciano_souza94@hotmail.com

Taís Giacomini Tomazi / UFSM - gttais@hotmail.com

André Haiske / UFSM - andrehaiske@gmail.com

Neste trabalho pretende-se refletir sobre a produção de materiais didáticos e a utilização de recursos paradidáticos no Projeto PIBID História 2014, da Universidade Federal de Santa Maria, trazendo estudos de caso de atividades realizadas pelo referido projeto pelos bolsistas de iniciação à docência. Foram construídos trabalhos com imagens, música, filmes, jogos, maquetes, mapas, literatura, entre outros, auxiliados pelos professores supervisores da rede pública de ensino, ou seja, buscaram-se diferentes metodologias de trabalho a partir do uso de documentos escritos e/ou não escritos e seus diferentes usos e abordagens. Cada atividade com seus referenciais próprios, um processo de pesquisa e elaboração de propostas que culminaram nos trabalhos que serão apresentados posteriormente. Tudo isso traz a tona a pertinência de projetos como o programa PIBID e de como este auxilia o(a) graduando(a) na construção de sua identidade como professor(a) e para além disto, o desenvolvimento de novas metodologias e da pesquisa para o Ensino de História e a Educação. As várias possibilidades de atividades citadas é apenas uma fração de ideias que não trabalham somente com o universo da História, mas também de outras disciplinas, ocorrendo assim a tão almejada interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Materiais didáticos; recursos paradidáticos; ensino de história; novas metodologias; PIBID História.

6 - O USO HISTORIOGRAFICO NO ENSINO DE HISTÓRIA MODERNA: SABERES E PERCEPÇÕES EM SALA DE AULA

Leticia Chilanti / FURG - ticia_lc@hotmail.com

Na presente pesquisa faremos um breve levantamento sobre como educadores se apropriam dos saberes e conceitos relacionados a Idade Moderna, e relacionam estes temas com questões do presente utilizando o livro didático, seus conceitos, e outras fontes como base para os questionamentos e ensino de temas do período. Tendo isso em vista, utilizaremos na mesma, práticas descritas por professores da rede ensino estadual e municipal das cidades de Pelotas e Rio Grande, relacionadas ao ensino de História Moderna; observando quais conceitos são aplicados no ambiente acadêmico e utilizados pelo professor em sala de aula, destacando o uso do livro didático, a utilização de outras fontes históricas e a atuação do professor. Para isso, foram analisados questionários realizados com professores que atuam na rede de ensino nos níveis fundamental e médio, que retornaram ao ambiente acadêmico após determinado período de atuação na sala de aula.

Palavras chave: Ensino de História, Historiografia, Saberes Escolares.

7 - PRODUÇÃO DE VÍDEOS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Laura Ferrari Montemezzo / UFRGS - laurapoa23@yahoo.com.br

A comunicação pretende discutir através da modalidade relato de experiência a validade do recurso de produção de vídeos curtos como método de avaliação dos conteúdos das aulas de História para o Ensino Médio. A partir de um trabalho anterior, que contava com produção e apresentação teatral, surgiu a ideia da produção de vídeos. Os estudantes se organizam em grupos e produzem um vídeo de sua autoria sobre alguns dos pontos trabalhados ao longo do trimestre em sala de aula. Cabe discutir a relevância metodológica e avaliativa dessa atividade e o quanto ela contribui para a aprendizagem histórica dos estudantes.

Palavras chave: História, ensino, vídeos, mídias, aprendizagem.

8 - A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES E SUAS ABORDAGENS NO LIVRO DIDÁTICO

Cristine Fortes Lia / UCS – cflia@ucs.br
Felipe de Almeida Hasse / UCS

O campo de estudo da história das religiões e religiosidades cresceu, em nível de pesquisa acadêmica, de forma significativa nas últimas décadas. Na educação básica, no entanto, as religiosidades permanecem sendo vistas como o exótico de cada civilização, não constituindo matriz explicativa para os conteúdos abordados. O que caracteriza uma lacuna entre o conhecimento produzido na academia e o trabalhado na sala de aula, no Ensino Fundamental e Médio. Este estudo centra-se na análise da abordagem das religiões da antiguidade, observando de que forma são inseridas na explicação dos conteúdos. Para isto serão analisados os livros didáticos, do Ensino Médio, de 2010 a 2015.

Palavras-chave: história, ensino, religiosidades

9 - MATERIAIS DIDÁTICOS INTERATIVOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: IDENTIFICAÇÃO, LIMITES E POTENCIALIDADES

Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad / UFSM - profleo@ig.com.br
Gabriela Dambros / UFSM - gabbydambros@yahoo.com.br

A inserção das tecnologias na educação, a partir de novas metodologias de ensino e aprendizagem, são iniciativas que requerem conhecimentos destas tecnologias e de suas potencialidades como instrumentos didáticos. A elaboração e disponibilização na Internet de materiais didáticos interativos vem sendo uma das possibilidades de inovar em sala de aula, especialmente quando se trata de temas da história. Nesta perspectiva, este trabalho teve como objetivo principal identificar e analisar os materiais didáticos interativos disponíveis na Internet que podem ser utilizados no ensino de história. Além disso, almejou-se compreender como estes materiais podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da história no ambiente escolar. Como a presente investigação consistiu em uma revisão bibliográfica sobre a temática, além de um levantamento e análise de materiais, aqui concebidos como fontes, disponíveis no Banco Internacional de Objetos Educacionais. Neste espaço estão disponíveis recursos educacionais gratuitos em diversas mídias que atendem todos os níveis de educação nas suas diferentes modalidades nas diversas áreas do conhecimento, sendo expressivo o número de materiais didáticos interativos encontrados, com destaque para animações, áudios, vídeos, hipertextos, etc.. Dos materiais encontrados, realizou-se uma seleção para interação, análise e reflexão sobre a potencialidade pedagógica para o ensino de história.

Palavras chaves: ensino de história, tecnologias, materiais didáticos.

10 - MEU DICIONÁRIO DE HISTÓRIA – CONSTRUINDO CONCEITOS

Alexon Messias / UFSM - alexonmessias@gmail.com
Augusto Pozzebon / UFSMN - augustobotton@gmail.com
Ricardo Kemmerich / UFSM - rikrdo_kemmerich@hotmail.com

O trabalho aqui referido faz parte do PIBID\História\UFSM e propõe a elaboração de uma atividade pedagógica com o auxílio de material didático que problematize a Teoria da História, bem como a introdução dos seus conteúdos em uma perspectiva crítica de construção e apreensão de conceitos necessários para o entendimento dos processos históricos e da própria História enquanto área do conhecimento. A atividade consiste na elaboração de um dicionário na modalidade

de "zine" de conceitos, utilizados para pensar historicamente, em conjunto com os alunos, possibilitando a construção de uma abstração mais elaborada para a formação de uma consciência histórica. A partir de conceitos desenvolvidos e pensados pelos estudantes, junto a uma contextualização geral da construção do saber científico de História, buscou-se compreender a importância de conceitos para a compreensão de nosso mundo. A atividade está sendo desenvolvido com estudantes das séries finais do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Básico Paulo Lauda, Santa Maria – Rio Grande do Sul. O dicionário é confeccionado a partir de conceitos chaves para o entendimento dos conhecimentos históricos ao longo do ano. Os conceitos trabalhados por ora são: tempo, espaço e fonte, problematizados a partir de objetos provocadores dispostos em sala de aula. Como a História e seu entendimento demandam um acúmulo constante de conhecimentos e referenciais, o glossário poderá ser usado também como instrumento de avaliação, de forma a subsidiar os rearranjos que se mostrarem necessários durante o processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: consciência histórica, teoria da história, educação, dicionário.

Sessão de Comunicação Acadêmica – II Políticas Educacionais – Bloco H

1 - HISTÓRIA INDÍGENA PARA ALUNOS/AS DE ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO "TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA - DIVERSIDADE DE SABERES"

Felipe Nunes Nobre / UFPEL - felipennobre@hotmail.com

A comunicação aqui proposta consiste em um relato de experiência da participação do autor no projeto de extensão "Temática indígena na escola - diversidade de saberes", coordenado pela professora Dr.^a Lori Altmann (UFPEL). Esse projeto foi realizado em dois momentos, outubro/novembro de 2013 e julho de 2014, em conjunto com o NEABI (Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas) da E.M.E.F Nestor Elizeu Crochemore, na área rural do município de Pelotas – RS. Nele, foram desenvolvidas atividades com professores/as, funcionários/as e alunos/as da escola, envolvendo também a troca de experiências com a comunidade *Mbyá* Guarani da *Tekoá Kapi'i Ovy*, localizada a poucos quilômetros da escola. Uma dessas atividades foi desenvolvida pelo autor, com alunos/as das séries finais do ensino fundamental, relacionada à discussão sobre a história indígena. A oficina intitulada "História dos povos indígenas no Brasil" foi realizada de forma expositiva/dialogada, instigando a participação dos/as alunos/as através da utilização de vídeos e imagens. Os principais objetivos foram realizar uma introdução à história dos povos indígenas no Brasil e desconstruir estereótipos sobre os indígenas, destacando a diversidade, tanto de culturas quanto de contextos vivenciados por diferentes povos. Apresentam-se, também, os desdobramentos dessa oficina em outros espaços, como em curso de formação de professores/as e em outras duas escolas do interior do mesmo município.

Palavras-Chave: Ensino de História, temática indígena, Lei 11.645/08, projeto de extensão.

2- Maquete e ensino de História: Cotidiano no Egito e a LEI 10.639/2008

Calison Eduardo Santos Pacheco/ UFSM - calisonsantospacheco@gmail.com

Jéssica Fernanda Arend / UFSM - jeharend@hotmail.com

André Luis Ramos Soares / UFSM - alrsoaressan@gmail.com

Este artigo descreve uma maquete construída para fins didáticos pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A maquete trata de um momento hipotético na História do Antigo Egito, no qual, abrange-se o Rio Nilo, o palácio faraônico, as casas comerciais, as dos camponeses e a dos operários, envolvendo também todo o processo de construção das pirâmides egípcias, desde a pedreira até a sua formação. Também é possível observar a agricultura e ainda, a rica fauna e flora do Nilo e do deserto, inclusive a presença de mulheres no cotidiano egípcio. A proposta da construção desta maquete ocorreu devido às observações realizadas em sala de aula das escolas, onde notou-se que muitos alunos, do ensino médio e do fundamental, desconhecem que o Egito está localizado na África e que sua população original é negra, estando imbricado em seus conhecimentos o senso comum de que a África se constitui de um local de extrema pobreza e é um "país continental", – não acreditando que possam haver cidades ricas cultural e economicamente, além disso acham que todos os africanos moram em choupanas, que todo o continente fala a mesma língua e a África é vista como um enorme safári. Além de desconstruir estas ideias, atender a Lei Federal 10.639/ 2003, que torna obrigatória o ensino da história e da cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas do ensino básico. Esta maquete também oferece a possibilidade de trabalhar com temas atuais, pois, além dela se tornar uma temática transversal, abrangendo questões como gênero, problematização dos atuais padrões de beleza, ela atende a lei citada, em que é possível problematizar a questão racial e o preconceito que envolve nossa sociedade.

Palavras-chave: Cultura Africana; Egito Antigo; Gênero; Lei 10.639; Maquete.

3 - A CULTURA AFRA E AFRO-BRASILEIRA

Igor Tieres Glaeser / FACCAT - igortieres@gmail.com
 Moisés Abraão Stein / FACCAT - moisesstein25@gmail.com
 Vitória Nicolini Nunes / FACCAT - vitorianicolini@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo mostrar algumas atividades desenvolvidas pelo PIBID, ao longo do primeiro semestre de 2015. Estas atividades foram realizadas nas aulas da disciplina de História, do 7º ano, no turno da manhã, na turma 73/9 da escola EEEM Willybaldo Bernardo Samrsla-CIEP, da cidade de Taquara-RS. Entretanto trabalhou-se nas aulas do PIBID, à cultura afra e afro-brasileira com o propósito de abordar a questão da diversidade racial, valorizando e respeitando as diferenças, apontando as contribuições dos negros no patrimônio cultural, político e social no desenvolvimento da sociedade brasileira. Ainda busca-se que o aluno estabeleça o respeito e valorização dos aspectos cultural, religioso e social da cultura africana. Demonstrando através de atividades teóricas e práticas a permanência desta cultura na nossa sociedade, para que o aluno compreenda a mistura cultural africana no nosso cotidiano. Os resultados obtidos foram relevantes, pois muitos de alunos perceberam que os africanos têm grandes influências na nossa sociedade, seja ela na religião, comida, num aspecto cultural todo. Antes destas atividades, mesmos os alunos tendo traços da cultura africana, não davam a mínima importância, ou simplesmente negavam suas origens. Após as atividades os alunos muitos se descobriram com identidades diferentes, percebendo uma mistura de cultura em suas origens. Perceberam também que os africanos contribuíram muitos para a formação da sociedade brasileira.

Palavras-chave: PIBID, Cultura, Identidade, Valorização.

4 - História da África e cultura Afro-brasileira no currículo de História: possibilidades para o ensino fundamental.

Profª Ma. Sherol dos Santos/ UFRGS - sorasherol@gmail.com

A construção de uma estrutura metodológica e conceitual que inclua a história da África e a cultura afro-brasileira nos currículos de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental busca atender uma demanda dos professores da área de História nascida a partir da Lei 11.645/2008. Esta legislação, em vigor desde o ano de 2008, altera a Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) para incluir no currículo a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Esta alteração, indicada no parágrafo 1º da referida lei atinge claramente os currículos da disciplina de História, e social e internamente espera-se que os professores de história dominem a priori os conhecimentos necessários a temática, forçando muitas vezes a produção de programações e materiais a serem vinculados dentro da escola de forma pouco ou nada refletida. É neste ponto que acredito que meu trabalho pode ser inserido e encontra justificativa para sua execução: instrumentalizar diretamente os professores da área de História para o trabalho com as temáticas relacionadas à História da África, cultura afro-brasileira e seus desdobramentos nas salas de aula do ensino fundamental. A intenção principal desse trabalho é fornecer um caminho, sem grandes fórmulas mágicas ou salvadoras; fornecer subsídios mais sólidos e específicos para o saber e fazer docente nas áreas de História no ensino básico que possa contemplar uma educação antirracista e inclusiva. Esta proposta será apresentada como trabalho de conclusão do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória - UFRJ/UFRGS) do qual sou aluna desde agosto de 2014.

Palavras-chave: Ensino de História – África – Educação antirracista

5 - "O QUE PODE O PROFESSOR DE HISTÓRIA?" OFICINAS DE ENSINO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA VOLTADAS PARA AS CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – UMA EXPERIÊNCIA NO IF FARROUPILHA CAMPUS ALEGRETE

Mário Augusto Correia San Segundo
 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - mario.segundo@iffarroupilha.edu.br

O artigo apresenta a experiência de um projeto de ensino, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Alegrete, em que professores de história, auxiliaram estudantes de licenciatura em Matemática, Química e Ciências Biológicas a formular e aplicar planos de aula que contemplassem as orientações contidas na Lei 11.645/08, incluindo nos seus componentes curriculares noções de história e cultura afrobrasileira e indígena. É conhecida a dificuldade das chamadas "ciência exatas" e da natureza, em trabalhar com estes temas, propiciando uma oportunidade impar ao trabalho do historiador em auxiliar estes profissionais. O objetivo geral foi o de oferecer aos estudantes dos cursos de licenciatura, subsídios teóricos e metodológicos para o trabalho com a história e cultura afrobrasileira e indígena em sala de aula, de forma articulada com o ensino dos conteúdos das ciências naturais e exatas. Contando como objetivos específicos a construção de planos de aulas para o ensino de ciências da natureza e

exatas, de forma que contemplassem a temática afrobrasileira e indígena; aplicação experimental destes planos de aula nas turmas do ensino médio integrado do IF Farroupilha-CA e/ou em outras instituições públicas de ensino fundamental e médio; avaliação do trabalho realizado a partir da aplicação dos planos de aula, com a elaboração e apresentação de um texto, relacionando a teoria com as práticas vivenciada.

Palavras-chave: Ensino de História, Cultura Afro-brasileira, Cultura indígena, Diversidade, Lei 11.645/08.

6 - A LEI 11.645/08 E A PRODUÇÃO DE MATERIAIS (PARA)DIDÁTICOS: UM RELATO EMPÍRICO

Gustavo Domingues Rodrigues / UFPEL - gustavo.historiaufpel@gmail.com

Jéferson Barbosa Costa / UFPEL - jeferson.b.costa@gmail.com

O presente resumo tem por objetivo demonstrar o processo de criação do livro paradidático *Aprendendo com Sepé – Volume I*. Este trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Laboratório de Ensino de História, no decorrer do quarto semestre do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A produção visa contribuir para o preenchimento da lacuna existente na produção de materiais (para)didáticos que versem especificamente sobre a temática indígena, indo ao encontro do que versa a lei 11.645/08, que inclui as temáticas de história indígena, história da África e história e cultura afro-brasileira no currículo da educação básica. O processo de criação do material foi dividido em quatro partes: pesquisa, escrita, desenvolvimento gráfico e de áudio, haja visto que em paralelo ao livro tradicional, também foi desenvolvido um *audio-book* narrado por crianças, visando promover a acessibilidade do material. A presente comunicação, abordará discussões de cunho teórico nas áreas de História e Antropologia, além de estar em permanente diálogo com o Ensino de História enquanto teoria da educação assentada nas práticas pedagógicas diferenciadas. Da mesma forma, serão evidenciados aspectos que dizem respeito a forma como foi mediado o conflito étnico existente na produção e a rede de preconceitos que muitas vezes são reproduzidos – mesmo que involuntariamente – em relação a temática indígena.

Palavras-chave: Paradidáticos, História Indígena, Lei 11.645/08, Ensino de História.

7 - O Impacto da Lei de Cotas na Universidade Federal de Santa Maria

Julio Cesar Ausani / UFSM – julioausani@via-rs.net

Este trabalho tem como objeto verificar qual o impacto da chamada Lei de Cotas (Lei Federal n. 12.711, de 29 de agosto de 2012 e Decreto n. 7.824, de 11 de outubro de 2012) junto ao Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social na UFSM. Em que contexto se dá a entrada em vigor da nova norma e sua regulamentação em relação ao programa de cotas em vigor na UFSM, cujo conteúdo se mostra mais abrangente. A sua coexistência é possível? Quais as possibilidades? O Princípio da Autonomia Didático-Pedagógica permite a aplicação da regra mais benéfica? Nesse contexto: como ficam as cotas para os indígenas? Compreensões e expectativas.

Palavras-Chave: Lei, Cotas, Ações, Afirmativas, Inclusão.

8 - ALGUNS APONTAMENTOS A PARTIR DO PROJETO "COTAS: UM DIÁLOGO AFIRMATIVO ENTRE A UNIVERSIDADE E A ESCOLA"

Alessandra Gasparotto / UFPEL - sanagasparotto@gmail.com

Lori Altmann / UFPEL - lori.altmann@yahoo.com

Gustavo Domingues / UFPEL - gustavo.historiaufpel@gmail.com

O presente trabalho objetiva apresentar reflexões acerca das atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão "*Cotas: um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola*", desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas. A UFPEL implementou o sistema de cotas apenas em 2013, a partir de uma série de debates (e embates) decorrentes da Lei 12.711/12. No entanto, dados relativos ao ingresso de estudantes cotistas na instituição no ano de 2014 revelaram que muitas das vagas reservadas para candidatos/as "auto-declarados pretos, pardos e indígenas", especialmente com renda *per capita* inferior a 1,5 salários mínimos, não eram preenchidas. Além disso, evidenciava-se a existência de muita desinformação e preconceito em relação à política de cotas. Neste sentido, foi criado este projeto, a partir de um diálogo entre professores/as da UFPEL e da educação básica e de representantes de movimentos sociais. Busca-se, assim, divulgar as ações afirmativas e cotas nas escolas de educação básica de Pelotas e região, de forma a instrumentalizar os/as estudantes a acessar tais políticas. O projeto visa também promover a educação anti-racista, através do desenvolvimento de atividades voltadas a estudantes de Ensino Fundamental e Médio e de ações de formação direcionadas aos professores/as da rede pública sobre as políticas de ações afirmativas e as temáticas previstas nas leis

10639/03 e 11645/08. Assim, foram selecionadas escolas parceiras, nas quais são realizadas atividades, como as oficinas do "Mutirão ENEM", voltadas aos estudantes de 3º ano do Ensino Médio. Tais atividades têm revelado que estes temas tem sido negligenciados em grande parte das escolas e nos impuseram uma série de reflexões, que problematizaremos neste trabalho.

Palavras chaves: cotas; ações afirmativas; escola; educação anti-racista; universidade

9 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ENSINO DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ETNICORACIAL

Kathleen Aguirre – PPGH/FURG - katedominguezaguirre@gmail.com

Cassiane Paixão – PPGH/FURG

Eron Rodrigues – PPGEA/FURG

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as representações e discursos discriminatórios e excludentes reproduzidos nos espaços escolares, a partir das categorias de pobreza e raça. Para tanto, partimos da perspectiva do historiador Marc Ferro (1990) de que, durante a infância, os sujeitos produzem sentidos e constroem narrativas sobre sua identidade e sobre "outros", ou seja, outros grupos *sociais*, outras *sociedades*, outros *lugares*, a partir das histórias que são reproduzidas e legitimadas nas/pelas instituições sociais (família, escola etc.). A partir desta perspectiva nos apropriamos de uma análise teórica sobre exclusão, processos de representação social e educação afro-brasileira, para então analisar a possibilidade de desconstrução de saberes excludentes reproduzidos nas narrativas de crianças pobres e negras. Temos por concepção que as condições sociais de existência destes grupos são fruto de um processo histórico de desigualdade e igualmente da reprodução de discursos hegemônicos que legitimam a injustiça sobre os mesmos, negando a distribuição desigual de riquezas, assim como perpetuando o racismo institucional no Brasil. Este trabalho aborda, portanto, a relação de força na formação de sentidos e significações das sociedades, onde os grupos ou classes dominantes têm a manutenção de poderio como objetivo (BOURDIEU; PASSERON, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: história, representações sociais, educação etnicorracial, pobreza, raça.

10 - A LEI 10.639/03 NA UFRGS: SUA IMPLEMENTAÇÃO NO ENSINO DA HISTÓRIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI

Eliane Almeida de Souza / UFRGS - negrasim2004@yahoo.com.br

Roseli da Rosa Pereira / UFRGS

O presente trabalho tem por objetivo a Lei 10.639/03 e seus diálogos com os professores de história na qual esta Lei altera a LDB 9394/96, inserindo no currículo a história dos negros e dos africanos. Esta é uma das políticas de ações afirmativas que permeiam o currículo brasileiro e suas diversidades que visam atender a demanda histórica do movimento negro. Porque este preocupado com as invisibilidades e os preconceitos em sala de aula, direcionou sua luta para contribuir na elaboração e acompanhamento destas políticas em todos os espaços de ensino. Os autores Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos e suas respectivas obras: *Cartas à Guiné-Bissau* (1984) e a *A universidade no século XXI* (2010), serão utilizados para nos ajudar a trabalhar com os professores estas legislações no currículo, cujo dispositivo direciona para outras disciplinas e em especial, para a de História. Desejamos dialogarmos com os professores sob a luz destes autores contribuindo em suas práxis e os auxiliando em todas as disciplinas e suas interculturalidades. Portanto, temos a pretensão de socializar no XXI Jornada de ensino de História e Educação, estas especificidades da Lei, ancoradas em nossa pesquisa de doutorado da UFRGS que aborda esta temática. Assim, nosso objetivo é socializar dados estatísticos de uma investigação referente o acesso, permanência e sucesso dos alunos cotistas e como têm sido o trabalho dos professores em sala de aula e os seus desafios para a implementação da referida legislação na área de História da UFRGS.

Palavras-chave: Educação, História, Lei 10.639/03 e políticas públicas.

Sessão de Comunicação Acadêmica – II Patrimônio e Educação Patrimonial – Bloco H

1 - MULHERES NA HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE: UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DE EXPERIÊNCIA COM CAIXA PEDAGÓGICA DO MUSEU JOAQUIM FELIZARDO

Laura Spritzer Galli, UFRGS, laura.s.galli@gmail.com

Este estudo tem por objetivo propor um diálogo entre ensino de história, educação patrimonial e história das mulheres a partir da experiência de oficina com a caixa pedagógica "Mulheres na história de Porto Alegre", que foi elaborada a partir de fotografias da Fototeca Sioma Breitman do museu Joaquim Felizardo. Foram escolhidas imagens que pudessem representar a diversidade de entendimentos que se pode ter sobre "ser mulher" na história de Porto Alegre; que mostrassem diferentes contextos, momentos históricos, classes sociais, ocupações e etnias. A oficina foi realizada em escolas estaduais e municipais com a intenção de promover um maior (e talvez primeiro) contato das e dos estudantes com a história das mulheres. Considerando as fotografias como fontes documentais, o trabalho se desenvolveu instigando as e os alunas/os a trabalharem com a crítica do documento: foram convidadas/os a fazer um exercício de "desconfiança", de avaliar as condições de produção daquela imagem e também o quê ela representa. A metodologia utilizada na pesquisa é a da etnografia, levando atenção ao modo como as oficinas se desenvolveram e à recepção das alunas e alunos a elas. Com a experiência dessas oficinas, tem sido possível verificar formas de articular os três eixos (ensino de história, educação patrimonial e história das mulheres) na intenção de que a aula de história vá além dos conteúdos ditos tradicionais e dialogue com a busca da igualdade de gênero na formação de cidadãs e cidadãos. Palavras-chave: história das mulheres, ensino de história, educação patrimonial, fotografia, caixa pedagógica.

2 - MANDINGA DE CAPOEIRA OU EMBRANQUECIMENTO ESTRATÉGICO

Viviane Malheiro Barbosa / UFRGS - vivimalheiro@hotmail.com

A presente comunicação resulta de um trabalho de conclusão da disciplina História, Ensino e Educação das Relações Étnico-raciais no Brasil, da modalidade PEC no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Reflete sobre o processo de transformação das práticas da capoeira no Brasil a partir do discurso de legitimidade da mesma, iniciado na década de 1930, durante o Estado Novo. Relaciona tais mudanças com o ideário de branqueamento construído historicamente em nosso país. (FRIJERIO, 1989). Trataremos nesta comunicação sobre duas modalidades da capoeira a Capoeira Angola e Capoeira Regional, outras modalidades surgidas na atualidade não serão abordadas neste trabalho. Trago à baila o elemento denominado mandinga da capoeira como possibilidade de resistência dos capoeiristas, tanto no passado como no presente. A capoeira pode ser um importante subsídio de libertação, não só do corpo, mas também de outras dimensões da existência. Há saberes associados a este bem cultural que não estão apenas vinculados à agilidade, mas a algo que é mais profundamente vinculado à constituição do ser humano, da vivência em grupo e da história de um povo.

Palavras-chave: capoeira, embranquecimento, mandinga.

3 - NOVOS MATERIAIS DIDÁTICOS PARA VALORIZAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRIA LOCAL

Marilen Fagundes Peres / UFSM - marilin.fagundes@hotmail.com

O presente trabalho pretende abordar de forma sucinta sobre o projeto de mestrado profissional a ser desenvolvido no sentido de produzir material didático-pedagógico adequado para trabalhar com alunos e professores, no âmbito do ensino fundamental. Visando levar em conta necessidades de um material voltado ao ensino de História local, com informações e conteúdos baseados em pesquisas científicas, que motive o início de um trabalho de educação patrimonial que não existe ou não é eficiente na valorização do patrimônio e História local. Assim como a história é contada conforme a visão das classes dominantes produzindo alguns silenciamentos e a invisibilidades de determinada parcela da população. Num primeiro momento será feita a pesquisa e coleta de dados, num segundo momento iremos nos reportar a produzir um material que possa ser utilizado em todo ensino fundamental e que centralize o aluno nesta construção tornando-o sujeito desta história a ser contada.

Palavras chave: ensino; história local; alunos; material didático.

4 - ENSINO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA VILA BELGA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS.

Adriéli Eduarda Castro Gomes Gabardo / UNIFRA - duda-eg@yahoo.com.br

Diniz Mello Junior / UNIFRA - di.nizjunior@hotmail.com

Maria Helena N. Romero / UNIFRA - romeromariahelena@gmail.com

Esta comunicação tem por objetivo refletir a importância da Vila Belga como espaço de história, memória e patrimônio para a comunidade escolar do colégio Manoel Ribas e para a cidade de Santa Maria e região. Esta pesquisa está vinculada ao subprojeto História PIBID/UNIFRA/CAPEs, e, se encontra em processo de desenvolvimento pelos bolsistas com duas turmas do Ensino Médio no colégio Manoel Ribas, localizado em Santa Maria/RS. A Vila Belga, sendo um patrimônio histórico e arquitetônico, foi fundada em 1903, pela *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*, para funcionar, inicialmente como alojamento dos trabalhadores responsáveis pela construção da Viação Férrea. O conjunto

residencial, mais conhecido como Vila Belga, foi projetado pelo engenheiro belga Gustave Vauthier. O conjunto era formado por oitenta e três casas, distribuídas em quatro ruas, sendo quarenta delas germinadas. Atualmente, existem setenta e nove casas residenciais. As moradias foram construídas em arquitetura eclética. O ecletismo é uma tendência arquitetônica que faz uso de um ou mais estilos arquitetônicos presentes na segunda metade do século XIX em uma mesma criação. É uma mistura de elementos da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica, que formavam assim uma nova linguagem de criação e se caracterizavam pela simetria e a riqueza decorativa, aspectos nitidamente perceptíveis nas residências da vila. Tão importante é a importância arquitetônica e histórica da Vila Belga que a mesma encontra-se tombada como patrimônio municipal e estadual. A metodologia deste trabalho consiste em, num primeiro momento, a realização de leituras sobre a história da Vila Belga. Nesta etapa será oferecido aos alunos textos e imagens para a pesquisa. Também, se fará aulas expositivas e dialogadas visando elucidar o tema. Num segundo momento, se fará uma visita à Vila para observá-la de perto, procurando que os alunos percebam os aspectos arquitetônicos das casas. Também, se orientará ao grupo que faça registros fotográficos. Posteriormente, como ação educativa em sala de aula, a partir das imagens produzidas pelos próprios estudantes, realizar-se-á uma releitura das mesmas. Planeja-se, também, que os estudantes construam fanzines, utilizando para isso, as imagens e textos produzidos por eles. Com essa ação educativa, acredita-se estar contribuindo com a construção do conhecimento, a divulgação da história da Vila Belga e a valorização desse espaço como patrimônio da cidade e região. E, por fim, que ao participarem dessa atividade os jovens percebem-se como agentes sociais da comunidade escolar e o quanto é importante conhecer, preservar e valorizar o patrimônio que pertence a eles mesmos e a toda a sociedade santamariense.

Palavras-chave: Ensino de história, patrimônio, memória, Vila Belga, Pertencimento.

5 - TAJI POTY: A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA MISSIONEIRA

Alexandra Begueristain da Silva / UFSM - abegueristain@gmail.com

Flávia de Araújo Pedron / Instituto Federal Farroupilha São Borja - flaapedron@gmail.com

São Borja é uma das poucas cidades do Rio Grande do Sul, que foi declarada "Cidade Histórica" pelo Decreto Estadual nº 35.580 de 11 de outubro de 1994. No território que foi ocupado pelas "Missões Jesuíticas", no período dos Sete Povos são invisíveis os vestígios que marcam essa importante fase na história. O desconhecimento da comunidade e o descaso dos órgãos e instituições fizeram com que a cidade se desfizesse de seu legado histórico e cultural. Agora, com mais de trezentos anos de existência, o município possui poucos objetos, peças e documentos que poderiam retratar fatos importantes que ocorreram em São Borja. A cidade necessita de uma atenção voltada à situação descrita, tanto pela riqueza histórica quanto por sua memória, para que essas questões sejam resgatadas em prol da identidade e até mesmo do desenvolvimento do município. Assim, realizou-se o projeto *Taji Poty*: A educação patrimonial e a valorização da cultura missioneira. *Taji Poty* que em Guarani significa "Flor do Ipê", árvore símbolo do município. Objetivou-se com o curso de extensão que os professores da rede municipal de ensino se sensibilizassem com a história e a cultura de São Borja e que aprofundassem a temática e as metodologias de ensino para trabalhar com educação patrimonial. Visando despertar o interesse pelo assunto e desenvolver ações no sentido de fortalecer a identidade local, propiciando resgatar e valorizar a memória e o patrimônio cultural de São Borja.

Palavras-Chave: Educação Patrimonial, Patrimônio Cultural, Identidade, Memória, São Borja/RS.

6 - OS MITOS DO MUSEU: A IMPORTÂNCIA DO PESQUISADOR DE HISTÓRIA NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Mariana Duarte / UCS – mariana.duarte01@gmail.com

Cada vez mais as escolas têm buscado soluções para suprir as necessidades e o interesse dos alunos e professores na procura pelo conhecimento, e os museus, sejam eles de ciência, de arte ou de história, estão dispostos na atualidade como espaços de educação não formal. Porém, observamos ainda dificuldades na mediação e na recepção das turmas escolares dentro destes espaços, informações desconhecidas, carência de mediadores culturais capacitados e, inclusive, dificuldade de acessibilidade. A presente comunicação tem como objetivo demonstrar, através de exemplos – no campo da História contemporânea –, o modo como alguns destes contratempos podem ser solucionados por meio da pesquisa e formação contínua dos profissionais da área. Além disso, ressaltaremos a importância da comunicação interna nos espaços museais, como acervo *versus* exposição, pesquisa *versus* mediadores e profissionais *versus* público visitante.

Palavras-chave: Museu, História, Pesquisa, Mediação Cultural, Educação não-formal.

7 - APROXIMANDO A UNIVERSIDADE DA COMUNIDADE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID INTERDISCIPLINAR DA UCS E SUA INTERAÇÃO COM O INSTITUTO MEMÓRIA HISTÓRICA E CULTURAL

Anthony Beux Tessari / UCS - abtessar@ucs.br
Luiza Horn Iotti / UCS - lhiotti@ucs.br

O objetivo desse trabalho é o de apresentar a experiência do projeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência Pibid Interdisciplinar (História e Sociologia) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), desenvolvido em 2014, a partir da proposta da realização de um trabalho de conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio cultural – local, regional e global –, alertando que o mesmo deve ser valorizado na medida em que faz parte da vida da sociedade e é fator importante de sua identidade e memória. Em função disso, foi realizada uma parceria com o Instituto Memória História e Cultural (IMHC) da UCS como uma forma de aproximação às escolas da rede pública. Dessa parceria, surgiu uma série de projetos significativos, que resultaram em mostras fotográficas e oficinas. Entre as oficinas, destacam-se as que envolveram a problemática da Cultura Visual a partir da análise de propagandas em revistas ilustradas de diferentes contextos – como Careta, Fon-Fon, O Cruzeiro, Manchete, Capricho, Atrevida e TiTiTi. Além disso, foi realizada uma oficina de câmera fotográfica “pinlux”, confeccionada a partir de uma caixa de fósforos, com o objetivo de desenvolver o olhar para o patrimônio cultural existente na UCS.

Palavras-chave: patrimônio cultural, educação patrimonial, interdisciplinaridade, cultura visual, fotografia.

8 - O OLHAR DO ALUNO: EM BUSCA DE NOVAS METODOLOGIAS E ABORDAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Gláucia da Rosa do Amaral Alves / UNIFRA - glauciadaamaral@gmail.com
Jociléia Scherer /UNIFRA - jocischerer@gmail.com
Jamille Padoin Bonini / /UNIFRA - jamillepb@gmail.com

Diante da nova realidade escolar, a seguinte abordagem propõe a reflexão sobre os caminhos da atuação e formação do docente e as reivindicações de mudanças no ambiente escolar, decorrentes da complexidade em que se dá a educação escolar nos dias atuais. Com intuito de tornar o estudo da educação patrimonial instigante e proporcionar o ato de pertencimento, os bolsistas do Programa de Iniciação a Docência (PIBID), do Colégio Estadual Manoel Ribas, em Santa Maria (RS), no Subprojeto História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), propuseram uma atividade aos educandos estimulando a consciência sobre os bens públicos e sua respectiva conservação. Com a perspectiva e auxílio de seus celulares, foi proposto que os estudantes coletassem fotos da arquitetura e entorno do colégio, com a finalidade de que os mesmos se identificassem como sujeitos participantes da história. A partir desta proposta de ensino, de fotografar a sua realidade escolar, percebe-se um novo olhar de ensinar e aprender, o aluno passa a ser sujeito ativo da história. Logo, se torna essencial a busca de novas metodologias que facilitem ao professor a melhoria na qualidade do ensino. A escola é um ambiente de transformações, por isso se faz necessário conhecer os sujeitos inseridos no processo de formação, bem como tornar estes partes do ambiente escolar.

Palavras-Chave: História, Metodologias, Olhar, Patrimônio, Reflexão.

9 - POR UMA APRENDIZAGEM HISTÓRICA: ESTUDANDO A DIVERSIDADE CULTURAL LOCAL ATRAVÉS DE PROJETO

Dalva Neraci Reinheimer / Faculdades Integradas de Taquara - dalvahistoria@gmail.com

Ao trabalhar um recorte regional/local temos que ter algumas reflexões, como não restringir o estudo somente à realidade imediata, visto que a realidade local não se explica por si mesma, integra um contexto macro. Podemos afirmar que o conhecimento local permite a problematização histórica, o que é, alias, indispensável à formação de consciência histórica nos sujeitos e um dos objetivos do ensino de história. Na sua essência a abordagem histórica local através de temática “diversidade cultural” permite uma problematização dos objetos de estudo da história. Na prática é necessário haver um redimensionamento da figura do professor que passa a ser um pesquisador como uma medida das investigações para suas intervenções no processo ensino/aprendizagem. Sendo assim ao fazer a transposição didática do saber histórico para o saber escolar, precisa-se de um tema que contemple o estudo dos conteúdos sobre a formação e a realidade dos alunos envolvidos no processo ensino aprendizagem. É nessa relação que ocorre a problematização histórica. Este artigo apresenta um Projeto de Estudo que objetiva valorizar a diversidade cultural do Vale do Paranhana e para desenvolvê-lo optou-se pelo estudo do Patrimônio Histórico material e imaterial. No Projeto a aprendizagem adquire mais significado, pois a ênfase ocorre nas relações e nos procedimentos por meio dos sujeitos envolvidos; professores, alunos e a comunidade que participam através da pesquisa, das aulas e da socialização dos resultados.

Palavras-chave: Ensino de história – Patrimônio histórico – Projeto de Ensino – História local.

10 - O INVENTÁRIO DO COMENDADOR DOMINGOS FAUSTINO CORREA: PROCESSOS JUDICIAIS COMO FONTE DE PESQUISA E ENSINO

Carmem G. Burgert Schiavon / FURG - cgbschiavon@yahoo.com.br
 Virgíline Edi Gularte dos Santos Fidelis de Palma / FURG - ninavirgilina@vetorial.net

A presente proposta de comunicação consiste na exposição de possibilidades de pesquisa histórica junto aos autos do processo de inventário do Comendador Domingos Faustino Correa, bem como a proposição de atividades de pesquisa e ensino para alunos do ensino fundamental e médio da cidade do Rio Grande/RS. Os arquivos do Poder Judiciário constituem-se em um grande repositório de documentos oriundos das atividades judiciárias, espaço onde figura o interesse social, tanto como fonte de provas ou de história(s). Nesta direção, o processo configura-se como um vasto documentário, que tramitou na justiça do RS por 110 anos: com início no período imperial, em 1873, atravessou os primeiros passos da República e somente em 1984 teve seu deslinde final. Desse modo, por meio dos autos do inventário, pode-se trabalhar com a História em suas mais diversas nuances: jurídico-administrativa do Estado, demográfica, genealógica, do imaginário, estratificação social, do Direito, da estrutura linguística e história quantitativa. Isto posto, destaca-se que o processo de inventário do referido Comendador trata-se de um documento de valor histórico para o Poder Judiciário e para sociedade como um todo, tanto que recebeu a tutela institucional e o resguardo legal como patrimônio cultural do município do Rio Grande e encontra-se sob a custódia do Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande (CDH-FURG).

Palavras-chave: Processo Judicial, Arquivos, Patrimônio, Ensino e Pesquisa.

Sessão de Comunicação Acadêmica – III Práticas de Ensino – Bloco H

1 - O RPG COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: UMA AVENTURA POSSÍVEL?

Letícia Mistura / UPF – leticiamistura@gmail.com
 Pedro Alcides Trindade de Mello / UPF – atopam.pedro@gmail.com

Este artigo propõe a abertura de uma discussão sobre investigação histórica em sala de aula a partir de uma organização metodológica em formato de jogo - o RPG (Role-Playing Game, ou Jogo de Interpretação de Personagens) -, que viabiliza dimensionar o tempo histórico por meio de sua estrutura específica. Intenta-se desenvolver um conjunto argumentativo acerca das possibilidades e dos limites deste tipo de jogo no ensino de História, especialmente no que diz respeito a sua operacionalização como técnica em que os princípios de investigação histórica estejam presentes em sala de aula, mobilizados pelos conceitos históricos substantivos e de segunda ordem (LEE, 2001). Discute-se uma proposta de aula de História em que, aliado ao RPG, o curso metodológico da aula possa avançar para a efetivação de uma experiência de jogo em que estejam presentes, por sua modalidade própria de jogar (interpretar personagens imersos em tempo-espaço históricos), as operações do "pensar historicamente" que condicionam as ações dos estudantes em "vida" (no jogo) e em seu sentido. O texto orientar-se-á para uma breve discussão teórico-conceitual do RPG e suas interlocuções e relações com a educação, especificamente com o ensino de História, então enveredando uma preliminar discussão sobre a amplitude de suas contribuições para a formação de sujeitos conscientes historicamente e capazes de orientar-se e significar-se no tempo.

Palavras-chaves: Role-Playing Game, Investigação Histórica, Ensino de História.

2 - A PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lucimar Alberti / UFRGS -albertybr@yahoo.com.br

Vivemos, atualmente, numa sociedade profundamente marcada pelo audiovisual: filmes, documentários, clipes, novelas e seriados. Enfim, uma imensa variedade de artefatos que, através do uso de filmagens, atravessam nosso cotidiano, nos posicionando no mundo e nos constituindo enquanto sujeitos. Paralelo a isso, o uso de filmes e documentários é uma prática comum nas muitas salas de aulas espalhadas mundo a fora. O consumo de material audiovisual faz parte não apenas das nossas aulas como também habita o universo dos nossos estudantes, no espaço externo a Escola. Assim, buscando produzir uma prática pedagógica que seja ao mesmo tempo integrada ao seu tempo e que motive os estudantes, a produção de pequenas peças fílmicas parece ser uma boa alternativa. Assim, o relato de prática que me proponho a realizar no espaço que segue busca narrar o processo de produção de um pequeno vídeo, nas aulas de História, com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, ao mesmo tempo em que realizo a autocrítica desse processo.

Dessa maneira, apresentarei uma prática de ensino que propus junto uma das minhas turmas onde produzimos uma pequena representação cinematográfica do mito de Ísis e Osíris, que trata do surgimento da primeira múmia egípcia, enquanto culminância dos estudos acerca da Civilização Egípcia.

Palavras-chave: Ensino, História, Vídeo, Egito, Prática.

3 - Narrativa, jogo e Ensino de História a partir do RPG

André Luís da Costa Corrêa / UFRGS - andre.ufrgs@hotmail.com

Essa comunicação tem por base a pesquisa sendo conduzida dentro do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da UFRGS, ligado ao programa ProfHistoria. A pesquisa busca estabelecer relações entre o lúdico e o ensino de história, tomando como estudo de caso o RPG (*roleplaying-game* – “jogo de interpretação de personagem”), jogo cujo objetivo é a construção de narrativas abertas. Do ponto de vista pedagógico, a utilização de jogos em espaço escolar é considerada extremamente produtiva, seja pela capacidade de socialização promovida pela atividade lúdica, seja pelo seu teor exploratório. O jogo, entendido como simulação de realidade, permite que se realizem experiências em ambiente controlado – úteis ao ensino escolar. A disciplina de História em específico pode beneficiar-se dos chamados jogos pedagógicos por configurarem uma metodologia de ensino ampla e diversa da tradicional aula expositiva, bem como por se tornarem uma ferramenta capaz de ganhar a atenção e o interesse dos estudantes. O RPG em particular permite uma série de reflexões úteis ao saber histórico. Pela natureza do jogo onde se vivencia uma narrativa interativa é possível apresentar cenários históricos, reconstruir o passado como um campo de possibilidades e estreitar as relações entre história e narrativa. A metodologia da pesquisa envolve a análise dos chamados “rpg’s didáticos”, a aplicação do RPG em sala de aula e a observação de seus resultados, bem como a possível produção de um material (na forma de jogo) específico para o Ensino de História do Brasil.

Palavras-chave: narrativa, jogo, ensino de História, RPG.

4 - ENSINO DE HISTÓRIA: SABERES NECESSÁRIOS AO CURRÍCULO (1931-1971)

Gisele Belusso / UCS - giselebelusso@hotmail.com

A discussão acerca da teoria do currículo é a de sempre procurar compreender os sentidos produzidos sobre o conhecimento escolar. Torna-se recorrente interrogar quais saberes são mais importantes, ou quais são os saberes que devem ser ou não, ensinados nas escolas, visto que o currículo, em uma perspectiva ampliada, poderia ser uma ferramenta de ampliação das oportunidades de aprendizagem. Assim sendo, este entendimento nos remete a uma reflexão sobre assuntos e debates que envolvem a escolarização na atualidade. Caberia interrogar: É necessário discutir na escola a diversidade, seja ela de raça, de gênero, de etnia, de condição social? Por que caminhos a disciplina de História e com ela o currículo se constituiu? São novas essas questões? Como esses saberes circularam pelas escolas e fizeram parte das culturas escolares? O objetivo desse ensaio, então, é pensar alguns aspectos de como a disciplina de história e seu currículo se constituíram levando ou não em consideração essas questões, no recorte temporal de 1931 a 1971 e como refletiram nas culturas escolares nesse período. Utilizo como referencial teórico as contribuições da História Cultural e culturas escolares e como metodologia a análise documental.

Palavras-chave: currículo, história, teoria do currículo, culturas escolares, diversidade.

5 - RODAS DE CONVERSA NAS AULAS DE HISTÓRIA: ANCESTRALIDADE AFRICANA NAS REGIÕES DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

Juliano de Leon Viero Marques / IFsul – julianodeleonvm@gmail.com

Este artigo trata do desenvolvimento de rodas nas aulas de história, nas regiões de colonização alemã no RS, a respeito da ancestralidade africana. Para isso, é importante analisar a hegemonia das representações da ancestralidade germânica nessas regiões e a invisibilidade do africano e do afrodescendente. Os colonos alemães primaram por construir uma identidade entre eles no RS. A criação e a afirmação dessa identidade fomentou que na historiografia e na própria realidade dessas regiões, colonos sofressem grande valorização em detrimento a outros grupos étnicos (negros, entre outros). A invisibilidade do africano e do afrodescendente é visível. Nas escolas, o conteúdo que trata desses grupos representa a cultura e a história deles como complementares à história dos europeus e seus descendentes. No que toca as rodas de conversa relacionadas à ancestralidade africana, elas podem ser enquadradas em eixos temáticos de acordo com os relatos orais obtidos. No estudo feito em Sapiranga-RS, houve os seguintes eixos: Espaços da Africanidade, Protagonistas Afrodescendentes, Preconceito Racial e Religiosidade. Por fim, a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira está calcada, principalmente, na lei 10.639 de 2003, que tornou obrigatório o ensino sobre

História e Cultura Afro-brasileira. Essa é uma iniciativa que tenta resgatar contribuições de grupos étnicos que foram negligenciadas ao longo da história.

Palavras-chave: Africano, Afrodescendente, Invisibilidade, Roda de Conversa, Aulas de História.

6 - ALFABETIZAÇÃO AUDIOVISUAL: O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS RÁPIDAS E FLUÍDAS.

Mario Marcello Neto / UFPEL - mariomarceloneto@yahoo.com.br

No Ensino de História, um problema se constitui na alfabetização audiovisual que o professor deve proporcionar ao seu aluno ao propor trabalhar com tais ferramentas. Se o currículo escolar, segundo Da Silva (2011), encontra-se num dilema em contemplar (1) os conhecimentos que os alunos trazem e que interessam diretamente a eles e as realidades que os cercam e (2) o conhecimento de tipo específico no qual só na escola teriam a possibilidade de ter acesso a ele. Estes dois tipos de conhecimento, segundo Monteiro (2002), devem estar em equilíbrio. Isto não é diferente quando se trata de uma alfabetização audiovisual. Dúvidas sobre escolher “um filme épico ou um hollywoodiano famoso?” são extremamente frequentes e importantes de serem feitas, todavia o processo de reflexão e inserção do aluno a linguagens, enredos e narrativas diferenciadas é uma das funções primordiais do professor. Para isso, buscamos compreender as “brechas” que grandes produções audiovisuais constroem através de um discurso que contribui para formação de um sujeito pensante e ativo em sua sociedade. Este trabalho foca em discutir e problematizar oficina ministradas a professores da rede pública de ensino na cidade de Pelotas e seu impacto na construção de um saber capaz de propiciar o desenvolvimento do conhecimento histórico e contribuir para uma aprendizagem que além de compreender a história, em si, consiga permitir ao aluno analisar criticamente o seu cotidiano, neste caso, a mídia pela qual está rodeado.

7 - ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA: A EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFRGS ATRAVEZ DA DISCIPLINA ESTUDOS LATINO-AMERICANOS

Cassiano Floriano Fraga / UFRGS
Clara Martinez Falcão Pereira / UFRGS
Edson Antoni / UFRGS - professor.antoni@gmail.com

As pesquisas acerca do ensino de história apresentam-se como um campo bastante profícuo de estudos. Contudo, é possível perceber que algumas áreas ainda carecem de análises mais profundas. O ensino de história Latino-americana constitui-se como uma destas áreas carentes de pesquisa. Quando nos deparamos com os conteúdos relacionados à história Latino-americana percebemos que esses ainda são normalmente trabalhados com uma abordagem bastante tradicional. No que se refere à questão curricular, sua estrutura permanece praticamente a mesma desde o século XIX, preservando o caráter eurocêntrico no que diz respeito à sua abordagem. Porém, há outras possibilidades de olhar para o assunto e existem agentes que veem refletindo de maneira crítica sobre como tratar desta temática em de sala de aula. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP/UFRGS) possui como um de seus objetivos constituir-se como um espaço de criação e experimentação de novas estratégias e metodologias de ensino. Dessa forma, uma de suas propostas é explorar novas abordagens pedagógicas, que sejam capazes de criar alternativas às tradicionais formas de ensino. Nesta perspectiva insere-se a disciplina de Estudos Latino-Americanos que passou a figurar na grade curricular a partir do corrente ano como disciplina obrigatória para oitavos e nonos anos. Refletindo sobre o caráter colonialista e eurocêntrico que geralmente guia o ensino de América Latina nas disciplinas que tratam desta temática, a nova disciplina vem a se inserir como um meio de estabelecer não só um diálogo interdisciplinar, como também abrir espaço para experimentar novas abordagens em relação ao ensino de história do Subcontinente. Sendo coordenada pelo Departamento de Humanidades do Colégio, seu método abrange conteúdos de Geografia, Artes, Literatura, Língua Estrangeira e História de forma não linear/cronológica. Seus eixos temáticos compreendem desde a constituição do espaço latino-americano, seu processo de ocupação e diversidade cultural (assuntos referentes ao 8º ano) até a inserção do Subcontinente no sistema mundo, seus movimentos sociais e a atual realidade latino-americana (assuntos tratados no 9º ano). Como integrantes do subprojeto PIBID-História, através de práticas de observação, acompanhamento das aulas e intervenções, pretendemos discutir a relevância do significado desta disciplina no contexto latino-americano atual e refletir sobre o papel docente na elaboração do currículo de História.

Palavras-chave: Ensino de História; América Latina; Currículo; Interdisciplinaridade

8 - TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS E ENSINO DE HISTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA EM SALA DE AULA

Marcello Paniz Giacomoni / UFRGS - marcello_pgi@yahoo.com

Os professores de História, em suas aulas expositivas, fazem uso de variadas técnicas de persuasão, visando captar a atenção de seus alunos, afim de ensinar-lhes História. Esse processo de convencimento se constrói por caminhos aprendidos na formação acadêmica, na prática cotidiana da sala de aula e em diversos outros espaços. Algumas destas técnicas podem ser mapeadas a partir dos referenciais na Nova Retórica (em particular na obra de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, remetendo à *Retórica* de Aristóteles), especialmente no tocante aos tipos de argumentos que compõem um discurso persuasivo. No processo de construção das aulas, que passa pela preparação dos textos, representação das ideias e seleções de formas de instrução, analogias, metáforas, ilustrações, exemplos, hipérboles, dentre tantos outros recursos argumentativos e de estilo, são mobilizados levando em conta idade, gênero, classe social e outros marcadores identificados nos alunos. A presente comunicação analisará tais questões apresentando relatos de aulas de professores de história, analisando os tipos argumentativos mobilizados, em especial os silogismos, exemplos, ilustrações, comparações e metáforas.

Ensino de História, Retórica, professores, sala de aula, técnicas narrativas.

9 - "ATRAVESSANDO OS MUROS DA ESCOLA, ADENTRANDO OS MUROS DA UNIVERSIDADE": A INTERAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COM A UNIVERSIDADE PÚBLICA NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Janaina A. Contreiras / UFRGS - jana.contreiras@gmail.com
Michelle Sost / UFRGS - michellesost@gmail.com

O presente trabalho é uma reflexão sobre a prática pedagógica no estágio do ensino médio em escola pública que nos possibilitou a reflexão-ação-reflexão durante todo o período vivenciado no estágio sobre a função social dos docentes frente as questões da atualidade e o modo como os alunos vêm estas questões assim como seu futuro em sociedade. Este relato é sobre a saída de campo que realizamos com os nossos alunos. Trataremos de expor aqui como foi a experiência de sair do espaço escolar tradicional e adentrar o espaço universitário apresentando as possibilidades da emancipação do conhecimento para eles. Tivemos a intenção de instigar nos nossos alunos o desejo de ocuparem o espaço universitário para além de uma formação profissional, que pensassem a universidade como um espaço de formação de ideias, questionamentos e interação e cidadania.

Palavras-chaves: ensino de história, estágio, saída de campo, universidade, professor.

Sessão de Comunicação Acadêmica – IV Práticas de Ensino – Bloco H

1 - DIÁLOGOS COM A SEXUALIDADE: A OFICINA DANÇA DOS CORPOS DO PIBID HISTÓRIA

Caroline Duarte Matoso / UFPEL – carol13.matoso@hotmail.com
Larissa dos Santos Garcia / UFPEL - l.arissag@hotmail.com

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a oficina intitulada "Dança dos Corpos" criada pelo grupo Sexualidade, Gênero e Ensino de História, no primeiro semestre do ano de 2014 e inicialmente aplicada com o grupo de bolsistas do PIBID História UFPEL durante o evento interno chamado "Ensino de História e...". A oficina trabalha com o movimento do corpo, e tem por finalidade promover a reflexão acerca da construção da nossa sexualidade e contestar o sexismo existente em nossa sociedade. A sala de aula foi dividida em sexo feminino e masculino, onde cada bolsista deveria sentar na fileira do sexo ao qual se identifica, provocando a indagação sobre o sexismo na sociedade, sendo reservado um espaço para o gênero neutro. Na sequência foi solicitado que todos ficassem em pé e escolhessem um colega do mesmo sexo para dar início às atividades. Os pares formados foram orientados a dançar uma música inicialmente tocando nas mãos, posteriormente na cintura e, por último, encostando as testas. Pretendemos em conjunto com a oficina apresentada, desenvolver discussões teórico metodológicas que contribuam para a situação das discussões de sexualidade no campo da História e educação.

Palavras chave: PIBID, Gênero, Sexualidade, Ensino, História.

2 - CONFECÇÃO DE MÁSCARA AFRICANA: UMA METODOLOGIA PARA CONHECER A DIVERSIDADE DA CULTURA AFRICANA

Élen Waschburger / FACCAT – elen.was@gmail.com
Salette Rodrigues / FACCAT – salete.rogs@gmail.com

Trabalhamos com os alunos participantes do PIBID na Escola Felipe Marx/Taquara-RS o projeto interdisciplinar norteador entre as licenciaturas que aborda as Relações Étnico-Raciais. Abordamos inicialmente os aspectos culturais do povo africano, para quebrar com o *pré-conceito* criado muitas vezes. Percebemos que era necessário mostra-lhes primeiro a riqueza cultural do continente africano, seus troncos linguísticos e a diversidade cultural das tribos, utilizando imagens fotográficas e vídeos. Assim, propomos aos alunos produzir máscaras de ataduras com gesso, confeccionadas sobre seus próprios rostos com o auxílio de colegas. Após a secagem das máscaras, foi abordado com os alunos sobre as cores e simbologia adinkra, além de relatos sobre o uso das máscaras em festivais e os vários motivos de suas produções. Através da produção das máscaras pode-se perceber a motivação dos alunos em pesquisar e estudar a cultura africana e ansiosos por receberem suas máscaras de volta para exporem em casa e aos seus familiares.

Palavras-chave: PIBID, Relações Étnico-Raciais, Cultura, máscaras africanas.

3 - AS POTENCIALIDADES DO ENSINO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NA FORMAÇÃO DA CRITICIDADE DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA

Amanda Dal Cero / UCS - adcero@ucs.br
Silvia Lazzaretti / UNISINOS - slzzaretti@gmail.com

No presente artigo, através de experiências de ensino em escolas públicas da rede estadual de ensino na cidade de Caxias do Sul, as autoras pretendem discutir a utilização da História das Mulheres dentro das escolas públicas brasileiras afim de levantar questionamentos sobre a presença da mulher e seu protagonismo no currículo escolar, colaborar na construção de argumentação e do pensamento crítico dos alunos através da desconstrução de pensamentos vigentes na sociedade e assim colaborar no empoderamento e libertação social das estudantes. No decorrer do artigo, serão citadas diversas ferramentas e atividades já utilizadas por docentes para a promoção do debate e da reflexão acerca da temática proposta dentro dos conteúdos programáticos e dos planos de trabalho dos mesmos. Utilizar-se-á como referências autoras feministas que trabalham com História das Mulheres como Simone de Baeuvoir, Mary Del Priore, Natália Pietra Méndez e também as Leis Educativas.

Palavras-chave: História ensinada – História das Mulheres – Feminismo.

4 - A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID – UCS – SUBPROJETO DE HISTÓRIA

Fernando Menegat / PIBID/UCS - menegath@hotmail.com

Em decorrência da importância de trabalhar projetos de pesquisa na educação básica foram realizados na Escola Municipal Machado de Assis, trabalhos de pesquisa ao longo do ano letivo de 2014 e 2015, com duas turmas do 9º ano, com o apoio do PIBID- UCS - Subprojeto de História. Dentre os principais objetivos de trabalhar com projetos científicos no ensino básico destacam-se, proporcionar ao aluno autonomia em relação ao conhecimento, incentivar a leitura científica, aproximar pibidianos e alunos e relacionar o saber acadêmico com a prática escolar. Os resultados obtidos foram: a aproximação entre estudantes e bolsistas do PIBID ao longo da realização dos projetos de pesquisa, a transposição do conhecimento acadêmico para alunos da educação básica, o gosto pela pesquisa, pela leitura de materiais diversos, o que permitiu o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico dos alunos desde o ensino fundamental. Conclui-se que os conhecimentos trazidos pelos pibidianos, associados a um projeto na escola voltado para o incentivo da pesquisa científica na educação básica faz do PIBID – UCS - Subprojeto de História atuação destacada no sentido de fornecer aos alunos bolsistas uma vivência concreta do cotidiano escolar.

Palavras-chaves: PIBID, Projeto Científico, Educação Básica.

5 - A ESCRAVIDÃO NÃO ACABOU: ESPECISMO, EXPLORAÇÃO ANIMAL E OUTRAS TESES INCONVENIENTES*

Eduardo Alberto de Almeida / UFSM - eduardoalbertodealmeida@gmail.com
Jordana Guidetti Pozzebon / UFSM - jojo.pozzebon@zipmail.com.br
Vinicius de Oliveira da Motta / UFSM - vih.motta@gmail.com

Nosso trabalho teve por objetivo educativo o ato de demonstrar que o especismo, ou seja, a noção de que uma espécie é superior a outra, é uma questão tão problemática e repressora quanto o racismo ou o sexismo. Trouxemos para os estudantes debates a respeito do ato de justificar – histórica, cultural ou cientificamente (lembremo-nos da eugenia) – diferenciações de raça, sexo ou espécie como forma de manter a salvo interesses de determinados grupos de pessoas. A partir de um texto base do filósofo Stephen Law e de um documentário intitulado "A carne é fraca", a atividade consistiu em sensibilizar os estudantes quanto às questões do especismo e exploração animal e as implicações morais,

econômicas, ambientais e sociais desta realidade em nossa sociedade. Além disso, evidenciou questões filosóficas e históricas relevantes nos debates sobre esse tema, como a lógica de preservação dos preconceitos como mecanismo do conservadorismo em nossas práticas cotidianas e que temos naturalizado e apresentado como comportamentos moralmente aceitos dentro de nosso meio social.

Palavras chave: especismo; exploração animal; racismo; espécies.

6 - NARRATIVAS DA ANTIGUIDADE ORIENTAL-MESOPOTÂMIA

Gabriela Schmitt / UFSM - schmitt.gabriela@hotmail.com

Julio Ricardo Quevedo dos Santos / UFSM - j-quevedo@uol.com.br

A atividade a ser realizada na Escola Estadual de 1º Grau Professora Edna May Cardoso, com discentes do sexto ano do ensino fundamental dissertará sobre a Mesopotâmia e suas principais experiências, bem como seu legado para a contemporaneidade através de narrativas documentais, como a epopéia de Gilgamesh. A presença do conteúdo Antiguidade Oriental e o conhecimento da vida Mesopotâmica atuam como base para a construção da compreensão sobre como surgem os aspectos fundamentais da sociedade. A produção historiográfica nos permite ter uma visão aguçada sobre como se organizava a vida dos povos localizados no Crescente Fértil, encontram-se perspectivas sobre sua sociedade, economia e intelectualidade, trazendo novos elementos e problematizações. Os períodos e lugares ressaltados propõem um panorama diversificado acerca das percepções e possibilidades de interpretação do *modus vivendi* do homem naquele contexto, bem representado através de narrativas provenientes da época. A proposta se realizará através de intervenções literárias e interpretativas, que buscarão contemplar a temática dentro do ensino em história.

Palavras-chave: Antiguidade Oriental, Mesopotâmia, Ensino de história.

7 - UMA HISTÓRIA INFAME: MARIA BALTEIRA E SUAS POSSIBILIDADES NA SALA DE AULA

Carlos Eduardo Ströher / FEEVALE - carloseduardo@feevale.br

Cláudia Gisele / FEEVALE - claudiamasiero@feevale.br

Cláudia Santos Duarte / FEEVALE - claudiasa@feevale.br

Esse estudo apresenta a personagem medieval Maria Balteira como possibilidade pedagógica, a fim de problematizar a importância de sujeitos considerados anônimos para a contextualização histórica e social, com vistas a incentivar a tomada de consciência do estudante acerca do seu próprio potencial como protagonista histórico. Embora na atual historiografia haja urgência em falar sobre os grupos sociais não hegemônicos; no contexto escolar, essa temática ainda não aparece de forma efetiva. Os livros didáticos, por exemplo, normalmente absorvem a produção acadêmica e refletem uma historiografia tradicional, com pouca visibilidade a registros de indivíduos anônimos. O trabalho propõe um roteiro pedagógico que dá relevância à personagem Maria Balteira e que a contextualiza no cenário cultural da Idade Média, por meio das cantigas medievais que a mencionam. O referencial teórico que sustenta essa abordagem é definido pela intersecção de estudos literários, tomando por base Manuel Lapa (1995), e históricos, focalizando Peter Burke (2010), Ronaldo Vainfas (2002) e Michel Foucault (2003). Esses autores apresentam possibilidades de uma história mais abrangente e, ao mesmo tempo, conferem ênfase ao que se convencionou micro-história, lançando luz sobre os chamados "protagonistas anônimos", cujas histórias "infames" são portadoras de elementos importantes a serem discutidos e refletidos pelos professores de História em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Balteira, protagonistas anônimos, história infame, micro-história.

8 - AVÓS EM EXPERIÊNCIAS: A MEMÓRIA COTIDIANA, O ESPAÇO DA SALA DE AULA E O FAZER PEDAGÓGICO NO ENSINO DA HISTÓRIA .

Izabel Cristina Durlin Menin – UCS - izadurlin86@gmail.com

Eliana Rela - UCS

Este estudo trata-se de uma experimentação do Ensino da História Local com a produção de fontes, onde se faz uso do blog, uma mídia de comunicação, para o registro escrito das memórias individuais e coletivas presentes no espaço escolar e na comunidade. Estas memórias, individuais e coletivas, fazem parte da dinâmica da sala de aula, tornando-se vivas no contexto escolar, necessitando, portanto, de abordagens metodológicas que acompanhem a velocidade vertiginosa das mídias digitais para que possam explorar, assim, formas de sua inserção no ciberespaço. As escolas caracterizam-se como espaços privilegiados de construção de identidade e memória coletiva. Assim, o objetivo é relatar as experiências obtidas, junto aos avós, por meio de um projeto desenvolvido com as alunas do 2º e 3º Ano do Curso Normal, do Colégio Regina Coeli de Veranópolis. O estudo desenvolveu-se sob a perspectiva de entrevistas orais com

posterior registro do relato em blog. A escolha de um meio digital para o registro dos relatos orais se justifica pelo fato de existir a necessidade de inserir ferramentas tecnológicas nas atividades relacionadas ao Ensino de História. A partir da análise do conteúdo do blog, que são as vozes silenciadas, buscou-se demonstrar o potencial que possuem as fontes produzidas no âmbito privado como fotografias, cartas, objetos pessoais de valor material e imaterial.

Palavras-Chave: Memórias, Identidade, Ensino de História, Mídias de Comunicação.

9 - LITERATURA FANTÁSTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HARRY POTTER E TEORIAS RACIAIS NA SALA DE AULA

Helen da Silva Silveira / UFSM - helen.dasilvasilveira@gmail.com

Mauricio Hiroshi Filippin Oba / UFSM - mhfoaba@gmail.com

O presente trabalho trata de uma atividade realizada pelo Pibid, na Escola Estadual de Ensino Médio Paulo Lauda em Santa Maria. Propôs-se o uso da série literária e fílmica Harry Potter, de autoria de J.K. Rowling, como ferramenta para o ensino de história, tendo em vista abordar a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Pretendeu-se com essa atividade auxiliar os alunos a compreender o processo de elaboração e apropriação das teorias raciais na partilha da África e da Ásia pelos regimes fascistas; demonstrar e entender como identidades e coletividades são construídas; utilizar-se da literatura de fantasia como forma de facilitar e estimular o ensino aprendizagem de história; aproximar questões históricas do cotidiano dos alunos através da problematização de conceitos como racismo e etnia. Ao se utilizar de uma metodologia de aula expositivo-dialogada, construíram-se a partir de trechos da obra literária, relações entre a realidade cotidiana dos alunos, enfatizando o impacto de diferentes culturas em seu dia-a-dia e atraindo a sua atenção, tanto para o mundo da leitura, como para as aulas de história. Obteve-se uma participação tímida dos mesmos, tendo em vista que foi uma aula diferenciada, porém os alunos puderam se questionar sobre questões diárias com que eles se deparam e perceberem as relações históricas aí existentes.

Palavras-chave: Ensino de história, Literatura Fantástica e Raças.

10 - PRÁTICAS E DINÂMICAS HISTÓRICAS EM SALA DE AULA

Marisa Lima da Silva / FACCAT - marisasilva@outlook.com

Matheus Mathias / FACCAT - matheushistoria@aluno.faccat.br

Renan Monteiro Dreyer – FACCAT - renanmonteirod@hotmail.com

O presente artigo busca relatar as ações desenvolvidas com os alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) no Colégio Estadual João Mosmann, com os alunos pertencentes a Turma 304. Através do tema "As Relações Étnico-Raciais", buscou-se realizar atividades mais dinâmicas e práticas com os discentes, tendo como pontos-chave escolhidos "A Cultura da Senzala", "Religiões afro-brasileiras", "Simbologia das tribos africanas" e "Sarau do Conhecimento", este último em desenvolvimento. Ao iniciar as atividades pré-determinadas, havia-se ciência de possíveis dificuldades, em razão de grande desconhecimento sobre o assunto pelos educandos, em especial pela religiosidade africana, observando o histórico da região a que pertencem, de ser uma colônia de imigrantes alemães, sendo o enfoque principal de pesquisas regionais. Como forma de atrair a atenção dos mesmos, foi pensado juntamente com a coordenação do projeto e o professor titular da turma, cuja escola está situada no Vale do Rio dos Sinos, aulas em que os alunos tivessem oportunidade de *manusear* o tópico estudado conjuntamente com a teoria, sendo ela apontada como o principal motivo de desinteresse pela disciplina de História. A partir desta problematização, foi propício para o grupo bolsista elaborar trabalhos pedagógicos que possibilitou aproximar os aprendizes ao conteúdo aplicado.

Palavras-chaves: dificuldades, desconhecimento, manusear, desinteresse, aproximar.